



AVALIAÇÃO DE EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS:
O QUE SABEMOS SOBRE O PÓS-PROJETO?

Eliane Birman

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Marcos do Couto Bezerra
Cavalcanti

Rio de Janeiro
Abril de 2016

AVALIAÇÃO DE EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS:
O QUE SABEMOS SOBRE O PÓS-PROJETO?

Eliane Birman

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZCOIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Examinada por:

Prof. Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti, D.Sc.

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Junior, Dr. Rer. Pol.

Prof^a Rita de Cassia Monteiro Afonso, D.Sc.

Prof^o Jailson de Souza e Silva, D.Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ – BRASIL

ABRIL DE 2016

Birman, Eliane

Avaliação de Egressos de Projetos Sociais: O que sabemos sobre o pós-projeto? / Eliane Birman.– Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2016

XI, 109 p.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2016.

Referências Bibliográficas: p. 103 - 109.

1. Avaliação 2. Egresso. 3. Programas e Projetos Sociais. I. Cavalcanti, Marcos do Couto Bezerra II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III. Título.

Para o meu neto José Miguel.

*O milagre da vida se reproduz. Só os avós
sabem todo o sagrado ali encerrado e que
quando acontece a um de nós é sempre
único.*

*Meu coração transborda de amor e
felicidade.*

AGRADECIMENTOS

No caminho da construção dessa dissertação, busquei estar com cada um que fez e que faz parte da minha história e com cada uma das instituições aonde trabalhei. Obrigada!

As minhas filhas, Maria e Alice, parceiras que não se cansam de serem minhas filhas.

Aos meus pais que acompanham de perto a minha trajetória de vida e sabem que sou feliz!

Aos meus irmãos, Eduardo, Gisele e Gustavo, pelo amor incondicional.

Aos meus orientadores Marcos Cavalcanti e Roberto Bartholo pela generosidade acadêmica.

A Rita Afonso, por quem tenho uma profunda admiração pessoal e acadêmica.

Muito amor e gratidão.

Resumo da Dissertação apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

AVALIAÇÃO DE EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS:
O QUE SABEMOS SOBRE O PÓS-PROJETO?

Eliane Birman

Abril/2016

Orientador: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

Programa: Engenharia de Produção

Esse trabalho busca elucidar questões sobre avaliação de projetos sociais, focando na contribuição da avaliação de egressos para os projetos. O objetivo é identificar as transformações nas vidas dos jovens participantes de projetos sociais decorrentes da sua inserção nesses espaços. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico sobre as concepções teóricas da avaliação e de programas e projetos sociais. Nesse processo foram elencadas metodologias comumente utilizadas, buscando compreender seus limites. As formas de avaliação utilizadas pelas organizações da sociedade civil são essenciais para legitimar os projetos sociais. Procuramos responder em que medida as metodologias utilizadas são efetivas, ajudam ou atrapalham a construção dos projetos. Acreditamos que os programas e projetos sociais deveriam ter como prioridade conhecer as transformações que ocorrem na vida dos jovens após sua participação nos mesmos. A Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) foi utilizada como estudo de caso. Foram levantadas informações sobre os egressos da ESPOCC no período de 2006 a 2013 através de entrevistas semiestruturadas. A partir dos elementos obtidos pela pesquisa buscou-se analisar as possibilidades de ação da ESPOCC no processo de formação dos jovens. Concluímos que seria de grande valia a implementação da avaliação de egressos na ESPOCC assim como em projetos similares.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.).

GRADUATES EVALUATION OF SOCIAL PROJECTS:
WHAT DO WE KNOW ABOUT THE POST-PROJECT?

Eliane Birman

April/2016

Advisor: Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

Department: Production Engineering

This work seeks to elucidate questions about evaluation of social projects, focusing on the evaluation of the contribution of graduates for the projects. The goal is to identify the changes in the lives of young people participating in social projects arising from their inclusion in these spaces. For this, we conducted a bibliographic study of the theoretical concepts of evaluation and social programs and projects. In this process we listed commonly used methods, trying to understand their limits. The evaluation forms used by civil society organizations are essential to legitimize the social projects. We seek to respond to what extent the methods used are effective, help or hinder the construction of the projects. We believe that it should be a priority to social programs and projects to know the changes that occur in the lives of young people after their involvement. The Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) was used as a case study. We collected information about ESPOCC graduates in the period from 2006 to 2013 through semi-structured interviews. From the data obtained by the research we sought to analyze the possibilities ESPOCC brings to the formation of young people. We concluded that the implementation of graduate's evaluation would be of great value to in ESPOCC and similar projects.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 POR QUE EU?	2
1.2 POR QUE ELES, OS JOVENS?	7
1.3 O QUE QUEREMOS SABER?.....	10
1.4 ITINERÁRIO DA PESQUISA.....	11
2. PERCURSO METODOLÓGICO	13
2.1 A FASE EXPLORATÓRIA	16
2.2 TRABALHO DE CAMPO	20
2.3 ANÁLISE E TRATAMENTO	24
3. LACROU: AVALIAÇÃO, EGRESSOS E PROJETOS SOCIAIS - UMA NOVA VISÃO	26
3.1 AVALIAÇÃO DE EGRESSOS: NA EDUCAÇÃO FORMAL E NOS PROJETOS SOCIAIS.....	27
3.2 AVALIAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS	31
3.3 O FORTALECIMENTO DA AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS E PROJETOS.	40
4. CAMPO.....	42
4.10 OBSERVATÓRIO DE FAVELAS: O TERCEIRO SETOR E A AVALIAÇÃO DE PROJETOS.....	42
4.1.1 ESPOCC.....	50
4.1.2. APROXIMANDO A AVALIAÇÃO DA GESTÃO.....	54
4.1.3. A AVALIAÇÃO NA ESPOCC	56
5. A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS NA ESPOCC.....	64
5.1 JOVEM_1: CINEASTA	65
5.2 JOVEM_2: BLOGUEIRA.....	70
5.3 JOVEM_3: DESIGNER	74
5.4 JOVEM_4: EMPREENDEDORA.....	79
5.5 JOVEM_5: ESCRITOR.....	83
5.6 JOVEM_6: POETA	86
5.7 JOVEM_7: MULTIARTISTA	91
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
7. BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Duração, data e local dos depoimentos coletados.	25
Figura 2 - Ondas avaliativas. Adaptação da autora. Fonte: Silva (2013, p. 20 – 30).	39
Figura 3 - Parcerias ESPOC 2014-2015. Fonte: Projeto Renovação ESPOCC.	51
Figura 4 - Modelo participativo e instâncias de gestão. Fonte: (MONTEIRO, 2013, p.228) adaptado pela autora.	55

LISTA DE SIGLAS

ABONG	Associação Brasileira de Organizações não Governamentais
APE	Acompanhamento do Pós-Escolar
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAT	Centro Educacional Anísio Teixeira
CECIP	Centro de Criação de Imagem Popular
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
COPPE	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia
CUFA	Central Única das Favelas
DNER	Departamento de Estradas de Rodagem
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESPOCC	Escola Popular de Comunicação Crítica
ETS	Escolas Técnicas de Saúde
FASFIL	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos
FLUPP	Festa Literária das Periferias
FRM	Fundação Roberto Marinho
GIFE	Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JMV	Juventude Marcada para Viver
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome
MEC	Ministério da Educação
MQL	Método do Quadro Lógico
ONG	Organização não Governamental
OSC	Organizações da Sociedade Civil
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PIA	População em Idade Ativa
PNAD	Programa Nacional por Amostra de Domicílios
PROFAE	Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem
RD	Razão de Dependência
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SUS	Sistema Único de Saúde
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1. INTRODUÇÃO

“[...] existe uma lógica que os garotos das favelas não têm desejos, utopias, não tem sede de inventar. [...] que eles estão sempre numa perspectiva de serem inseridos no mercado de trabalho. Tem um amigo meu que tem uma fala ótima, que é o Veríssimo, que criou o Teatro na Lage e eu gosto de perguntar a ele: Veríssimo, você perdeu muitos meninos pro tráfico de drogas? Pro tráfico de drogas nunca perdi nenhum, mas pra Casas Bahia, Mac Donald’s e Bob’s já perdi vários. Então, efetivamente era a ideia de que você bota esse menino, insere no mercado produtivo e acaba com a ideia de invenção e de perspectivas de desejo”. (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

Os projetos sociais e as políticas públicas para juventude tem um papel estratégico, dentro do cenário das transformações demográficas, que o Brasil vem experimentando. Isso por que o processo de transição demográfica provoca diversas e sucessivas mudanças na estrutura etária da população trazendo consequências para o crescimento econômico e para a estrutura dos gastos públicos.

Iniciada a transição demográfica, “um dos mais repentinos fenômenos sociais ocorridos na história da racionalidade humana” ALVES (2008), já se pode perceber uma desaceleração do crescimento populacional (queda das taxas de mortalidade e natalidade), um processo de urbanização intenso e ainda uma população majoritariamente jovem que deverá ter como contrapartida políticas sociais. Quando chegarmos à transição plena será possível perceber a alta na urbanização, a redução da fecundidade e o aumento da população em idade adulta.

“O Brasil e a América Latina encontram-se em uma fase intermediária da transição demográfica, (...) o que pode representar uma grande vantagem competitiva para o desenvolvimento econômico e social da Região”. (ALVES, 2008).

O primeiro impacto se dará com a elevação da parcela da população em idade ativa (15 a 64 anos) o que inclui a juventude e poderá favorecer o desenvolvimento econômico e social do país. Este fenômeno provocado pelas mudanças na dinâmica populacional é, de forma sintética, chamado de “bônus demográfico”, ou “janela de oportunidade” e neste momento a qualificação profissional, o ensino superior e a saúde da população adulta deveriam ser prioritários. (JANNUZZI, 2006; ALVES, 2009).

A Janela ou o Bônus de Oportunidade começa quando a porcentagem da População em Idade Ativa (PIA - 15 a 64 anos) é igual ou maior que a porcentagem que a Razão de Dependência (RD - crianças e idosos). Segundo Alves, (2008) a Janela de Oportunidade começou em 1995 e irá até 2055, ou seja, um período de 60 anos, mas será no período entre 2020 e 2025 o momento de maior abertura da Janela de Oportunidade brasileira. A partir de 2025 ela começa a se fechar até perder todas as vantagens a partir de 2055.

O Brasil nunca esteve em condições tão favoráveis, pelo lado demográfico, para romper com o círculo vicioso da pobreza. A população está crescendo cada vez menos, aumentando a proporção de pessoas em idade para trabalhar e menores razões de dependência, como maior inserção feminina no mercado de trabalho e um número crescente de homens e mulheres com maior escolaridade e assim, com maior potencial produtivo. A partir deste cenário o autor nos traz uma importante reflexão:

“Todos os benefícios da Janela de Oportunidade demográfica seriam de pouca valia se não houvesse um aumento dos investimentos em educação e uma maior qualificação de homens e mulheres”. (ALVES, 2008).

A partir de um recorte na população em idade ativa iremos falar especificamente da juventude, público alvo dessa dissertação. Segundo o Censo 2010¹ temos no Brasil 51,3 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade, o que equivale a ¼ da população do país. Esse arco de idade se justifica em função do período de transição que marca a etapa juvenil pelas suas trajetórias longas, intermitentes e muitas vezes não lineares de formação, inclusão e desenvolvimento da autonomia.

1.1 POR QUE EU?

Aos 14 anos escolhi ser professora, aos 17 anos terminei o curso normal (formação de professores – nível médio) e assumi minha primeira turma de Educação Infantil, ao mesmo tempo em que iniciava o curso de Psicologia. As transformações que ocorreram na minha vida ao entrar para a Universidade e para o mundo do trabalho simultaneamente foram vividas com intensidade. As portas pareciam se abrir para que

¹<<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Integra do documento. Acesso em: 26 dez. 2015.

eu pudesse explorar dois mundos dentro do mesmo cenário, que eram esses espaços formativos, por onde até hoje caminho. Os valores que trago comigo – solidariedade, tolerância, inclusão, diversidade, autonomia, coletividade e sustentabilidade socioeconômica e ambiental - partem do meu comprometimento com o desenvolvimento do ser humano que é atravessado por pessoas e instituições, construídos a partir da minha história de vida, do meu percurso profissional e pelo meu caminho no campo acadêmico, desvelados aqui em síntese.

Trabalhei em escolas privadas ao longo de oito anos e faço um destaque especial para o CEAT² - Centro Educacional Anísio Teixeira que junto com a Universidade ampliaram radicalmente meu repertório e minha visão de mundo. Fundado em 1981 o CEAT carrega com orgulho o nome de um dos grandes educadores brasileiros que sempre inspirou os ideais democráticos de educação para todos.

Na década de 1990 concluí o curso de Psicologia, com Bacharelado e Licenciatura e comecei a trabalhar em uma produtora com produção de conteúdo audiovisual direcionado à educação. Buscando ampliar as atividades da produtora apresentei-me na TV Educativa (atualmente EBC³) e fui convidada para compor o time da TV Escola⁴, que em 1996 estava em seu primeiro ano de existência. O canal da Educação, a televisão do Ministério da Educação compartilhava a estrutura técnica da TV Educativa. Assim iniciava minha atuação na área de Comunicação.

Tive o privilégio de conhecer e registrar inúmeras experiências educativas nas escolas públicas de quase todos os estados brasileiros, junto com uma equipe técnica que também se envolvia com as histórias locais. Coordenei diferentes projetos na

² “Em 1981 o CEAT se constitui uma escola privada. Em 1984, como culminância de um processo de discussões internas, orientadas pela mentora desse projeto, Therezinha Gonzaga Ferreira, a escola cria uma nova identidade, transformando-se numa sociedade sem fins lucrativos, gerida pelos seus funcionários. Dessa forma, até a presente data, o CEAT mantém o seu projeto político-pedagógico sempre batizado em relações democráticas entre todos os que aqui trabalham e constroem essa proposta educacional”. <<http://www.ceat.org.br/quemsomos/quemsomos.html>> Acesso em: 14 dez. 2015.

³ Empresa Brasil de Comunicação, mais conhecida pela sigla EBC, é uma empresa pública do Brasil, criada em 2007 para gerir as emissoras de rádio e televisão públicas federais.

⁴ A TV Escola é o canal da educação, a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores, educadores, alunos e a todos interessados em aprender. Atualmente é uma plataforma de comunicação baseada na televisão e distribuída também na internet. Estima-se um público potencial neste segmento de cerca de 18 milhões de assinantes. <http://tvescola.mec.gov.br/tve/sobre>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Gerência de Educação da TV Educativa e busquei uma pós-graduação em Comunicação⁵ ao mesmo tempo em que estudava a interface entre os campos da Comunicação-Educação⁶.

Em 2001, desliguei-me da TVE para aceitar o convite de coordenar projetos educacionais na Fundação Roberto Marinho – FRM⁷, onde atuei por 11 anos. Estávamos atentos aos desafios da sociedade brasileira e em permanente esforço para elaborar projetos que tinham a clara intenção de contribuir com ações de educação em escala, uma importante via para a superação dos desafios de desenvolvimento social, cultural e econômico patentes no cenário brasileiro atual e no horizonte de futuro de nossa sociedade.

Ao longo de dois anos pesquisamos diferentes formatos de materiais didáticos e plataformas digitais, promovemos encontros que contaram com a participação de Secretarias Estaduais de Educação, com educadores de diferentes áreas do conhecimento e institutos e empresas do mercado educacional para compartilhar e ouvir críticas sobre o que estávamos pensando em desenvolver – uma nova Tecnologia Educacional. O modelo metodológico se pautava em uma perspectiva pedagógica marcada pela integração interdisciplinar, orientada para o desenvolvimento de competências e didaticamente baseado em princípios de contextualização e aprendizagem significativa a partir da resolução de situações-problema. Mesclava educação presencial, por meio de grupos de estudos (professores) e encontros de interação com os participantes (professores, diretores e técnicos), com aprendizagem em rede, em plataformas virtuais a partir de um paradigma complexo, envolvendo três pilares estruturais, mídias, mediação e publicações e a gestão de informação a partir do monitoramento (avaliação de processos).

⁵Aluna da primeira turma do Curso de Comunicação Jornalística criado pelo professor Emir Sader e oferecido pela Universidade Cândido Mendes.

⁶“Entre os anos 2000 e 2011 a CAPES registrou a produção de 80 dissertações e teses, sendo 37 somente na USP em torno do conceito de Educomunicação. A Educomunicação dá ênfase central aos aspectos ligados à emancipação dos sujeitos por meio da construção de competências comunicativas do tipo dialógica, conforme bem traçado por Ismar Soares (2009a, p.197-198). Todas as linhas de pesquisa formalizadas na Educomunicação tocam de forma mais ou menos forte (mas sempre forte) as tecnologias, trabalhando para concebê-las como mediações, muito além de uma mera perspectiva instrumental”. (Trechos da Tese - Monteiro, 2012).

O Multicurso foi o primeiro projeto da FRM que incluía no desenho inicial do projeto a avaliação de processos (ações de monitoramento) e a avaliação de resultados (avaliação externa), buscando verificar se a implementação estava ocorrendo conforme o planejado e se os resultados previstos estavam sendo alcançados. A construção de um sistema de monitoramento e avaliação estruturado e a utilização do Método do Quadro Lógico (MQL)⁸ foram fundamentais para a gestão do projeto no sentido de promover novas aprendizagens, de elaborar um plano de comunicação com as partes interessadas, de divulgar os resultados atingidos, alocar os recursos necessários e compartilhar as lições aprendidas que irão impactar os passos futuros.

O Multicurso Matemática foi implementado como política pública, nos estados de Goiás e no Espírito Santo e foi selecionado pelo MEC – Ministério da Educação para compor o 1º Guia de Tecnologias Educacionais⁹ que tem como objetivo “oferecer aos sistemas de ensino uma ferramenta a mais que os auxilie na decisão sobre a aquisição de materiais e tecnologias para uso nas escolas brasileiras de Educação Básica pública¹⁰”. (MEC, 2015)

O rigor com os processos e a qualidade dos relatórios de monitoramento e avaliação produzidos ao longo dos projetos que gerei foi fundamental para a minha participação em congressos nacionais e internacionais¹¹ para apresentar a tecnologia educacional, os resultados dos projetos, culminando com a publicação do artigo na

⁸ O MQL é um conjunto de ferramentas abertas para o planejamento e gerenciamento de projetos. Seu objetivo é proporcionar um quadro claro e racional para o planejamento de atividades e determinar como medir o sucesso de um projeto, sempre considerando os fatores externos.

⁹ Diário Oficial da União – Sessão 1 . Nº 233, segunda-feira, 7 de dezembro de 2009 ISSN 1677-7042. <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2171-portaria-1144-resultado-final&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 20 dez. 2015.

¹⁰ <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9909-guias-tecnologias-2011-12&Itemid=30192 Acesso em 20 dez. 2015.>.

¹¹ Participação no projeto 2º Congresso Internacional de Avaliação em Educação (2010), Congresso da Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação (2011), American Evaluation Association (California, EUA, 2011), e Online Educa Berlin (Berlim, Alemanha, 2011). Prêmios recebidos pelo projeto: 2º Prêmio Telemar de inclusão Digital (2005), Prêmio e-Learning Brasil – Tecnologia em Educação e negócios (2005, 2006, 2007 e 2008).

Revista da Fundação Carlos Chagas sobre Estudos em Avaliação Educacional¹² sobre a experiência do Multicurso.

No período de 2006 a 2012 assumi a Gerência de Tecnologia Educacional de todos os projetos da minha área, entrei para o MBA de Gestão Executiva da COPPEAD-UFRJ¹³ e em seguida fiz a formação do PMI¹⁴ em gerenciamento de projetos. Ambos os cursos foram fundamentais para ampliar meus conhecimentos sobre gestão de projetos.

Atualmente como consultora e gestora de projetos compreendo que a implementação de programas e projetos educacionais/sociais é um processo permanente de pensar e repensar as práticas, os indicadores e os resultados, o que significa estabelecer e garantir processos de monitoramento e avaliação, visando à melhoria da implementação em curso e associando os resultados obtidos às expectativas iniciais de implementação de todas as partes interessadas. Estas duas instâncias, de avaliação e de gestão, aplicadas ao longo do projeto tem como finalidade rever cotidianamente práticas e procedimentos para melhor atender aos beneficiários; registrar as lições aprendidas sobre o processo; compartilhar informações com as Organizações da Sociedade Civil (OSC) e Instituições de Ensino Superior (IES) para gerar novas reflexões sobre os processos e funcionar como insumo de pesquisas acadêmicas.

Para esta dissertação seguirei um caminho que contempla uma abordagem integrada e contextual entre os jovens egressos, os projetos sociais e os processos de avaliação, alicerçados no meu percurso acadêmico/multidisciplinar e na minha

¹² Artigo publicado pela Fundação Carlos Chagas: Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, BIRMAN, E. ; LOPES, I. C. R. Multicurso matemática: avaliação e aprimoramento. v.24,n 54, p.276-303, jan./abr..2013.

¹³ O MBA é voltado para executivos com pelo menos 10 anos de experiência em gestão que buscam desenvolver conhecimentos e habilidades de direção. Acesso em 4 jan. 2016. <<http://www.coppead.ufrj.br/pt-br/projetos-executivos/mba-executivo/programa/>>

¹⁴ O Instituto de Gerenciamento de Projetos (Project Management Institute PMI) é a uma das maiores associações para profissionais de gerenciamento de projetos. <<https://brasil.pmi.org/brazil/AboutUS/WhatIsPMI.aspx>> Acesso em: 09 dez. 2015

experiência com os projetos transdisciplinares que projetei, colaborei, coordenei e gerenciei.

Vocês estão convidados a embarcarem comigo neste novo caminho, que só está começando.

1.2 POR QUE ELES, OS JOVENS?

Temos no Brasil de hoje mais de cinquenta milhões de jovens entre 15 e 29 anos, ou seja, ¼ da população que ainda é muito atravessada pelas desigualdades. Desmistificar estereótipos das décadas anteriores e colocar os jovens como sujeitos protagonistas que são, no cenário contemporâneo, amplia a participação social permitindo que eles consigam expressar seus desejos, conhecer a si mesmo e traçar planos para sua vida.

Do ponto de vista histórico partindo do período marcado pela ditadura militar, a juventude viveu um vácuo político e cultural acompanhado na sequência pela recessão e ampliação da pobreza. Na década de 1980, foram incluídas políticas para juventude no âmbito da Constituição de 1988 e instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA internalizando uma série de normativas internacionais¹⁵ reservando à juventude programas e projetos sociais que na prática significavam capacitação e inserção produtiva executada a partir de parceria entre governos e organizações do terceiro setor, apoiados por organismos internacionais. A partir da década de 1990, os estudos se debruçam em compreender o comportamento e estilos dos jovens proporcionado que a juventude passasse a ser vista no plural. Neste novo século, as pesquisas se concentram em novas temáticas como o engajamento nas redes sociais, a ampliação da atuação cultural e micropolíticas cotidianas através da participação da juventude ao mesmo tempo em que se faz crescente a violência associada principalmente aos jovens de espaços populares, moradores de periferia. (OLIVEIRA, 2013).

¹⁵ Normativas internacionais: Declaração dos Direitos da Criança; Regras mínimas das Nações Unidas para administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing; Diretrizes das Nações Unidas para prevenção da Delinquência Juvenil.

“Diversas pesquisas sobre juventude, desenvolvidas no âmbito acadêmico ou por ONGs, ajudaram a produzir informações e a acumular experiências sobre o que fazer e, o que não fazer no âmbito das políticas públicas de juventude. Alguns consensos começam a se firmar: o entendimento dos jovens como sujeitos de direitos, a diversidade da realidade juvenil, a juventude enquanto uma condição singular e a necessidade de respostas diferentes para situações diversas. Todavia pouco se sabe a respeito do impacto dessa produção de conhecimento junto aos formuladores de políticas de juventude. E principalmente, há desconhecimento sobre o lugar que diferentes grupos juvenis têm ocupado nos espaços públicos de participação”. (GIL, 2009, pg. 49).

No intuito de construir uma política nacional de juventude que converse com a realidade dos jovens, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) a partir dos seus objetivos estratégicos criou o Participatório: Observatório Participativo da Juventude¹⁶ e desenvolveu em 2013, a Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013 - Relatório Preliminar¹⁷ para conhecer as suas realidades, opiniões e demandas, formas de participação, características sociais, demográficas, políticas e culturais da vida da população juvenil no Brasil.

[...] as iniciativas governamentais têm cada vez mais sido construídas a partir de diagnósticos sobre as principais carências da população e suas necessidades mais prementes. Portanto, passa a ser mais ainda relevante atuar sobre a elaboração de pesquisas e diagnósticos, de modo a melhorar continuamente suas metodologias, com o objetivo de afinar a relação entre o olhar das instituições de pesquisa e as necessidades das camadas da população pesquisadas (CONJUVE/FEV, 2006).

Como os jovens avaliam suas condições de vida, perspectivas de melhora e futuro e também como veem o país? Pela primeira vez temos uma geração formada na democracia que julga como temas de maior importância a realização financeira, suas

¹⁶ “Plataforma virtual que tem como finalidade a produção do conhecimento, dados, monitoramento, avaliação e gestão da informação das políticas públicas para a juventude, a partir da mobilização e participação de jovens, organizações juvenis, redes de pesquisadores, gestores e parceiros”. <<http://juventude.gov.br/participatorio/#.VeotgRHBzGc>> Acesso em: 05 ago. 2015.

¹⁷ “Pesquisa de opinião, de caráter nacional, que busca levantar as questões sobre a juventude brasileira, de forma ampla e abrangente, possibilitando a análise e reflexão sobre perfil, demandas e formas de participação dos jovens. A pesquisa é estatisticamente representativa do universo da população entre 15 e 29 anos. A amostra foi composta com 3.300 entrevistas, distribuídas em 187 municípios, estratificados por localização geográfica (capital, interior, áreas urbanas e rurais) contemplando as 27 Unidades da Federação”<<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2015.

condições de moradia, a família, o estudo e o emprego/trabalho. Entre os aspectos mais importantes para suas vidas, 48% dos jovens declararam na pesquisa, que se sentiriam realizados com o emprego/trabalho. Suas maiores preocupações são as questões que envolvem a violência (citada por 43% dos jovens), experiência que se configura como constitutiva dessa geração e em segundo lugar a questão do emprego ou profissão que demonstra a importância dessa experiência do trabalho em suas vidas. Em relação às expectativas com a sua vida pessoal 94% dos jovens acreditam que sua vida vai melhorar, sendo o apoio da família o fator mais importante para que isso aconteça.

Em relação à experiência da escolarização dos jovens os dados apresentados pelo Programa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD apontam para um crescimento exponencial, nas últimas décadas, em relação ao acesso aos diferentes níveis de ensino, assim como aos anos de escolaridade realizados. Como resultado desta evolução os jovens entre 15 e 29 anos passaram de sete anos de escolaridade em 1999 para nove anos em 2011. Apesar dos jovens terem permanecido por mais dois anos na escola a leitura deste dado deve ser entendida a luz da razão entre idade e a escolaridade atendida, pois cerca de 1/3 dos jovens entrevistados apresentavam o grau de escolaridade inferior ao esperado para a idade. Ainda assim, 71% dos jovens declaram que a escola contribuiu mais fortemente no âmbito pessoal e profissional.

Levando em conta que a escola ainda é um espaço privilegiado em nossa sociedade onde se constituem as primeiras redes fora do universo familiar é importante que sejam fortalecidas as interações sociais, que sejam estimuladas as redes de relações que envolvem amizades e afetos, meios pelos quais os jovens possam se perceber e se realizar enquanto sujeitos sociais.

Quanto às ações do governo para juventude, a maior parte os jovens (53%) entendem que os governos conhecem suas necessidades, porém não fazem nada. Perguntados sobre quais deveriam ser as prioridades da ação de governo, os jovens destacam as ações para melhorar a educação, com prioridade no investimento nos professores (salários, mais capacitação, melhores condições de trabalho), as ações para melhorar a situação dos jovens no trabalho, com prioridade para a oferta de formação profissional. Embora ainda distantes de alcançarmos um patamar desejado para área de educação é valioso perceber que esta juventude valoriza a continuidade dos estudos

tanto no acesso a universidade quanto a formação profissional. Ainda que não se configurem como experiências generalizadas para essa geração, mas que são importantes para avançar na garantia dos direitos fundamentais.

Diante desse cenário, oportunizar a educação de qualidade, ampliar o atendimento dos jovens na área de saúde, o acesso ao esporte, lazer e cultura, ter direito à cidade são ações fundamentais para prevenir a exposição dos jovens à violência. Lembrando mais uma vez que o processo de transição demográfica aponta para uma configuração da população formada em sua maioria por jovens-adultos com maior potencial produtivo e um país com condições favoráveis para romper com o círculo vicioso da pobreza.

1.3 O QUE QUEREMOS SABER?

No percurso do mestrado percebi que o que eu procurava eram as respostas sobre o *impacto dos projetos sociais na vida dos beneficiários* com os quais trabalhei direta ou indiretamente e assim, comecei a estruturar a pesquisa sobre “*Avaliação de egressos de projetos sociais. O que sabemos sobre o pós-projeto?*” que está relacionada com meu interesse pelos campos da avaliação, dos projetos sociais e das pesquisas sociais.

Assim, seguem as perguntas que nortearam a pesquisa.

1 - O que os programas e projetos sociais voltados para juventude conhecem sobre as transformações com as quais colaboraram na vida dos jovens pós-projeto?

2 – Quais são os processos de avaliação utilizados em projetos para a juventude pelas Organizações da Sociedade Civil? *E em que medida* eles ajudam ou atrapalham a execução das avaliações?

No intuito de responder as perguntas formuladas à cima, esta dissertação tem como **OBJETIVO GERAL**: Identificar SE HOUVE as transformações nas vidas dos jovens egressos de projetos sociais e COMO SE RELACIONAM as relacionadas com os projetos.

OBJETIVOS ESPECIFICOS.

- i. Apresentar o estudo sobre as concepções teóricas de avaliação e de programas e projetos sociais.
- ii. Levantar informações sobre os egressos da ESPOCC no período de 2006 a 2013.
- iii. Analisar os limites e as possibilidades da ação da ESPOCC no processo de formação dos jovens a partir das informações obtidas na pesquisa.

Mantivemos ao longo da dissertação os nomes dos jovens entrevistados em anonimato, mas os apresentamos a partir de suas histórias de vida e atividades atuais. Sendo assim, serão usados os pseudônimos “Jovem_1: CINEASTA”, “Jovem_2: BLOGUEIRA” e assim sucessivamente. O mesmo critério não será levado em conta em relação à Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC)¹⁸, instituição que funcionou como o campo para a pesquisa permitindo minha livre circulação e acesso aos documentos institucionais, assim como em relação aos profissionais da ESPOCC entrevistados que demonstraram interesse pelo tema e dedicaram tempo para realização das entrevistas.

1.4 ITINERÁRIO DA PESQUISA

Nesta pesquisa buscamos contextualizar, na introdução, o fenômeno social da transição demográfica e sua relação com os 51,3 milhões de jovens que em sua grande maioria, de acordo com a pesquisa da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), acreditam que sua vida vai melhorar. Convidamos o leitor para, a partir deste ponto, avançarmos juntos no percurso desta dissertação que aponta para a interface entre os campos da avaliação e dos projetos sociais, tendo os jovens egressos como protagonistas. Neste capítulo, também apresentamos nossos porquês, às questões norteadoras e seus objetivos.

¹⁸“Criada em agosto de 2005 pela organização da sociedade civil Observatório de Favelas, no conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Seu objetivo é iniciar jovens e adultos de espaços populares em conhecimentos e vivências da teoria, metodologia e linguagens da comunicação popular, visando potencializar sua ação crítica e transformadora”. <<http://of.org.br/areas-de-atuacao/educacao/espocc-2/>> Acesso em: 16 dez. 2015

No capítulo **2**, *Percurso metodológico*, percorreremos o caminho metodológico construído para a realização desta dissertação.

O capítulo **3**, *Lacrou: avaliação, egressos e projetos sociais - uma nova visão* é marcada pela busca e pelo encontro de bases conceituais que nos permitiram desvelar a partir do referencial teórico, a interface e/ou o acoplamento entre a avaliação, os projetos sociais e os jovens egressos.

No capítulo **4**, *O Campo*, apresentamos o Observatório de Favelas, a partir da sua constituição, mas nosso campo de pesquisa específico é a ESPOCC e suas experiências com o processo de avaliação.

As experiências vividas pelos jovens egressos da ESPOCC são apresentadas no capítulo **5**, a partir de sete histórias de vidas considerando suas diferentes vivências antes, durante e depois do projeto. Temos então um recorte capaz de apresentar as transformações na vida destes jovens.

No capítulo **6**, apresentamos as considerações finais sobre os avanços e desafios que estão postos acerca das pesquisas de avaliação de projetos sociais e os estudos de acompanhamento de egressos, assim como sugestões para pesquisas futuras relacionadas ao tema.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Desde 1995 tenho atuado com projetos que envolvem as questões formativas e avaliativas no âmbito dos projetos sociais que tem como público alvo a juventude. Existe uma diversidade de temas que os preocupam e os interessam, mas é extremamente entusiasmante observar como os jovens vêm conquistando crescente poder para participar, a partir de suas ideias e atitudes, de diferentes esferas da sociedade.

Tendo como suporte a contextualização sobre a transição demográfica, que pressupõem a necessidade de investimentos dos setores da educação e dos projetos sociais e a Pesquisa Agenda da Juventude, que tem por objetivo construir uma política nacional de juventude que dialogue com a realidade dos jovens, nos encaminhamos para a investigação e construção teórico-metodológica do objeto deste estudo sobre o impacto dos projetos sociais na vida dos beneficiários, com objetivo de buscar evidências em suas vidas posteriores à finalização do curso de Comunicação Crítica da ESPOCC. Este estudo pretende contribuir para a elucidação sobre as consequências na vida dos jovens egressos de projetos sociais.

Nos últimos quatro anos, atuei em duas organizações da sociedade civil de grande reconhecimento e reputação na cidade do Rio de Janeiro, a BrazilFoundation-BF¹⁹ - e o Observatório de Favelas- OF²⁰. Na BrazilFoundation acompanhei a criação e fui gestora do Fundo Carioca²¹. Por meio deste fundo a BrazilFoundation apoiou o projeto da Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC, do Observatório de Favelas. Em ambas as organizações, os jovens de territórios populares eram nosso

¹⁹“A BrazilFoundation mobiliza recursos para ideias e ações que transformam o Brasil. Trabalham com líderes e organizações sociais e uma rede global de apoiadores para promover igualdade, justiça social e oportunidade para todos os brasileiros”. <<http://www.brazilfoundation.org/quem-somos/?lang=pt-br#menu-mission>> Acesso em: 16 dez. 2015.

²⁰“O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos”. <<http://of.org.br/apresentacao/>> Acesso em: 16 dez.2015.

²¹“O Fundo Carioca é um fundo da BrazilFoundation criado em 2009 destinado ao financiamento de projetos na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente o Fundo teve foco na qualificação profissional de jovens e encaminhamento para mercado de trabalho, e desenvolvimento de parcerias. O Fundo ampliou seu escopo programático, focando em projetos que promovam justiça social e desenvolvimento socioeconômico na cidade”. <<http://www.brazilfoundation.org/fund/rio-fund/?lang=pt-br>> Acesso em: 16 dez. 2015.

público alvo, ou seja, suas trajetórias de vida estavam necessariamente atravessadas pela experiência de sua participação em projetos sociais.

Desenvolvido em 2003 pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome - MDS o Guia para elaboração de Projetos Sociais²², define que os projetos sociais nascem do desejo de mudar uma realidade.

“Os projetos são pontes entre o desejo e a realidade. São ações estruturadas e intencionais, de um grupo ou organização social, que partem da reflexão e do diagnóstico sobre uma determinada problemática e buscam contribuir, em alguma medida, para “um outro mundo possível” (STEPHANOU *et. al*, 2003).

Conforme aponta Oliveira (2013, pg 11), a participação dos jovens em projetos sociais “se transformou em mais um critério que pode fazer ou não diferença na vida desses jovens”.

*“A nossa geração tem muito disso, agora, depois de mais velho a gente às vezes renega um pouco de onde veio essa instituição. Às vezes até brinco com a minha esposa.. Ela tava fazendo uma planilha e eu falei - Tu não fez projeto social não? Não fez curso de informática, não? Essa geração tá aqui também por isso. Teve o assistencialismo mesmo. Vamos botar um cursinho de Word, Excel e tal. Mas hoje agente vê, que se eu não tivesse feito lá o Word 95 eu não tava dominando uma planilha, fazendo bem. Saber escrever um projeto tal. Então não tenho o mínimo de problema que sou filho de projeto social e que a ESPOCC me fez bem pra caramba”.*²³
(Jovem_1:CINEASTA out 2015).²⁴

Esta pesquisa relata, a partir das entrevistas realizadas com os egressos que frequentaram a ESPOCC no período 2006 a 2013, como a passagem pelo curso de Comunicação Crítica influenciou algumas mudanças na vida, no trabalho e na participação social dos jovens e de que forma estão relacionadas às ações implementadas pelo projeto.

²²STEPHANOU, Luis; Lúcia Helena Müller; Isabel Cristina de Moura Carvalho(na ordem e forma corretas) Guia para elaboração de projetos sociais: – São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre/RS: Fundação Luterana de Diaconia, 2003. <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmeps/ferramentas/docs/guia-para-elaboracao-de-projetos-sociais.pdf> >Acesso em: 18 dez. 2015.

²³ Depoimento gravado pela autora em 15/10/2015 no Observatório de Favelas. Jovem_1:CINEASTA

²⁴ Os trechos das gravações serão apresentados em fonte *itálico* 11 para diferenciar da citação bibliográfica.

Por ter passado por todas essas experiências, já apresentadas desde o início desta dissertação, destaco especialmente as ações de monitoramento e avaliação de projetos sociais e compartilho com os leitores uma questão que me intriga: se os projetos sociais partem do desejo de promover mudanças na realidade, não seria importante incluir os egressos em suas pesquisas para que possamos compreender o *impacto dos projetos sociais na vida dos beneficiários*?

A construção do percurso metodológico utilizado nessa dissertação começou a ser desenhada a partir do meu interesse em analisar o campo da avaliação sobre a ótica dos programas e projetos sociais ofertados pelas organizações da sociedade civil que atuam com jovens.

Entendendo pesquisa como uma atividade da Ciência que pressupõem um problema existente na vida prática é necessário saber identificá-lo, compreendê-lo e delimitá-lo. Neste sentido, a pesquisa é uma prática teórica que alimenta a atividade de ensino frente à realidade do mundo e vincula pensamento e ação, sendo assim, as questões de investigação estão necessariamente relacionadas à interesses e circunstâncias socialmente condicionadas de onde surgem seus objetivos e suas razões de ser. (MINAYO, 2003).

No percurso de uma pesquisa muitas indagações e incertezas atravessam o caminho do pesquisador e algumas hipóteses podem colaborar para a construção de um percurso reflexivo. A crença na existência de uma verdade absoluta, amparada pelo rigor científico, assim como a negação de uma explicação causal é um dos pressupostos mais emblemáticos. Ao longo da história muitos saberes, por serem permeáveis a vida, foram enquadrados como não científicos.

Ao iniciar essa pesquisa partimos dos conhecimentos anteriores, construídos a partir das minhas vivências e experiências, do levantamento das questões problema, seguido da definição do objetivo, sendo possível chegarmos à criação de novos referenciais para estudo.

No intuito de organizar o discurso em torno do percurso metodológico, desta dissertação, utilizaremos as três etapas do processo de trabalho científico da pesquisa qualitativa propostas por Minayo, (2003), apresentadas a seguir:

- i. fase exploratória;
- ii. trabalho de campo;
- iii. análise e tratamento do material empírico e documental.

2.1 A FASE EXPLORATÓRIA

Essa primeira fase tem como base a revisão de literatura realizada a partir do levantamento bibliográfico relacionado ao tema dessa dissertação. Nossa pesquisa teve a preocupação de buscar artigos, teses e dissertações de diferentes áreas do conhecimento e níveis de ensino com a intenção de apresentar um mapeamento dos estudos existentes e compreender os conhecimentos que já foram construídos acerca do tema proposto para esta pesquisa. Concentramos a pesquisa nos sítios eletrônicos do banco de teses e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na base *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), nas Redes de monitoramento e avaliação nacionais²⁵ e internacionais²⁶ e nos artigos, periódicos e revistas disponíveis nestes portais.

Considerando a seleção dos trabalhos pesquisados optamos pelas publicações dos últimos 15 anos, com exceção de alguns trabalhos nacionais e internacionais datados do século XX, que apresentassem assuntos relacionados à avaliação de

²⁵<<http://redebrasileirademea.ning.com/>> “A Rede Brasileira de M&A é uma continuidade de uma primeira iniciativa brasileira, a REBRAMA. Foi (re) fundada em novembro de 2008, com o apoio da Fundação João Pinheiro (FJP), do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e do Banco Mundial. As práticas de monitoramento e avaliação de resultados veem ganhando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo como um conjunto de ferramentas de gestão imprescindíveis para o desenho, implementação e controle de políticas públicas de qualidade”.< <http://www.abave.org.br/>> “A ABAVE é um espaço plural e democrático para o intercâmbio de experiências entre os acadêmicos e os implementadores da avaliação educacional. O que justifica a sua criação é o crescimento, nos últimos anos, do número de pessoas que lidam com a avaliação e que começam a vê-la como seu campo de atuação profissional”. Acesso em: 14 out. 2015.

²⁶<<http://www.eval.org/>> “A AEA valoriza a excelência na prática de avaliação, utilização dos resultados da avaliação, bem como a inclusão a diversidade na comunidade de avaliação”.<<http://www.europeanevaluation.org/>> “O objetivo da Sociedade Europeia de Avaliação dos (EES) é estimular, orientar e promover a teoria, prática e utilização de avaliação na Europa”. Acesso em: 15 out. 2015.

programas e projetos sociais e os egressos de projetos sociais e que articulassem essas temáticas. Foram selecionadas as seguintes palavras-chave: egresso; avaliação; programas e projetos sociais, que foram organizados em duas categorias:

- i. Avaliação de Egressos – Na Educação Formal e nos Projetos Sociais
- ii. Avaliação de Projetos Sociais

A maior dificuldade encontrada nesta etapa do processo foi a quase inexistência de publicações diretamente relacionadas ao objeto desta dissertação. Encontramos algumas formas de ordenações das palavras-chave Egressos, Avaliação e Programas e Projetos Sociais, mas não encontramos nenhum trabalho que as reunissem.

As perspectivas teóricas que constam no material pesquisado como artigos, livros e pesquisas acadêmicas, contribuíram para a ampliação dos conhecimentos em relação à temática da avaliação e na identificação das lacunas em relação aos egressos, aos projetos sociais e aos processos de avaliação que assumem relevância nesta etapa da pesquisa.

Pena (2000) realizou um estudo sobre o termo “egresso” a partir de uma abordagem conceitual que lhe permitisse representar um conjunto de conhecimentos que tornasse possível a apreensão da realidade educacional brasileira. Ao longo de sua pesquisa foi possível constatar que o termo o egresso significa, na esfera educacional, aquele que deixou de fazer parte de uma comunidade escolar, formal ou não formal e ainda abrange as categorias de diplomados, transferidos, desistentes e jubilados.

Pena (2000) e Oliveira (2013) seguem juntas ao concordarem que a literatura específica sobre os egressos é escassa, seja no âmbito educacional formal ou no âmbito dos projetos sociais, e disso decorre a primeira lacuna que é o pouco conhecimento do processo que envolve a trajetória de vida dos jovens. As autoras defendem, a partir de seus pressupostos teóricos, que é importante que se programem ações de acompanhamento dos egressos de forma institucionalizada, tanto nas instituições formais de ensino como pelas organizações da sociedade civil, tendo como base um trabalho integrado.

Segundo Lousada *et al.* (2003), no âmbito nacional, existem poucas informações sobre os egressos dos cursos de graduação no que tange a contribuição da formação acadêmica, a satisfação profissional entre outras, porém, segundo os autores, essa falta de informação é derivada da inexistência de sistemas de acompanhamento de egressos pelos Instituição de Ensino Superior (IES).

Tendo já definido a finalidade é preciso decidir o tipo de abordagem mais adequada para que a pesquisa possa atingir seus objetivos de investigação.

Chiechelski (2005) investigou as principais abordagens quantitativas envolvendo programas e projetos sociais onde destaca as vinculadas ao gasto governamental, à avaliação econômica e às análises de custo-benefício e custo-eficácia. Seguindo esta abordagem, o trabalho de Silva (1983) e Contador (1988) apoiaram-se nas concepções teóricas do campo das finanças públicas e da avaliação econômica. No entanto, os autores estabeleceram como propósito discutir as limitações técnicas e conceituais desta abordagem com a intenção de readequá-las a complexidade dos fenômenos sociais.

Nas pesquisas de abordagem qualitativa o principal objetivo é a interpretação do fenômeno, objeto do estudo, e a busca para compreender o que as pessoas apreendem ao prestarem atenção ao que acontece em seus mundos. Entre o mundo real e o sujeito estabelece-se um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzido em números. O pesquisador é o instrumento-chave da pesquisa e o ambiente é a fonte direta dos dados. A pesquisa de abordagem qualitativa é factível quando o fenômeno estudado é complexo, de natureza social e de difícil quantificação tendo o pesquisador que aprender a observar, analisar e registrar as interações entre pessoas e pessoas entre o sistema. (FREITAS e JABBOUR, 2011; GODOY, 1995; LIEBSCHER, 1998; MINAYO, 2007; SILVA e MENEZES, 2005).

As abordagens qualitativas e quantitativas não são opostas, nem excludentes, ao contrário, são complementares, pois a realidade sugere uma interação dinâmica, excluindo qualquer dicotomia. A perspectiva qualitativa mergulha no terreno dos significados das ações e das relações com as pessoas e suas subjetividades, um lado que não é possível ser captado por equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2007).

A experiência de avaliação nas áreas sociais (Gil, 1999; Minayo, 2003; Jannuzzi, 2011), como é o caso da educação, aponta para a impossibilidade de se estabelecer um único método, sendo necessário construir referenciais capazes de captar a riqueza das ações que acontecem nos programas, muitas vezes não considerada devido a visões redutoras da realidade.

Lee e Bonamino, (2013) procuraram evidenciar que os estudos longitudinais possibilitam uma maior precisão nas estimativas de mudanças temporais (longo prazo) no aprendizado dos alunos do que os estudos seccionais e Oliveira (2013) corrobora, destacando a importância de estudos sobre as consequências em longo prazo de jovens egressos de projetos sociais. Desta forma nos parece que um “novo” caminho avaliativo se apresenta com potencial para nos aproximarmos, cada vez mais, das consequências e transformações na vida dos jovens egressos que participam dos projetos sociais.

Jannuzzi (2011) aponta para a necessidade de formação entre os gestores de programas e projetos, pois o pouco domínio de conceitos e técnicas no campo da avaliação acaba trazendo problemas na especificação destas atividades. E ainda afirma que muitos são os exemplos de pesquisas de avaliação que mesmo motivadas por preocupações legítimas, revelam resultados triviais, metodologicamente questionáveis ou com baixa apropriação para a reformulação dos programas. Desta forma, passa-se a questionar a utilidade dos estudos de avaliação. Gestores e seus projetos ficam fragilizados e os *stakeholders* frustrados com os resultados tão ansiosamente esperados.

Os processos de avaliação demandam, além de profissionais qualificados, uma disposição para envidar esforços para a consecução da avaliação, por se tratar de um investimento custoso, porém na revisão de literatura não foi encontrado em nenhum documento que abordasse este tema. O que pode indicar mais uma importante lacuna.

A partir da revisão da literatura nos deparamos com muitas lacunas de diferentes naturezas: as dificuldades com o processo de avaliação; a escassez de bibliografia sobre egressos; a necessidade de formação dos gestores das organizações; avaliações mal executadas; o pouco envolvimento dos públicos-alvo com a avaliação; a dificuldades na construção de indicadores e desenvolvimento de instrumentos; a coleta de informações; a análise dos resultados, a comunicação com as partes interessadas, a captação de

recursos e no ponto central da dissertação, o pouco conhecimento do processo que envolve a trajetória dos egressos de programas e projetos sociais. Mas, nada disso me desanimou, pelo contrário mostrou mais uma vez a potencialidade do tema e a importância e o desejo de preencher essas lacunas.

2.2 TRABALHO DE CAMPO

Tendo definido o objeto, o problema, as questões e objetivos da pesquisa, partimos para o levantamento de dados que iria compor a pesquisa de campo. Os procedimentos utilizados nesta etapa da metodologia de estudo de caso foram:

- i. análise de documentos institucionais e,
- ii. entrevistas com os egressos e os profissionais da ESPOCC.

A escolha pela ESPOCC como campo de investigação ocorreu quando reestruturei meu primeiro plano de pesquisa sobre transferência de tecnologias de projetos sociais, ainda no primeiro ano do mestrado. Mantive-me no campo dos projetos sociais, mas minha passagem como parceira investidora²⁷ e colaboradora²⁸ da ESPOCC foi responsável por ampliar meu interesse na avaliação de egressos de projetos sociais.

Sendo assim, meu foco foi sendo direcionado para os beneficiários destes projetos. O que estava em jogo era a investigação sobre o impacto dos projetos sociais na vida dos beneficiários com objetivo de buscar evidências nas transformações de suas vidas posterior à finalização e relacionadas ao curso de Comunicação Crítica, como uma maneira de indicar as consequências do projeto em relação ao desenvolvimento individual e de inserção social, para além da inserção no mercado de trabalho.

²⁷A BrazilFoundation é atualmente parceira investidora e eu à época era a Coordenadora do Fundo Carioca, fundo que apoia ONGs que trabalham com jovens na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

²⁸A minha participação como parceira colaboradora da ESPOCC se inicia após a assinatura do contrato, 2014, entre a BF- Fundo Carioca e em seguida com o convite do Coordenador Geral da ESPOCC, Eduardo Alves, para que eu participasse das reuniões de equipe da ESPOCC instaurando um “novo” processo de participação dos parceiros no acompanhamento das atividades do projeto. Após meu desligamento do Fundo Carioca, fui convidada para compor o quadro de professores e a coordenar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC dos alunos em 2015.

A primeira proposta metodológica pensada para a pesquisa de campo foi a realização de dois grupos focais onde pudéssemos estabelecer uma relação entre os a) egressos que concluíram o curso e b) egressos que desistiram dos cursos e a aplicação de questionários. Pela perspectiva teórica encontrada em Barbour *apud* Flick (2008), o grupo focal é mais adequado quando se quer estudar a “interação de um grupo a um tema específico e não deve ser utilizado para relembrar narrativas”.

Nas trocas estabelecidas com meus professores/orientadores, ao longo do curso de Engenharia de Produção na linha de pesquisa de Gestão e Inovação, optamos por redesenhar o plano inicial do trabalho de campo para que as narrativas individuais dos jovens tivessem destaque, tornando explícitas suas experiências e percepções sobre o período em que estiveram na ESPOCC, mas principalmente o período pós-projeto, e assim identificarmos os egressos e suas trajetórias. Neste sentido, optamos pelo método de estudo de caso com abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, buscando identificar as mudanças no percurso de vida desses jovens, a partir de sua passagem pela ESPOC, para elucidar as consequências dessa participação no fortalecimento do desenvolvimento individual.

A seleção dos jovens egressos foi pautada por um único critério: (1) ter concluído o curso no período de 2006 a 2012. A escolha por este intervalo de tempo foi utilizado para que os beneficiários do projeto tivessem, pelo menos, três anos de experiência pós-projeto.

O primeiro passo foi a realização do contato formal. Enviei um e-mail formalizando meu interesse em realizar entrevistas contextuais e individuais com os egressos, com um diretor/fundador do Observatório de Favelas, com as duas últimas coordenadoras pedagógicas e por último o acesso aos documentos institucionais que alimentam a pesquisa documental. A solicitação foi aceita sem nenhuma restrição, demonstrando o interesse pelo tema da pesquisa. Com esta etapa vencida o segundo passo foi a realização de uma reunião de apresentação dos objetivos do estudo para a equipe de coordenação da ESPOCC e a solicitação para ter acesso a base de dados dos alunos.

Na ausência de uma base de dados²⁹, ou ainda, de uma lista de contatos dos alunos de fácil acesso, busquei o apoio da coordenação do projeto e da equipe da ESPOCC que me indicaram alguns nomes de jovens que haviam concluído o curso. Para encontrar esses jovens entrei na rede virtual *facebook*³⁰, ferramenta muito utilizada pelos jovens, selecionei os nomes que havia recebido como indicação e enviei por mensagem, *inbox*, um pequeno texto de apresentação informal, com a intenção de estabelecer uma primeira aproximação.

Olá joven_1, sou Eliane Birman, mestranda da COPPE/UFRJ e professora da ESPOCC. Estou realizando uma pesquisa sobre os egressos (ex-alunos) da ESPOCC e gostaria de ter a oportunidade de entrevistá-lo. Caso tenha disponibilidade manda um ok por aqui junto com o número do seu celular. Assim podemos marcar o local, dia e hora que for mais conveniente para você. Super obrigada, desde já!! (Trecho da 1ª comunicação com os jovens).

Dos vinte e nove jovens que contatei pela rede virtual, consegui entrevistar treze alunos egressos que demonstraram interesse e disponibilidade para realização das entrevistas. Os demais, não entraram na pesquisa por diferentes motivos: não estavam na cidade do Rio de Janeiro, não tinham interesse em participar; não foi possível ter agenda compatível ou porque não responderam a mensagem enviada pela pesquisadora.

A investigação empírica, tratada aqui como entrevistas semiestruturadas foi realizada em paralelo com a análise documental. Antes de iniciar as entrevistas era explicado ao entrevistado o objetivo da pesquisa, a importância de sua colaboração e a afirmação da confiabilidade dos dados.

Foi a partir da leitura e análise dos documentos oficiais ao longo do processo desta dissertação que o procedimento metodológico foi concluído. A pesquisa documental foi utilizada com o objetivo de nos aproximarmos mais dos aspectos históricos da ESPOCC para compreensão de seu percurso, até os dias atuais e, do seu papel na contribuição de políticas públicas para a juventude. Os documentos oficiais visitados foram: Ata de fundação do OF; Estatuto do OF; Projeto Renovação ESPOCC

²⁹A falta de atualização das informações sobre os beneficiários de projetos sociais é uma tônica recorrente em muitas organizações da sociedade civil. Atualmente a ESPOCC possui um cadastro completo dos alunos que passaram pelos cursos no período de 2012 até hoje.

³⁰Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Acesso em: 15 dez. 2015.

– 2013; Relatórios para o parceiro investidor – Petrobras, além de documentos internos da ESPOCC como: quadro de aulas, tarefas de monitoria, modelo de avaliação de professores, disciplina e alunos, modelo de ementa, fluxograma, estabelecimento de parcerias, documento de perfil dos alunos, e a pesquisa com os egressos.

O trabalho de campo ocorreu no período entre setembro e outubro de 2015, por meio de encontros presenciais com treze (13) jovens e três (3) profissionais sendo um do OF e dois da ESPOCC. As entrevistas realizadas tiveram uma duração de uma hora aproximadamente e no total 12h e 24min e foram autorizadas suas utilizações pelos respectivos participantes, que assinaram o termo de consentimento.

Foram desenvolvidos três roteiros de pesquisa estruturados de forma coerente com o objetivo da pesquisa, reforçando o que era central, controlando o que era periférico e eliminando o que era superficial para os seguintes grupos: (1) para os jovens egressos, (2) para o diretor do OF e (3) para as coordenadoras pedagógicas³¹ apresentados em anexo. O tom perseguido para a realização das entrevistas foi de uma conversa entre iguais em estilo interativo que vai ganhando corpo chegando ao ponto em que as perguntas são esquecidas e batemos um papo em torno do tema. Rompemos com a hierarquia, mas permaneceu assegurado o papel diferente das partes envolvidas na pesquisa. (KAUFMANN, 2013).

Todas as dezesseis (16) entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Bebendo nas fontes da História Oral³² (FERREIRA; AMADO, 2015) e da Entrevista Compreensiva³³ (KAUFMANN, 2011) em todos os depoimentos, foi possível registrar para além das suas vozes, seus gestos, suas expressões, as pausas e até o silêncio.

³¹Realizamos a entrevista com as duas coordenadoras pedagógicas juntas. Rita Afonso foi Coord. pedagógica no período de 2012/2013 e Camila Sousa Santos era sua assistente. Atualmente Camila responde pela Coord. Pedagógica da ESPOCC.

³²“A História Oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. Alberti V. - Manual de História Oral Rio de Janeiro.

³³Kaufmann advoga o ponto de vista de que a Entrevista Compreensiva não é apenas uma técnica, mas um método de trabalho diferenciado e com propósitos claros, visando à produção teórica a partir de dados. A reinvidicação de um procedimento de maior aproximação entre produção da teoria e a pesquisa empírica é o núcleo central.

Como pesquisadores, não estamos preocupados somente com fatos e dados, os aspectos subjetivos em uma pesquisa qualitativa devem ser considerados e valorizados. Sendo assim e de acordo com o princípio da saturação, utilizamos nesta pesquisa sete (7) entrevistas com os jovens egressos.

“A saturação é o instrumento epistemológico que determina quando as observações deixam de ser necessárias, pois nenhum novo elemento permite ampliar o número de propriedades do objeto investigado”. (THIRY-CHERQUES, 2009)³⁴

2.3 ANÁLISE E TRATAMENTO

Nesta etapa de análise e tratamento do material, a complexidade e a subjetividade dos dados nos levou a utilização de um método que permitisse compreendê-los e decodificá-los.

Neste percurso metodológico os dados coletados da pesquisa bibliográfica serviram de base para a construção do referencial teórico que contextualiza esta pesquisa e a leitura cuidadosa dos documentos internos facilitou a seleção das informações pertinentes para esta dissertação.

Para análise e interpretação das entrevistas realizadas com os jovens egressos, foi utilizado o método de análise de conteúdo que “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair seus significados” (KAUFMANN, 2013; LAVILLE E DIONE, 1999; p 340.).

Para Kaufmann (2013; p.124), “o tratamento de dados, é sempre um trabalho de redução da complexidade do real”. Os trechos das entrevistas selecionados foram organizados por categorias de análise de forma que fosse possível confrontar os dados,

³⁴ “O estado da arte é reportado por Guest; Bunce e Johnson (2006) que, estudando o viés na desejabilidade social, procuraram determinar quantas entrevistas seriam necessárias para tornar confiável a pesquisa. Verificou-se que em diferentes campos com dimensões diversas o ponto de saturação é atingido em, no máximo, quinze observações. Constatou-se que, considerando as recomendações de não realizar menos do que 6 observações e de não estender além do limite de 12 o número de observações, com a prática de estreitar o foco depois da terceira observação, as categorias saturam quando o equivalente a 1/3 das observações já efetuadas não acrescenta novas propriedades”. Acesso em 2 de mar. 2016. <http://livrozilla.com/doc/682621/satura%C3%A7%C3%A3o-em-pesquisa-qualitativa--revista-brasileira-de>

buscando levantar evidências sobre os pressupostos da pesquisa e ainda identificar frases e contradições recorrentes.

Entrevistados	Duração	Data	Local da entrevista
Joven_1	00:58:55	29/09	Observatório de Favelas – Maré
Joven_2	01:27:30	29/09	Observatório de Favelas – Maré
Joven_3	00:35:04	22/09	Observatório de Favelas – Maré
Joven_4	00:37:22	23/09	Pátio da FACHA - Botafogo
Joven_5	00:39:58	30/09	Lanchonete - São Gonçalo
Joven_6	00:39:53	06/10	Biblioteca Parque Estadual – Centro
Joven_7	00:39:40	30/09	Residência – Tijuca
Joven_8	00:51:32	29/09	Observatório de Favelas – Maré
Joven_9	01:10:49	24/09	Residência – Flamengo
Joven_10	00:34:34	07/10	PSAFE - Copacabana
Joven_11	00:54:52	07/10	Via Parque – Barra da Tijuca
Joven_12	00:29:41	08/10	Observatório de Favelas – Maré
Joven_13	00:31:24	15/10	Circo Crescer e Viver - Praça XI
Diretor do OF	00:31:49	16/10	Café – Flamengo
Coord. Pedagógicas	01:28:21	24/11	Observatório de Favelas – Maré
Total de horas:	12:13:24		

Figura 1 - Duração, data e local dos depoimentos coletados.

3. LACROU: AVALIAÇÃO, EGRESSOS E PROJETOS SOCIAIS - UMA NOVA VISÃO

“Avaliar sempre fez, faz e fará parte do nosso dia a dia” (FERNANDES, 2011).

Este capítulo será apresentado a partir das três palavras chaves definidas para esta pesquisa - egressos, avaliação e projetos sociais - buscando estabelecer, a partir do referencial teórico da avaliação, a interface entre elas.

A atividade de avaliar está presente em nossas vidas, desde muito cedo. Ao longo de milhares de anos desenvolvemos a capacidade para avaliar, o que nos ajudava a distinguir o que gostávamos do que não gostávamos ou a escolher o que melhor atendia às nossas necessidades. Ao longo da existência humana fomos vivendo e tomando decisões mais complexas baseadas no que hoje chamamos de avaliações informais ou não formais (FERNANDES, 2011). Dessa forma, conseguimos ir melhorando substancialmente as nossas vidas e passamos a utilizar a avaliação como ferramenta prática e subjetiva.

Atualmente as reflexões e as ações no campo da avaliação de programas e projetos sociais nas áreas de educação, saúde e assistência social, por sua relevância social, política, cultural e econômica estão associadas à transformação, à transparência, à inovação e se apresentam como prática em muitos países.

Introduzindo a temática dos egressos, foi realizada uma pesquisa etimológica que nos mostra que o termo egresso vem do Latim EGRESSUS, “saída, escape”, de EGREDI, “partir, afastar-se”, formado por EX, “para fora”, mais GRADI, “mover-se, deslocar-se, pisar”. Buscamos também explicitar o termo a partir da definição do dicionário Aurélio³⁵ onde o verbete egresso é definido como:

Aurélio online: 1. Indivíduo que deixou o convento. 2. Indivíduo que sai em liberdade depois de cumprir uma pena de prisão. 3. Ato ou efeito de sair ou de se afastar. 4. Que saiu, que se afastou. 5. Que deixou de fazer parte de uma comunidade

³⁵<http://dicionariodoaurelio.com/egresso> Acesso em: 10 jan. 2016.

Tal verbete nos apresenta cinco definições para o conceito de egresso e em todos eles são encontrados os verbos *sair e deixar*. No entanto, do ponto de vista do campo, essas palavras, são as que denotam o ato de *sair, se afastar ou deixar de fazer parte de uma comunidade*. No entanto, as Instituições de Ensino Superior construíram um arcabouço teórico para o termo que se apresenta em diferentes matizes e que serão apresentadas a seguir.

O último termo abordado no título deste capítulo versa sobre os projetos sociais no contexto social brasileiro. Partindo da universalização dos direitos, declarada pela Constituição de 1988 vimos ampliadas em proporções exponenciais as demandas sociais e em consequência os projetos sociais. Como pontes entre o desejo e a realidade, “os projetos sociais nascem do desejo de mudar uma realidade”. (STEPHANOU, 2003; p.11).

Os projetos sociais delimitam sua ação social intencional, para um grupo ou organização social. A elaboração de um projeto social deve seguir alguns princípios básicos no que tange ao planejamento e gerenciamento. Sendo assim, deve garantir um planejamento inicial que contemple o diagnóstico a partir da identificação de um problema buscando contribuir, em alguma medida, para transformação de uma realidade. Uma característica importante nos projetos sociais que tem foco no desenvolvimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social é que uma boa parte de suas ações está vinculada a conceitos abstratos, à subjetividade é não são necessariamente mensuráveis. (RODRIGUES, 2013; STEPHANOU *et al.*, 2003).

“No atual contexto de crescente complexificação da ação social, de aparentes consensos sobre o que seja uma boa prática na área social, e da universalização dos projetos sociais como instrumento de ação, de parceria e de captação de recursos, torna-se fundamental conceber a ação social através de projetos como espaços e processos de caráter estratégico”. (ARMANI, 2003, p. 6).

3.1 AVALIAÇÃO DE EGRESSOS: NA EDUCAÇÃO FORMAL E NOS PROJETOS SOCIAIS

A temática sobre os egressos nessa pesquisa foi considerada numa abordagem conceitual onde a educação deve buscar a compreensão da realidade e que a consciência

do ato de educar auxilia o processo de questionar o presente a favor do futuro (PENA, 2000; CURY, 1989; GADOTTI, 1988; KONDER, 1988).

A concepção teórica e histórica do termo egresso se faz importante, pois permitirá que tanto a pesquisa científica como a pesquisa de campo sobre “Avaliação de egressos de projetos sociais: O que conhecemos sobre o pós-projeto?” se apoie em uma das categorias definidas por Pena (2000).

O estudo sobre o acompanhamento de egressos do sistema de ensino público, no nível da educação básica data de 1968 e “limitava-se a responder que a Orientação Educacional não conseguia sanar nem os problemas dos alunos na escola muito menos preocupar com o destino de seus egressos”. (PENA, 2000. p. 1).

No entanto, “[...] *coordenar o acompanhamento do pós-escolar*”, é uma das atribuições privativas do Orientador Educacional conforme consta na Lei nº 5.564³⁶ de 21 de dezembro de 1968, regulamentada, em 25 de setembro de 1973, pelo Decreto no 72.846, no Art. 8º e conforme o nome expressa a ação de Acompanhamento do Pós-Escolar (APE) deve garantir a manutenção do contato com os alunos concluintes, transferidos ou ainda com os que abandonaram a escola.

A palavra egresso aparece na atualização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96³⁷, no Capítulo III – “Da Educação Profissional” -, no Art. 39, esclarece:

“Parágrafo único. O aluno ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de educação profissional”. (LDB nº 9.394/96).

O pouco conhecimento do processo que envolve a trajetória de vida dos egressos pode ser compreendido pela “escassez de literatura específica sobre o tema investigado” e neste sentido, a definição do conceito de egresso fica controversa, conforme analisa PENA (2000, p. 3).

³⁶Sobre o exercício da profissão de orientador educacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5564.htm Acesso em: 02 set. 2015.

³⁷<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 02 set. 2015.

No âmbito educacional há instituições que consideram egressos os discentes concluintes, os desistentes, os transferidos e os jubilados. Outras instituições e organizações voltadas ao ensino consideram como egressos somente os discentes concluintes.

A concepção teórica do termo permitirá que esta pesquisa se apoie nas categorias de egressos organizadas e definidas por Pena (2000, p. 9).

“(a) Egressos que concluíram todas as disciplinas do currículo de um curso e já colaram grau [...] o acompanhamento dos egressos deve analisar sua situação política e social, bem como o seu desempenho profissional no mercado de trabalho.

b) Egressos que se transferiram para outras escolas [...] avaliar os motivos que o que levaram a cancelar oficialmente sua matrícula [...].

c) Egressos que desistiram dos seus cursos [...] contexto em que o acompanhamento deve procurar inferir as razões da desistência.

d) Egressos que ultrapassam os limites de tempo [...], do seu curso e, por isso, considerando-se os aspectos legais, podem ser jubilados pela Instituição. Situação em que [...] devem realizar levantamentos sobre a questão do jubramento [...].”

O egresso, no contexto das Instituições de Ensino Superior – IES, é reconhecido como “aquele que efetivamente concluiu os estudos, recebeu o diploma e está apto a ingressar no mercado de trabalho – como fator de destaque e fonte de informação à IES que o formou”. (LOUSADA *et al.*, 2003, p. 74).

Atualmente, no Brasil, a avaliação dos processos formativos e de seus resultados é um ponto de atenção permanente para os governos, agências de fomento, organismos internacionais, instituições de ensino e organizações da sociedade civil, no intuito de garantir um processo contínuo de aperfeiçoamento dos profissionais e de suas ações institucionais como forma de potencializar as políticas de ensino, pesquisa e extensão (AYRES, 2007).

O tema avaliação de egressos é objeto de muitas pesquisas e publicações no meio acadêmico. Neste sentido, o maior número de artigos, livros, dissertações e teses levantadas para a dissertação estão situados nos espaços formais de ensino, em sua maioria, mas primordialmente nas Instituições de Ensino Superior - IES - e mostram que o maior interesse em analisar a percepção dos egressos recai sobre: (1) a avaliação dos cursos; (2) dos currículos das instituições de ensino; (3) o redimensionamento de conteúdos; (4) a adoção de metodologias ativas; (5) a inserção dos alunos no mercado de trabalho. As metodologias utilizadas para avaliação de egressos são de uma forma geral quantitativas, utilizando questionários estruturados que podem ser preenchidos *on-line*. Na maioria das vezes, as pesquisas são realizadas ao longo do curso ou imediatamente ao final do curso. Sendo assim, os IES demonstram que as avaliações estão principalmente a serviço da melhoria dos processos internos dos cursos.

Apesar de constar como um indicador para os IES a inserção no mercado de trabalho não contempla o aspecto subjetivo dos egressos e raramente aplicam instrumentos qualitativos, sendo mais importante constar no *ranking* de instituições com maior número de alunos empregados após a conclusão do curso.

É relevante destacar que a dimensão institucional também deve ser tratada como objeto de avaliação e que as instituições de ensino formal que tem como preocupação a melhoria do ensino, normalmente possuem referência acadêmica e algumas já apontam para a necessidade de desenvolverem seus sistemas de acompanhamento de egressos.

“Existem poucas informações sobre os egressos dos cursos [...] em nível de avaliação do curso, contribuição da formação acadêmica para a vida profissional, absorção pelo mercado de trabalho, satisfação profissional,... etc., informações essas necessárias para uma avaliação da formação obtida e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino. Essa “falta de informação” é, fortemente, derivada da inexistência de sistemas de acompanhamento de egressos por parte das IES”(LOUSADA *et al.*,2003, p. 74).

Uma vez que a maioria das instituições que trabalham com a formação de pessoas não possui sistemas de avaliação de egressos, ainda se faz necessário desenvolver uma pesquisa com o objetivo de “discutir a relação entre a qualidade da gestão do ensino e a importância do desenvolvimento de sistemas de acompanhamento de egressos [...]; a fim de conseguirem elementos da realidade que pudessem compor a

descrição e compreensão do fenômeno sob investigação”. (LOUSADA *et al.* 2003,p. 77).

Apesar da escassez de estudos sobre egressos e suas consequências, em longo prazo, a pesquisa realizada por Oliveira, (2013), sobre “Jovens Egressos de projetos Sociais: experiências para entrada na vida adulta” analisou o impacto dos projetos à luz das mudanças provocadas pelos resultados da intervenção com os jovens. Esta pesquisa foi realizada com seis (6) jovens que participaram dos projetos de comunicação realizados pelo Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP, entre os anos de 2000 e 2003 e “privilegia o tempo, vivido pelos jovens, posterior à finalização dos projetos sociais, como uma maneira de indicar os efeitos dessas ações de fortalecimento do desenvolvimento individual e da inserção social e política desses jovens”, o que representou um espaço de 10 anos pós-projeto.

“Além de fornecer algumas indicações, a exemplo, o papel de projetos sociais com jovens, na influência sobre as políticas públicas para a juventude moradora de periferias, que em sua maioria são descontinuadas, setorializadas e de cunho assistencialista. [...] buscou-se valorizar, ao máximo, a pluralidade das trajetórias dos entrevistados, assumindo o relato juvenil, como lugar metodológico, que permitiu, ao relacionar suas trajetórias de vida com as experiências vividas ao longo dos projetos, produzir conhecimento sobre a juventude”. (OLIVEIRA, 2013, p. 11 e p. 21).

Como já vimos, no espaço dos projetos sociais ainda são raras as pesquisas e artigos publicados com a temática dos egressos. Será através da pesquisa empírica e da análise de projetos sociais vinculados às organizações da sociedade civil, que perseguiremos o objetivo de identificar as transformações na vida dos egressos relacionada às ações implementadas pelo projeto relacionadas ao convívio, o trabalho e a participação social e refletir sobre os limites e possibilidades das ações dos projetos de comunicação crítica oferecidos pela ESPOCC.

3.2 AVALIAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS

Ainda que considerada como um campo independente de estudo com características intrinsecamente transdisciplinares, a avaliação de programas e projetos sociais ainda é recente no Brasil (MINAYO, 2005).

Do ponto de vista histórico, respondendo aos efeitos da crise de 1929 nos Estados Unidos, foram envidados esforços sistemáticos em avaliação de programas sociais que se concentram, inicialmente, nas áreas de educação (foco na alfabetização), saúde pública e qualificação profissional e ampliados os esforços, no pós-guerra, passam a abranger novas áreas: violência juvenil, planejamento familiar e programas habitacionais. Na década de 60, o campo da avaliação é ampliado por conta do volume de projetos sociais e pelos estudos de avaliação desenvolvidos nas universidades americanas que marcaram fases nas gerações avaliativas.

“... nos anos 1970, são estruturados cursos de pós-graduação, de natureza disciplinar e, mais tarde, multidisciplinar, com forte ênfase em técnicas de pesquisa – quantitativas e qualitativas –, abrindo a possibilidade para a criação de uma comunidade profissional de avaliadores”. (JANNUZZI, 2011, p. 258).

No Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, a cobertura da política social e a ampliação do escopo vêm promovendo de forma crescente o campo da avaliação de programas e projetos sociais. Entre os anos 80 e 90 a área de avaliação começa a se desenvolver, porém sem ainda unidade organizacional e com poucos dispositivos que garantam a qualidade, credibilidade e reconhecimento da prática de avaliação. (JANNUZZI, 2011; FINKLER E DELL’AGLIO 2013).

“Muitos são os exemplos de pesquisas de avaliação que, mesmo, motivadas por preocupação legítima e meritória como a eficácia e efetividade do gasto público, revelam, infelizmente, resultados triviais, metodologicamente questionáveis ou com baixa apropriação para a reformulação dos programas” (JANNUZZI, 2011, p. 253).

Ainda no cenário nacional cabe destacar que uma grande parte das ações de monitoramento e avaliação está vinculada as áreas de educação, de saúde e dos programas e projetos sociais, com objetivo de incrementar o desenvolvimento científico e a avaliação de impacto. A utilização de indicadores de avaliação é reconhecida e amplamente divulgada (FINKLER E DELL’AGLIO, 2013).

Ainda que as atividades de avaliação sejam pouco aplicadas e difundidas, Assumpção e Campos (2010) chamam atenção para a ampliação dos espaços para o debate sobre a avaliação em programas e projetos sociais. No sentido de contribuir para a qualificação do campo da avaliação no Brasil ressaltamos a Rede Brasileira de

Monitoramento e Avaliação e a Associação Brasileira de Avaliação Educacional – ABAVE com suas publicações, eventos e desafios.

“As práticas de monitoramento e avaliação de resultados vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo como um conjunto de ferramentas de gestão imprescindíveis para o desenho, implementação e controle de políticas públicas de qualidade. Não obstante, os espaços para troca e aprendizado neste campo ainda são incipientes. Este é o desafio que a Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação busca enfrentar³⁸.” (Site da Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação).

Entretanto, é possível verificar que parte significativa da avaliação de programas e projetos sociais está sendo realizada pelos centros de pesquisas acadêmicos e órgãos governamentais que possuem quadros experientes e com capacidade de análise de conjuntura econômica e social e ou projetos de pesquisa. Porém, para Finkler e Dell’Aglío (2013) faltam-lhes experiência de implementação de projetos que em sua essência reúnam conhecimentos multidisciplinares necessários para dar conta dos problemas complexos em que irão atuar.

Chianca (2001, p. 84) nos apresenta como definição de avaliação, “A coleta sistemática de informações sobre as ações, as características e os resultados de um programa, e a identificação, esclarecimento e aplicação de critérios, passíveis de serem definidos, para determinar o valor (mérito e relevância), a qualidade, utilidade, efetividade ou importância do programa sendo avaliado em relação aos critérios estabelecidos, gerando recomendações para melhorar o programa e as informações para prestar contas ao público interno e externo ao programa do trabalho desenvolvido”.

Segundo Finkler e Dell’Aglío (2013) o campo da avaliação se caracteriza por uma extensa lista de critérios apontados, um vasto conjunto de tipos de avaliação e deve obedecer as etapas de planejamento, processos e resultados, sem que isso seja uma restrição. As autoras sugerem que a avaliação das etapas seja elaborada a partir das seguintes perguntas: O que avaliar? Quando avaliar? Quem avalia? Por que se avalia? E para quem? E ainda destacam que neste campo ainda existe um emaranhado conceitual que demonstra a multiplicidade de tipos de avaliação onde os elementos da avaliação estão entrelaçados e sua separação é complexa.

³⁸<<http://redebrasileirademea.ning.com/page/sobre-1>> Acesso em: 02 de jan. 2016.

Uma síntese das principais modalidades propostas na área de avaliação foi organizada por Novaes (2000) e não possui conteúdos valorativos, mas aponta alternativas conceituais e metodológicas. (1) objeto da avaliação: priorização das condições de produção do conhecimento (tomadas de decisão, aprimoramento na gestão); (2) posição do avaliador: externo, interno, ou semi-independente; (3) enfoque priorizado: interno, de caracterização/compreensão de um contexto, ou externo, de qualificação/comparação de impactos de intervenções; (4) metodologia predominante: quantitativa ou qualitativa, situacional ou experimental/ “quasi”experimental; (5) contexto da avaliação: controlado ou natural; (6) forma de utilização da informação produzida: demonstração/comprovação ou informação e instrumentalização; (7) tipo de juízo formulado: comprovação/negação de hipóteses, recomendações ou normas; (8) temporalidade da avaliação: pontual, corrente, contínua.

A fim de contribuir para a distinção entre as diferentes técnicas de avaliação quantitativas e qualitativas é importante esclarecer que ambas as técnicas possuem vantagens e limitações. Segundo Jannuzzi (2011, p. 269), (1) Os métodos quantitativos, organizados a partir da égide do modelo hipotético-dedutivo, como os levantamentos amostrais e os experimentos compreendem técnicas bastante estruturadas destinadas a investigação de problemas específicos, voltadas ao dimensionamento de quantidades ou da intensidade de relações entre variáveis, supondo distanciamento do pesquisador em relação ao objeto investigado; (2) Os modelos qualitativos, baseados no princípio da produção do conhecimento pela lógica indutiva, do particular para o geral, como a observação, as entrevistas e os grupos de discussão, compreendem técnicas pouco ou semiestruturadas, para investigar de forma exploratória problemas complexos, pressupondo proximidade do pesquisador ao objeto avaliado.

No intuito de elaborar uma revisão de literatura que considerou as principais abordagens quantitativas com objetivo de valorizar a importância dessas atividades para o aperfeiçoamento dos processos de planejamento e de implementação de políticas sociais, Chiechelski (2005) reconhece que,

“[...] a maior crítica efetuada a essas abordagens tenha relação com aspectos conceituais, notadamente com a pretensa racionalidade e objetividade que postulam imprimir às análises de intervenções nos diversos campos da realidade social [...] e qualquer elemento que não apresente essa característica torna-se produtor de instabilidade”.

Por outro lado, as pesquisas qualitativas enfatizam os aspectos subjetivos e almejam buscar resultados mais reais, ricos e profundos, normalmente não são alcançados pela abordagem objetiva, concentrando-se mais nos processos sociais. Utilizam a abordagem indutiva “em relação à análise dos dados extraindo seus conceitos da massa de detalhes particulares que constituem o banco de dados” (ASSUMPÇÃO E CAMPOS, 2011 *apud* SCHOFIEL E ANDERSON, 1987:8, p. 220).

Caracterizada como uma metodologia atual e que vem sendo referida, de forma constante na literatura, a metodologia do Marco Lógico é uma tipificação de avaliação que é constitutiva e integrada ao processo de políticas públicas, desde a fase do diagnóstico – linha de base - da população-alvo até a definição dos critérios de intervenção e pressupõe que os projetos sejam estruturados a partir de parâmetros razoavelmente rígidos o que também, mas não necessariamente, garante a adoção por organismos financeiros internacionais, como BID, por exemplo. (JANNUZZI, 2011; FINKLER E DELL’AGLIO, 2013; KAPPEL *et al.*, 2011).

“[...] desde a sua fase diagnóstica, o desenho metodológico da Avaliação Externa do Programa³⁹ procurou integrar abordagens de natureza qualitativa com as de característica predominantemente quantitativa, de modo a construir interpretações mais abrangentes e complexas para os múltiplos fenômenos da realidade analisada, constituída por dimensões históricas, políticas, econômicas e culturais. A pesquisa de avaliação contempla os seguintes momentos articulados: diagnóstico inicial (2008) e avaliação em processo (2008/2009); análise do resultado da Fase I do Programa (2009) e análise do resultado da Fase III do Programa (2010). Seu desenho incorpora, portanto, tanto um amplo diagnóstico inicial - linha de base - como o acompanhamento de pontos-chave do processo e a análise dos resultados produzidos pelo PROGRAMA (FASES I E III). Na presente avaliação optou-se por um desenho longitudinal, visto que, para se ter uma medida de aprendizagem, é necessário que o mesmo aluno seja avaliado mais de uma vez. Com isto, verifica-se o que ele aprendeu durante um determinado período, ou seja, uma medida antes e outra depois da intervenção efetuada (no caso, o MULTICURSO MATEMÁTICA). Tal procedimento de medida possibilita afirmar que a diferença verificada resulta da influência do contexto, ou seja, focaliza a contribuição da escola e também a do

³⁹Avaliação do Programa de Formação Continuada Multicurso Ensino Médio - Matemática Estado do Espírito Santo – Fase III – 2008/2011

MULTICURSO MATEMÁTICA. Por esse motivo, a avaliação da aprendizagem foi efetuada mantendo a mesma amostra de alunos, de forma a estabelecer as bases para o monitoramento dos participantes do Programa Multicurso nos anos subsequentes, uma vez que o impacto do Programa pode ocorrer não apenas no curto, mas no médio prazo”.

Rossi *et al.*(2004) propuseram uma tipologia de pesquisa avaliativa seguindo a lógica do “ciclo de vida”⁴⁰ onde em primeiro lugar é preciso analisar a (a) pertinência do programa: se o programa responde a uma demanda social existente (*NeedsAssessment*); (b) desenho lógico: se o programa existe para responder a uma demanda pública, devendo investigar a teoria ou o modelo de intervenção do programa (*Design Assessment*); (c) implementação: o processo de implementação do programa (*ProgramProcessAssessment*). Nesta última etapa, caso seja constatada a inexistência de graves problemas em relação à entrega de serviços, faz sentido avaliar seus impactos. (d) resultados e impactos: constatando que o programa é socialmente justificável, possui procedimentos operacionais estabelecidos e resultados comprovados (*ImpactAssessment*). (e) avaliação da eficiência ou do custo-efetividade: responder se o custo da operação do programa se legitima pelos efeitos obtidos e se é replicável para outras escalas (*EfficiencyAssessment*).

“A proposta [...] é certamente um avanço conceitual na forma de se entender os diferentes focos dos estudos avaliativos, para além daquelas dicotomias "avaliação de processos/avaliação de impactos", "avaliação ex--ante/avaliação ex-post' etc”. (JANNUZZI, 2011, p. 266).

O mito de que os delineamentos experimentais ou quase-experimentais são os mais adequados e legítimos cientificamente ainda persiste, em algumas comunidades, por serem inspirados nas Ciências Naturais, apesar das advertências sobre as dificuldades de replicação das condições de controle no contexto de operação de projetos sociais. Porém, Januuzzi (2011) considera que as críticas sobre aspectos éticos, o fácil manejo operacional dos modelos quantitativos, a incorporação de avaliadores das Ciências Sociais e a formalização rigorosa de abordagens de investigação mais

⁴⁰ O ciclo de vida do projeto define as fases, que conectam o início de um projeto ao seu final. Um Guia do Conjunto de Conhecimentos em Gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK®) Terceira edição ©2004 Project Management Institute, four Campus Boulevard, NewtownSquare, PA 19073-3299 EUA

qualitativas e adequadas aos problemas complexos acabaram por consolidar a percepção de que os estudos avaliativos requerem certo ecletismo metodológico.

“Muitos programas operam em contextos complexos, pouco estruturados para abordagens quantitativas e muito menos para desenhos quase-experimentais. Nessas situações abordagens metodológicas menos estruturadas podem levantar evidências mais relevantes e úteis para o aprimoramento dos programas”. (JANNUZZI, 2011, p. 272).

No intuito de esclarecer a abordagem metodológica de avaliação de impacto, Bauer (2010), identificou o pouco consenso que há entre os estudiosos da avaliação, nas referências pesquisadas, sobre o significado do termo.

Michael Scriven, (1991) no clássico *Evaluation Thesaurus*, define avaliação de impacto como uma avaliação focada nos resultados ou retornos do investimento, em vez de no processo, na entrega, ou na avaliação da implementação. Mohr (1992), utiliza “análise de impacto” e aponta que impactos ocorrem quando uma intervenção afeta o estado de um objeto ou fenômeno “mais de uma vez”.

“[...] para poder atribuir um efeito (o estado de algum objeto ou fenômeno) a uma determinada causa (atividade humana dirigida) é necessário que, independentemente do contexto, a relação se mantenha. Ou seja, deve ser possível repetir o experimento ou a intervenção algumas vezes, obtendo os mesmos tipos de resultados, para poder lhe atribuir a condição de impacto“ (MOHR, 1992).

Outro ponto que merece atenção é o momento em que a avaliação de impacto será realizada. Para alguns avaliadores a teoria que trata de avaliação de impacto está relacionada ao uso prévio da avaliação, com o objetivo de prever impactos possíveis de um programa antes da sua implementação.

Dependendo do contexto em que se insere a avaliação, o termo impacto pode ter uma conotação muito mais forte do que apenas a utilização do termo resultado ou resultado de longo prazo e não se trata de uma questão semântica (BAUER, 2010).

No documento, *Monitorização e Avaliação: Algumas Ferramentas, Métodos e Abordagens*, o Banco Mundial institui que:

“Embora haja debate dentro da profissão sobre a definição precisa de avaliação de impacto, o uso do termo pela NONIE⁴¹ provém da adoção da definição de impacto do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD) da Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento (OCDE), como “efeitos de longo-termo positivos ou negativos, primários ou secundários, produzidos por uma intervenção em desenvolvimento, direta ou indiretamente, intencional ou não-intencional”. Adotar a definição do CAD leva a um foco de duas premissas subjacentes às avaliações de impacto: (a) atribuição: as palavras “efeitos produzidos por” [...] implicam uma abordagem para avaliação de impacto que é atribuir impactos a intervenções, em vez de apenas avaliar o que aconteceu. (b) contrafactual: [...] o conhecimento sobre os impactos produzidos por uma intervenção requer uma tentativa de aferir o que teria acontecido na ausência da intervenção e a comparação com o que tem ocorrido com a implementação da intervenção”. (LEEuw; VAESSEN, 2009).

Bauer, (2010, p. 234) segue ressaltando que “mesmo dentre os autores que fazem distinção entre “resultados” e “impactos”, observa-se que as definições de avaliação de impacto são diversas, havendo pouco consenso, nas referências pesquisadas, sobre o significado do termo”.

No sentido de ampliar os estudos e os desenhos avaliativos mais recentes, Lee, e Bonamino (2013) e Oliveira (2013) procuraram evidenciar que a avaliação de corte longitudinal tem foco na mudança e no acompanhamento do mesmo sujeito envolvido com o projeto em longo prazo. Desta forma, este estudo poderia contribuir para a elucidação sobre as consequências na vida dos jovens egressos de projetos sociais.

A experiência de avaliação nas áreas sociais (Gil, 1999; Minayo, 2003; Jannuzzi, 2011), como é o caso da educação, aponta para a impossibilidade de se estabelecer um único método, sendo necessário construir referenciais capazes de captar a riqueza das ações que acontecem nos programas, muitas vezes não considerada devido a visões redutoras da realidade.

“Não existe a priori um método universal, mais legítimo ou com maior “status científico” para toda e qualquer pesquisa de avaliação, como não existe único procedimento para as pesquisas científicas” (JANNUZZI, 2011).

⁴¹NONIE (Network of Networks on Impact Evaluation) é uma rede composta pela Rede de Avaliação da OCDE, pelo Grupo de Avaliação das Nações Unidas, pelo Grupo de Cooperação para Avaliação e pela Organização Internacional para Cooperação em Avaliação.

Como forma de sistematizar as contribuições sobre a avaliação de projetos sociais, ao longo do período entre 1988 até os dias de hoje, utilizaremos o que Silva (2013, p. 21.), chamou de “ondas avaliativas, que continuam sendo produzidas por diferentes atores e movimentos, de forma não orquestrada e intermitente. O reconhecimento do pluralismo que formata o campo é fundamental para compreender as práticas de avaliação no Brasil”.

A figura_2 apresenta o que Silva (2013, p. 20 a 30) nomeou como categorias emergentes, ou seja, “que se manifestam a posteriori no encontro entre autor e matéria reflexiva, autor e literatura, autor e memória” para resumir o percurso histórico da avaliação. O autor utiliza a palavra “ondas” no sentido de que o recorte temporal, antes e depois, não sustenta o estudo sobre a avaliação, pois as características sobre o histórico da avaliação variam de intensidade, mas não desaparecem do cenário.

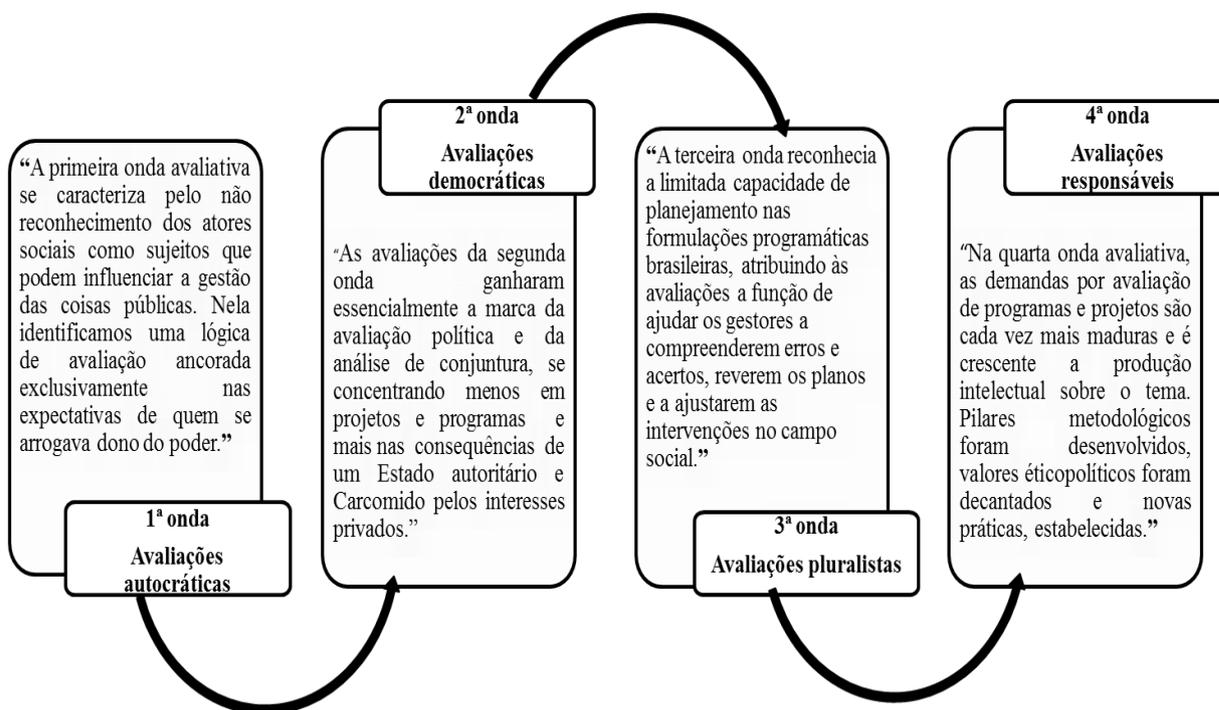


Figura 2 - Ondas avaliativas. Adaptação da autora. Fonte: Silva (2013, p. 20 – 30).

3.3 O FORTALECIMENTO DA AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS E PROJETOS

Diante dos posicionamentos teóricos apresentados em relação ao campo da avaliação, consideramos importante compartilhar alguns resultados importantes sobre a prática da avaliação dos programas e projetos sociais das organizações da sociedade civil.

Coordenada pelo Instituto Fontes⁴² e pela Fundação Itaú Social⁴³ “A Avaliação de Programas e Projetos Sociais de ONGs no Brasil”⁴⁴, orientada para o fortalecimento da avaliação de programas e projetos sociais no Brasil realizou um mapeamento com as ONGs brasileiras que utilizavam a avaliação em seus projetos sociais.

Para a grande maioria das ONGs/OSC, “a avaliação é entendida como um processo que apoia a gestão, a tomada de decisão, que ajuda a corrigir rumos, identificar erros e acertos, verifica a realização de objetivos, identifica os resultados no público do projeto e gera credibilidade ao projeto”. Ainda que não se precise incluir todos esses quesitos em todos os projetos a serem avaliados este caminho aponta para práticas de monitoramento no âmbito da gestão. (SILVA, R.R. *et al.*, 2013, p. 212).

A pesquisa quantitativa por amostragem teve abrangência nacional, sendo representativa do universo das ONGs atingindo 363 organizações e tinha como propósito conhecer as motivações, desafios e tendências da avaliação de programas e projetos sociais no Brasil.

⁴² O Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social é fruto da união de duas organizações da sociedade civil sem fins lucrativos com finalidade social e missão semelhantes: o Instituto Christophorus e o F.O.N.T.E. (Fomento Nacional para o Terceiro Setor). O objeto de nosso trabalho é o desenvolvimento social, traduzido no apoio ao desenvolvimento de indivíduos e iniciativas sociais. E, para nós, desenvolvimento é um processo, inerente a todo organismo vivo - seja um ser humano, seja uma organização social. <<http://institufonte.org.br/conteudo/historia>> Acesso em: 12 de nov. 2015

⁴³ A atuação da Fundação Itaú Social se dá em todo o território brasileiro, em parceria com as três esferas de governo, com o setor privado e com organizações da sociedade civil. <<http://www.fundacaoitausocial.org.br/>> Acesso em: 12 de nov. 2015

⁴⁴ A pesquisa completa pode ser acessada no sítio. <http://www.fundacaoitausocial.org.br/>. Acesso em 5 de out. 2015.

Seguem alguns pontos destacados pela autora:

- i. **91% das ONGs realizaram avaliação** de seus projetos nos últimos cinco anos, das quais 85% efetuaram avaliações internamente e 22% receberam o apoio de consultores externos.
- ii. A avaliação é pensada como um processo que, do maior grau para o menor grau de frequência, **a avaliação apoia a gestão**, a tomada de decisão, ajuda a corrigir rumos, identificar erros e acertos, verifica a realização de objetivos, identifica os resultados no público do projeto, gera credibilidade ao projeto e é difícil.
- iii. Os principais **desafios da avaliação** estão localizados em uma esfera estritamente técnica: a construção de indicadores, o envolvimento dos diferentes públicos na avaliação, o desenvolvimento de instrumentos, a coleta de informações, a análise dos resultados e na captação de recursos.
- iv. A pesquisa ainda aponta para a necessidade premente de qualificar tecnicamente as avaliações, investir em pesquisas nessa área do conhecimento, formar profissionais capacitados para executá-las, além de **trabalhar com modelos participativos**.

“Na trajetória de constituição das práticas de monitoramento e avaliação no âmbito da gestão das iniciativas sociais, muitos têm sido os referenciais a influenciar a comunidade de gestores, técnicos, consultores e pesquisadores conectados ao tema: referenciais teóricos advindos de diferentes campos do saber, importação e adaptação de métodos e técnicas das ciências humanas e naturais, aplicação de ferramentas do campo da administração e, de maneira muito marcante, uma aposta na inovação e na sistematização de práticas para a construção do que se poderia chamar de campo de avaliação brasileiro”. (SILVA, R.R. et al., 2014 *apud* OTERO; BARBOZA, 2012, p.202).

4. CAMPO

É no território, chamado Maré que se insere esta pesquisa. O bairro Maré foi criado oficialmente em 1994 e atualmente é o nono (9º) bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro⁴⁵. São mais de cento e trinta mil (130.000) moradores distribuídos em 16 comunidades⁴⁶ que ainda são conhecidas como favela da Maré. Em sua história, a Maré é um dos poucos territórios populares do Rio de Janeiro que conseguiu criar, desde a década de 1970, um processo de organização comunitária no sentido da busca pela inserção e o legítimo direito de habitar a cidade. E não seria por outro meio, senão o da participação organizada da sociedade civil, que os Joãos, Josés, Marias, Clementinas, assim como Jailson de Souza e Silva⁴⁷ e Jorge Barbosa⁴⁸, buscam desmontar as práticas hegemônicas que invisibilizam e estigmatizam amplas parcelas desse território, onde nasce o Observatório de Favelas.

“Logo, considerando que o simbólico é instituinte do real, tornar hegemônica as percepções e concepções que favorecem a inserção plena das favelas e de seus moradores da pólis é central para que as políticas globais, sistemáticas e de longo prazo sejam dirigidas ao atendimento de suas demandas” (SILVA, 2005).

Bem-vindos ao Observatório de Favelas!

4.10 OBSERVATÓRIO DE FAVELAS: O TERCEIRO SETOR E A AVALIAÇÃO DE PROJETOS

O Observatório de Favelas (OF) iniciou suas atividades desenvolvendo um trabalho que envolvia a formação de pesquisadores locais nas comunidades e a ampliação do conhecimento sobre fenômenos urbanos e que tivesse como ênfase um

⁴⁵ A Maré tem uma população próxima aos bairros de Copacabana ou da Barra da Tijuca em quantidade e tem o dobro de habitantes dos bairros da Rocinha (atualmente considerada a mais populosa do Brasil) ou do Complexo do Alemão. Censo de Empreendimentos Maré, 2014.

⁴⁶ São elas: Parque União; Vila dos Pinheiros; Nova Holanda; Vila do João; Parque da Maré; Baixa do Sapateiro; Roquete Pinto; Salsa e Merengue; Marcílio Dias; Morro do Timbau; Conjunto Esperança; Rubens Vaz; Conjunto dos Pinheiros; Conjunto Bento Ribeiro Dantas; Nova Maré; Praia de Ramos.

⁴⁷ Geógrafo, Professor Associado da UFF/RJ; Pós-doutorado em Educação e fundador e Diretor do Observatório de Favelas.

⁴⁸ Geógrafo, Professor e Coordenador do programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da UFF/RJ.

novo olhar sobre as favelas e demais espaços populares. Em 2001, estas atividades faziam parte de um programa do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade⁴⁹ (IETS), parceiro do OF até hoje.

Deste embrião nasce na Maré, no dia 20 de agosto de 2003, o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP), sem fins lucrativos, representada por profissionais e pesquisadores, oriundos de espaços populares e de diversas áreas do conhecimento. Sua atuação é de caráter nacional e atualmente a instituição conta com um conjunto de colaboradores nacionais e internacionais, difícil de ser mensurado.

Se afirmar o Direito à Cidade é o mantra do OF, que se dedica a produzir conhecimento e elaborar proposições políticas sobre a favela, no que tange a sua ressignificação e no âmbito das políticas públicas, superar desigualdades é sua missão, que se materializa na elaboração de conceitos, metodologias, projetos, programas e práticas que sejam capazes de contribuir para formulação e avaliação de políticas públicas.

Reconhecendo que no Brasil existe uma multiplicidade de fatores relacionados às desigualdades, o OF atua em cinco diferentes áreas⁵⁰: Educação, Cultura, Comunicação, Direitos Humanos e Políticas Urbanas perseguindo seus principais objetivos:

- (1) “Ampliar sua rede sociopedagógica para influenciar na elaboração de políticas públicas, torná-las efetivas e criar práticas de intervenção social nos espaços populares;
- (2) Avaliar políticas públicas destinadas à cidade e, em especial, aos espaços populares, a partir da produção de instrumentos conceituais e metodológicos plurais;

⁴⁹O IETS é uma instituição privada, sem fins lucrativos, voltada para a produção e a disseminação de conhecimento na área social, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população. < <http://www.iets.org.br/>> Acesso em: 2 fev. 2016.

⁵⁰<http://of.org.br/apresentacao/> Acesso em: 10 dez. 2015

(3) Elaborar conceitos, produzir informações e representações que ponham em perspectiva visões estereotipadas e homogeneizantes sobre as favelas e espaços populares;

(4) Incidir no campo das políticas culturais, para que a definição destas reconheça e contemple as manifestações e práticas presentes nos espaços populares;

(5) Formular e implantar práticas exemplares em educação, geração de trabalho e renda, moradia e regularização fundiária urbana, cultura, comunicação, segurança pública e valorização da vida;

(6) Constituir referências inovadoras de produção do conhecimento, dentro e fora de nossa rede social e política, para viabilizar propostas de “Direito à Cidade” (Observatório de Favelas ; 2006).

Considerando que o Observatório de Favelas faz parte do Terceiro Setor⁵¹, cabe tecer algumas colocações sobre as organizações da sociedade civil, entendendo que, - o debate no campo das Ciências Sociais ainda é repleto de lacunas e conflitos e que nas últimas décadas no Brasil vivenciamos a expansão deste setor, sendo consenso à importância do mesmo para a sociedade civil e para a economia.

“O crescimento e o fortalecimento das organizações sem fins lucrativos que compõem o Terceiro Setor têm acompanhado nos últimos dez anos as mudanças que vem ocorrendo no cenário sócio-político-econômico brasileiro”. (BORBA *et al.*, 2004, p. 42).

Marcado pelo intenso debate em relação às tentativas de definição deste setor, o conceito mais aceito atualmente é o de “uma esfera de atuação pública, não estatal,

⁵¹As designações (OSCIP) Organização da Sociedade Civil de Interesse Público e (OS) Organizações Sociais, porém, são qualificações que as associações e fundações podem receber, uma vez preenchidos os requisitos legais, assim como ocorre com as titulações de Utilidade Pública Municipal (UPM), Estadual (UPE) e Federal (UPF) e o Certificado de entidade beneficente de assistência social (CEBAS). Portanto, associação e fundação são os dois modelos possíveis, de acordo com o Código Civil brasileiro, de constituição de pessoas jurídicas integrantes do Terceiro Setor, que podem também receber títulos de OSCIP, OS, dentre outros. <www.bndes.org.br> Acesso em: 10 de nov. 2015.

formada a partir de iniciativas privadas voluntárias, sem fins lucrativos, no sentido do bem comum”. (COSTA, 2001). Assim também entende o BNDES:

“O Terceiro Setor constitui-se na esfera de atuação pública não estatal, formado a partir de iniciativas privadas, voluntárias, sem fins lucrativos, no sentido do bem comum. Nesta definição, agregam-se, estatística e conceitualmente, um conjunto altamente diversificado de instituições, no qual se incluem organizações não governamentais, fundações e institutos empresariais, associações comunitárias, entidades assistenciais e filantrópicas, assim como várias outras instituições sem fins lucrativos”. (BNDES - RELATO SETORIAL , 2001).

Segundo a pesquisa⁵² realizada pelo IBGE e pelo IPEA em 2010 e divulgada em 2012 sobre as Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos (Fasfil) temos no Brasil atualmente 290,7 mil Organizações da Sociedade Civil (OSCs) que em função de razões históricas incorporaram esta denominação genérica constituindo um grupo heterogêneo com atuação em causas gerais e específicas nos diversos campos de atuação político, social, econômico e cultural. Desta forma, tal heterogeneidade aliada à complexidade em relação às ações de mapeamento, qualificação e análise de tais organizações, dificultam o estabelecimento de normatizações e políticas para o setor representando um entrave para seu desenvolvimento e para a percepção da sociedade quanto aos diferentes propósitos aos quais servem (COSTA, 2001). Sendo assim, o setor ainda carece de estudos e pesquisas.

Para Assumpção e Campos (2011), a tendência do crescimento das ONGs, no cenário brasileiro, está diretamente atrelada à temática do estabelecimento da amplitude de ações das entidades e na definição de critérios de avaliação da ação e do investimento social realizado. Por outro lado, as ações e atividades dessas organizações, reconhecidas como extensões dos objetivos do Estado, tem a possibilidade de atuarem de forma mais dinâmica, eficiente e flexível, já que não estão amarradas aos aparatos burocráticos, por vezes ineficiente e inflexível. (ASSUMPCÃO E CAMPOS, 2011 *apud* ALVES, 2002; MONTAÑO, 2007).

⁵²Pesquisa completa sobre Fundações e Associações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, desenvolvida a partir da parceria entre IBGE, IPEA, ABONG e GIFE. <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/fasfil/2010/default.shtm>> Acesso em 5 de out. 2015.

Observando as rápidas e profundas mudanças no cenário nacional, percebe-se que novas formas de articulação de grupos sociais passam a existir e ganhar força, com o objetivo de dar respostas mais efetivas às complexas demandas sociais. Ao longo de seu percurso histórico, o Observatório de Favelas vem respondendo, através de seus projetos, às complexas demandas sociais no sentido de ampliar as discussões não só sobre a dimensão particular da favela e de outros espaços populares, mas especialmente sobre a cidade. O investimento no conjunto de profissionais de origem popular e de outros espaços é o que caracteriza o OF como uma instituição propositiva que tem como foco a construção de metodologias, tecnologias sociais e conceitos que contribuam para a cidadania plena e para o respeito à diferença.

“[...]o sentido de nossa existência, além da pressão sobre os poderes públicos para que assumam o devido compromisso com os interesses da maioria da população, é produzir conceitos, iniciativas e tecnologias sociais que se tornem “exemplares”, capazes de se constituírem como referências para elaboração de políticas públicas e, com escala, impactarem as instituições sociais. [...] o Observatório de Favelas tem como característica maior a produção de diagnósticos, análises, avaliação e metodologias que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população, em particular das favelas. Afinal, nossa grande meta é construir uma cidade em que todos os cidadãos possam viver, com liberdade, suas possibilidades e intenções subjetivas e, ao mesmo tempo, com igualdade do ponto de vista da dignidade humana. Nossos projetos [...] tem como base a afirmação da condição dos moradores de todos os territórios da cidade como sujeitos de direitos, e das favelas e periferias, em especial, como territórios a serem privilegiados do ponto de vista das políticas públicas”. (SITE DO OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2015)⁵³.

No âmbito do desenvolvimento de políticas públicas para a juventude o que o Observatório de Favelas busca oferecer é, em primeiro lugar, a ampliação de repertório, considerando que, cada vez mais, os jovens que participam dos projetos do OF adquirem um conjunto de competências e habilidades que ampliam sua percepção de lugar, de cidade, de espaço e tempo para que eles possam construir novas possibilidades nos seus territórios ou em outros territórios. A ampliação da dimensão de pertencimento e circulação pela cidade é o que o diretor do OF nomeia como mobilidade plena:

“É a capacidade de ele estar num grau de probabilidade de circulação não só do ponto de vista físico, mas também educacional, cultural, social e simbólico especialmente. Além disso, é importante levar em conta que o simbólico institui o real. Toda política pública se sustenta em

⁵³<<http://of.org.br/areas-de-atuacao/politicas-urbanas/>> Acesso em: 22 de jan. 2016.

representações específicas sobre os territórios e sobre as pessoas”. (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

A experiência vivida nos projetos sociais desenvolvidos pelo OF parte da reflexão e do exercício de análise crítica do mundo e de uma visão de futuro que tem potencial de contribuir para que os jovens enriqueçam seus repertórios e ampliem suas escolhas, a partir da confirmação ou criação de valores, como afirmado abaixo.

“O que tá acontecendo no Rio de Janeiro, especialmente hoje, é o fato cada vez mais organizações da periferia e grupos da periferia afirmam a visibilidade do discurso na cidade. Antigamente quando eu era garoto, dificilmente você tinha pessoas de periferia falando, formalizando, principalmente produzindo conceitos. Hoje você tem cada vez mais. Você não simplesmente narra sua experiência. Você analisa sua experiência, você discute sua experiência e coloca como referência para a cidade. Isso é cada vez mais comum em vários discursos. Cada vez mais essa capacidade de produzir tanto no campo da literatura, como no campo da formulação conceitual acadêmica, como no campo do uso de novas tecnologias, você tem cada vez mais novas gerações das favelas e periferias se colocando. Então parece que esses caras se tornam cada vez mais sujeitos e com isso as políticas tem que atuar cada vez mais localizadas. No limite, a política pública trabalha normalmente com os visíveis, trabalha com o que aparece. Porque quando essas pessoas começam a se colocar é necessário fazer outra discussão sobre juventude. Então a prefeitura agora, tá fazendo planejamento estratégico, cria o Conselho da Juventude, dezenas e dezenas desses jovens estão lá, se colocando, se posicionando e tão interferindo. Então me parece que essa é a questão fundamental. Como é que esses jovens rompendo, em função do seu protagonismo, da sua visibilidade, da sua capacidade de intervenção na cidade vão sendo reconhecidos na produção de novos tipos de políticas estruturantes e não apenas de uma política para eles, porque é muito pouco. O jovem não tem que ser pensado apenas como objeto de políticas de juventude e nem pode ser pensando apenas voltados para as políticas que os atingem, mas eles como sujeitos da cidade interferindo na produção de política como conjunto da cidade” (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

Temos então jovens produzindo conceitos e interferindo na produção política, mas ainda nos resta o desafio que é como contribuir para uma transformação cada vez maior da política pública para além da dimensão estatal, uma dimensão efetivamente pública que incorpora as organizações sociais e a sociedade civil.

É inegável a capacidade de o OF incidir em política pública em todas as suas cinco áreas de atuação, seja construindo e desenvolvendo projetos, publicando livros e

pesquisas e ampliando redes que permitem às pessoas que “beberam nesta fonte” possam colaborar com outras organizações, trabalhar em outros grupos e criar novas iniciativas. No entanto, o OF se ressentiu por não ter uma dinâmica efetiva e sistemática, normatizada e coordenada que garanta a gestão de todos os projetos que estão em andamento, assim como, no que tange a esta dissertação, seus respectivos processos de avaliação. Na história da instituição foram várias tentativas realizadas no sentido de criar um setor de monitoramento e avaliação, porém apesar de considerarem uma necessidade e de ter sido objeto de diversas reuniões, nunca se conseguiu realizar uma discussão sistemática.

A pesquisa inédita, “*A Avaliação de Programas e Projetos Sociais de ONGs no Brasil*”⁵⁴, orientada para o fortalecimento da avaliação de programas e projetos sociais no Brasil realizou um mapeamento sobre o quanto e o como as ONGs brasileiras realizavam avaliação de seus projetos sociais. A pesquisa quantitativa por amostragem teve abrangência nacional, sendo representativa do universo das ONGs atingindo 363 organizações. (SILVA, R.R. *et al.*, 2008).

Os aprendizados que esta pesquisa revela é que a importância da avaliação está consolidada pelas ONGs e apesar de não ser necessário mais advogar por sua relevância ainda é muito importante estar atento para quais finalidades ela tem sido utilizada. O foco de atuação do avaliador (interno ou externo) e o envolvimento da equipe do projeto na construção dos processos de avaliação são fatores que potencializam os benefícios da avaliação. Ao longo do processo a equipe deve incorporar os resultados da avaliação com a finalidade de implementar as mudanças necessárias. A pesquisa ainda aponta que as ONGs que trabalham com avaliações de processo buscam estabelecer relações com o seu potencial estratégico, já as ONGs que trabalham com avaliação de resultados tendem a estabelecer relação com a promoção dos projetos ou até como uma atividade burocrática. Diante deste cenário podemos considerar que é crescente o interesse das organizações que compõem o Terceiro Setor por saberes e tecnologias avaliativas.

⁵⁴ Pesquisa completa sobre Fundações e Associações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, desenvolvida a partir da parceria entre IBGE, IPEA, ABONG e GIFE. Pode ser acessada no sítio <<http://www.fundacaoitausocial.org.br/>> Acesso em: 12 de nov. 2015

Apesar de não terem constituído um núcleo de monitoramento e avaliação, o OF compreende claramente a necessidade de travar essa discussão de forma mais sistemática.

“Mas quando você não tem esse processo sistemático de avaliação, seja no início do processo, seja no meio, seja no final, você perde a capacidade de estar reinventando, muitas vezes. Essa é uma avaliação importante! Eu só acho que o pressuposto da avaliação, continua sendo criar critérios e indicadores que permitam trabalhar com o que caracteriza o nosso trabalho”.(Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

Dadas as responsabilidades dos projetos inovadores, como os desenvolvidos pelo OF, o nível de recursos que demandam e as expectativas de benefícios que devem gerar, as ações de acompanhamento e ajuste dos processos constituem ferramental essencial de qualidade. No entanto é importante revisitar a definição institucional sobre a visão, o conceito e os processos de gestão dos projetos, que incluem a avaliação, sendo possível ser viabilizado a partir da ativação de parcerias e interfaces em diferentes níveis, agenciando demandas e recursos e atuando sobre uma base operacional apoiada em tecnologias de informação e de comunicação. Isso inclui fundamentalmente o comprometimento formal entre as instâncias parceiras com as parcelas essenciais das responsabilidades envolvidas, a definição de acordos e critérios comuns de trabalho e decisão, o planejamento estratégico e logístico apurado no processo de implementação dos projetos e, especialmente, o trabalho permanente com metodologias e técnicas de monitoramento e avaliação baseado em informações sistematicamente captadas, processadas e disponibilizadas para todas as instâncias parceiras comprometidas no processo de gestão.

Nesse contexto, no qual o OF se insere, percebe-se a busca pela existência de cidadãos plenos que exerçam cada vez mais seu direito de cidadania e que consigam viver com dignidade, um espaço para compartilhamento de práticas não entre o Terceiro Setor, mas com todos os setores do País.

4.1.1 ESPOCC

“Quando a gente criou o OF tinha claramente a necessidade de reconhecer a cidade em termos de imaginário de políticas públicas. E nesse campo da representação das favelas era muito comum um discurso que a gente chamava de paradigma da ausência. A favela era sempre explicada a partir da negação, da carência, da precariedade. Isso era tanto nas definições oficiais como no senso comum. Isso ia da comunidade carente que a mídia usa, até aglomerado subnormal que o IBGE usa. Pra fazer essa disputa era importante entrar no campo da comunicação. Educação é um eixo importante, produção de conhecimento também e a questão da comunicação”. (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

A questão que se colocava não era incidir sobre a grande mídia para mudar a representação das favelas. O objetivo estava claro “[...] formar cada vez mais pessoas na sociedade, centenas e centenas de pessoas que pudessem construir um novo olhar sobre a favela”⁵⁵ e substituir o paradigma da ausência pelo da potência, capaz de valorizar a capacidade criativa e transformadora existente nos espaços populares.

“Que se reconheça a noção de inventividade, de convivência de solidariedades orgânicas e todo um conjunto de perspectivas sobre os territórios populares invisibilizados pela grande mídia, pela população que não vivia a favela”. E essa é uma das diretrizes que orienta o trabalho do Observatório de Favelas. (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

Para colaborar com a necessidade da construção de um novo olhar, não por acaso, o amigo fotógrafo documentarista João Roberto Ripper⁵⁶ foi convidado para desenvolver uma oficina de fotografia no OF, a partir da sua experiência com uma cooperativa de fotógrafos. Mas os fundadores do OF já estavam pensando na ESPOCC. Queriam algo maior, que trabalhasse com as diferentes linguagens, jornalismo, fotografia, vídeo e o rádio.

⁵⁵Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015

⁵⁶ Nascido em 1953, no Rio de Janeiro, João Roberto Ripper trabalhou como repórter-fotográfico dos seguintes jornais e agências fotográficas: Luta Democrática, Diário de Notícias, Última Hora, O Globo, Agência F4 e Imagens da Terra. Atuou como diretor na Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro, no Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro e na Federação Nacional dos Jornalistas. Foi coordenador das campanhas pela obrigatoriedade do crédito na fotografia e contratos de direito autoral e o responsável pela criação e implantação das tabelas de preços mínimos. Idealizador e coordenador do Projeto Imagens do Povo do Observatório de Favelas <<http://fotoempauta.com.br/joao-roberto-ripper/>> Acesso em: 10 jan. 2016.

A Escola Popular de Comunicação Crítica– ESPOCC - foi criada no âmbito do Observatório de Favelas. Jovens e adultos, moradores de espaços populares, mas também de outros espaços da cidade, participam de experiências e constroem conhecimentos, a partir de uma formação teórica e técnica, associadas a oportunidades inovadoras no campo das linguagens de comunicação, buscando potencializar sua ação crítica e transformadora. No intuito de atender a estes objetivos, em 2005, a ESPOCC inicia suas atividades contando com uma forte parceria envolvendo a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), o Canal Futura e outras organizações de áreas correlatas. É importante destacar a ampliação da rede de parceiros envolvidos com a ESPOCC no biênio 2014-2016.

PARCERIOS – ESPOCC 2014/2015	TIPO DE CONTRIBUIÇÃO
Escola de Comunicação da UFRJ	Recursos Humanos, contribuição ao Projeto Pedagógico, e certificação dos alunos
Escola Superior de Propaganda e Marketing	Recursos Humanos, contribuição ao Projeto Pedagógico, parcerias diversas e equipamentos
Criar Brasil	Divulgação e compartilhamento de metodologias
Canal Futura	Divulgação
Viva favela	Divulgação
Redes da Maré	Suporte de Comunicação Comunitária
Agência Redes para Juventude	Compartilhamento de metodologias e tecnologias digitais
Circo Crescer e Viver	Compartilhamento de metodologias, espaços e trabalhos conjuntos
Meu Rio	Compartilhamento de metodologias e tecnologias digitais
Coletivo Fora do Eixo	Compartilhamento de metodologias e tecnologias digitais
Secretaria Nacional de Juventude	Suporte de Comunicação e parcerias com alunos e da Agência Diálogos
ICCO	Desenvolvimento Institucional – Complementação financeira
BrazilFoundation	Suporte à gestão pedagógica e ampliação do alcance de nossas comunicações e atividades e complementação financeira.

Figura 3 - Parcerias ESPOC 2014-2015. Fonte: Projeto Renovação ESPOCC.

Fazendo um breve resumo da sua história, além de sua atuação na Maré a ESPOCC expandiu suas atividades para Nova Iguaçu/RJ e Vitória/ES (2005 e 2006), passou em 2012 por uma reestruturação interna em relação a sua estrutura de

funcionamento, cunhou o conceito de Publicidade Afirmativa⁵⁷ e criou os cursos de Audiovisual e Criação Digital. A Agência Diálogos⁵⁸ é a primeira agência de Publicidade Afirmativa. Criada em 2011, presta serviço para os projetos internos e externos contando com uma equipe que inclui jovens egressos da ESPOCC, que atuam profissionalmente e os alunos matriculados, que passam pelo processo seletivo interno atuam como bolsistas.

O trabalho articulado entre o conjunto de profissionais da ESPOCC, os alunos e os parceiros foi responsável pela realização de importantes ações sociais a partir das temáticas de publicidade afirmativa, produção audiovisual e convivência com destaque para: (1) a campanha de redução da violência letal contra a juventude negra, “Juventude Marcada para Viver” – JMV⁵⁹; (2) a criação e fortalecimento de diversos coletivos como: Entre sem Bater⁶⁰, focado nas remoções; CCRUA⁶¹ (Coletivo Criativo de Rua) de arte e cultura de rua; o Ocupa Alemão⁶²; (3) o “Cineclube Sem Tela” reconhecido como ponto de difusão digital do Ministério da Cultura, na Maré; (4) a produção cinematográfica “5X Favela, agora por nós mesmos” que contratou dois alunos para a criação do roteiro e em seguida assumiram a direção.

⁵⁷Publicidade Afirmativa é aquela que não visa o lucro ou a promoção de uma marca com fins estritamente comerciais. Mais do que isso, promove valores de sociabilidade, a cultura e o empreendedorismo comunitário e socioambiental. Para isso, adapta – ou subverte – a linguagem, as ferramentas e a organização do trabalho da publicidade convencional. Fonte: Projeto Renovação ESPOCC Petrobras 2014-2016.

⁵⁸A Agência Diálogos é voltada para causas sociais e culturais, empreendedorismo e desenvolvimento territorial, composta da tessitura das linhas estratégicas da ESPOCC: Comunicação Crítica, Publicidade Afirmativa e Efetividade e Organizações Populares de Comunicação. Fonte: Projeto Renovação ESPOCC Petrobras 2014-2016.

⁵⁹A Campanha Juventude Marcada Para Viver, apresenta trabalho de conclusão de curso da Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC 2012. A análise exigiu mais de dois meses de pesquisa de dados sobre os homicídios de jovens negros no Brasil e em especial no Rio de Janeiro. <<http://www.espocc.org.br/analise-de-contexto-da-campanha-juventude-marcada-para-viver/analises-baixa/>> Acesso em: 12 de mar. 2016.

⁶⁰O Entre Sem Bater é um projeto colaborativo cuja intenção é alimentar o diálogo e reflexão sobre moradia e direito a cidade no Rio de Janeiro, assim como estimular a mobilização em torno dessas questões. <<https://www.facebook.com/EntreSemBater.org/?fref=ts>> Acesso em: 12 de mar. 2016

⁶¹ O Coletivo CRUA surgiu da iniciativa de um grupo de jovens da periferia do Rio de Janeiro, interessados em expressões artísticas populares. Seu objetivo é integrar, explorar e divulgar a cultura local. Trabalhando colaborativamente com os atores locais para proporcionar uma troca de saberes, afeto e valorização das identidades periféricas. <<https://www.facebook.com/coletivocrua/?fref=ts>>. Acesso em: 12 de mar. 2016.

⁶² O Ocupa Alemão nasceu pela morte, pela dor, causada pelo racismo institucional, pela violência do Estado ao negro e ao favelado. <<https://www.facebook.com/OcupaAlemao/?fref=ts>> Acesso em: 12 de mar. 2016.

Diante de sua história a ESPOCC se propôs a construir um novo olhar para a comunicação a partir de experiências cidadãs, superando as leituras hegemônicas que acabam por dominar o imaginário social em relação às favelas e periferias. De forma crítica e criativa a proposta para os jovens, que ingressam na ESPOCC, se estrutura a partir de suas vivências cotidianas e pela ampliação do capital cultural e técnico, sendo possível agirem como atores sociais para democratização da comunicação e da informação. (PROJETO ESPOCC⁶³, 2014/2016).

Considerados como protagonistas de suas trajetórias os alunos individualmente ou de forma coletiva são autores de vários projetos.

“Eu já estava “paquerando” o Observatório e desde que eu me formei. Eu sou formada em publicidade, eu não me encontrei, não gostei do curso, mas optei por terminá-lo. Aí já comecei a trabalhar na Bem TV, que é uma ONG de educação e comunicação, trabalhando também em projetos e eu sempre vi o Observatório de longe. A publicidade é muito comercial, muita venda, muita influência e tal. A ESPOCC me deu a oportunidade de fazer publicidade na contramão, diferente da convencional, que é a publicidade afirmativa. Além disso, tratava da questão do racismo, que a gente participou da campanha, desenvolveu né? A campanha do “Juventude Marcada para Viver”, que fala do racismo, fala do direito à vida, dos jovens negros. Isso tudo me incentivou muito e fez com que eu levasse a ESPOCC até o fim”. (Trecho da entrevista com jovem_4_ out 2015).

A jovem_4 relata que o fato de reconhecer que ela fez parte do desenvolvimento de uma campanha, que trazia um novo conceito de publicidade e abordava a temática racial e do direito à vida, foi o que a incentivou a concluir o curso.

“A publicidade pra mim é uma das áreas da administração e da comunicação[...]que mais cria preconceitos e distinção na sociedade, é o famoso eu tenho e você não tem. Que distingue marcas, quem pode ter o que, que distingue os objetos de desejo, a apropriação dos objetos e usar essa mesma ferramenta pra desconstruir[...], em tese, ajuda a construir um movimento muito interessante”. (Trecho da entrevista com a ex-coordenadora Pedagógica_Rita Afonso).

“[...] a ESPOCC muda a lente. Eu tenho plena convicção disso. [...] mesmo que ele não saiba fazer um comercial, ele não saiba fazer um vídeo, quando

⁶³ Trata-se do projeto da ESPOCC aplicado na Petrobras, dentro do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania.

ele vê um comercial ele vai questionar porque não tem negro, ele vai questionar porque comercial de sabão em pó só tem mulher. (Trecho da entrevista com a atual coordenadora Pedagógica_Camila Santos)”.

Diante do cenário brasileiro do século XXI, a ESPOCC, elabora e oferece alternativas para a criação de conhecimentos necessários a uma sociedade que precisa responder aos crescentes desafios da contemporaneidade. Apresenta-se, assim, como parceira de qualidade no desenvolvimento de políticas públicas que visam ampliar as condições de participação política, econômica e social da população, tendo como efeito o bem estar social com novos caminhos para o convívio sustentável das gerações de agora e o futuro.

A partir da base de dados constituída no período entre 2012 e 2016, a ESPOCC recebeu mais de 800 (oitocentos) currículos de jovens/adultos, que passaram pelo processo de seleção, interessados em ingressar nos cursos de Comunicação Crítica (Audiovisual e Criação Digital) e já foram formados, nestes quatro anos, mais de 300 jovens cheios de ideias e ideais, atores potentes nos campos políticos, sociais e culturais em seus territórios ou em outros, com o desejo de transformar a forma de pensar a cidade. Estes 300 jovens ratificam, as palavras e o desejo do Diretor do OF, Jailson de Souza “[...] formar cada vez mais pessoas na sociedade, centenas e centenas de pessoas que pudessem construir um novo olhar sobre a favela”. (Trecho da entrevista com Jailson de Souza e Silva).

4.1.2. APROXIMANDO A AVALIAÇÃO DA GESTÃO

A realização de uma avaliação deve ser pensada desde o momento da elaboração do projeto, como um processo que apoia a gestão. Utilizando os resultados da pesquisa sobre “A Avaliação de Programas e Projetos Sociais de ONGs no Brasil”, a avaliação é pensada pelas organizações como um processo que, do maior grau para o menor grau de frequência, apoia a gestão, a tomada de decisão, ajuda a corrigir rumos, identifica erros e acertos, verifica a realização de objetivos, identifica os resultados no público do projeto, gera credibilidade ao projeto e é difícil.

“Sem gestão, contudo, não há como falar em projeto, não há como garantir o cumprimento de objetivos e não há como prestarmos contas de responsabilidades educativas, sociais, e outras tantas envolvidas em nossos empreendimentos”. (MONTEIRO, 2012, p. 223).

Na implementação de programas e projetos educacionais/sociais as instâncias de avaliação e de gestão andam juntas, como objetivo de pensar e repensar cotidianamente suas práticas e procedimentos no intuito de atender, em primeiro lugar, seus beneficiários.

Tradicionalmente, a gestão envolve capacidades de caráter mais técnico, sendo associadas a uma racionalidade que normalmente está relacionada a processos centralizados, que pouco facilitam as ações dialogais e a participação. No entanto, podemos identificar que a atual tendência social de formação de redes favorece a criação de formas mais horizontalizadas, abrindo espaço e demanda por conectividade e participação. Para que se aproxime desta tendência, as duas instâncias (avaliação e gestão) precisam agregar novos conceitos e instrumentos que incluam as funções e capacidades relacionais tais como um processo sistêmico que se retroalimenta, como na Figura 5, abaixo.

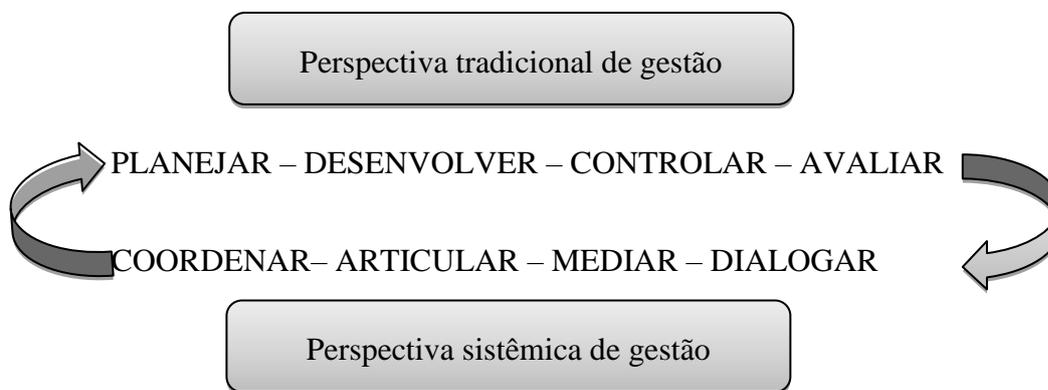


Figura 4 - Modelo participativo e instâncias de gestão. Fonte: (MONTEIRO, 2013, p.228) adaptado pela autora.

No campo da educação, a avaliação educacional carrega contradições entre o discurso e a prática e é especialmente cruel em relação à ação classificatória e autoritária.

“É necessária a tomada de consciência dessas influências para que a nossa prática avaliativa não reproduza, inconscientemente, a arbitrariedade e o autoritarismo que

contestaram pelo discurso. Temos que desvelar contradições e equívocos teóricos [...] construindo um “ressignificado” para a avaliação e desmistificando-a de fantasmas de um passado ainda muito em voga”. (HOFFMANN, 2012).

De acordo com Hoffmann (2012), é fundamental que as práticas rotineiras e automatizadas sejam desestabilizadas a partir de uma tomada de consciência coletiva sobre o significado dessa prática. Esse é um desafio a ser enfrentado. Pois tudo isso traz complexidade e desafios adicionais para o desenho de um modelo de gestão institucional, como nos revela outro autor, abaixo:

“Os programas são microcosmos da sociedade democrática uma vez que possuem estruturas de poder, políticas de apoio, representam relações entre cidadãos e as elites, revelam as prioridades das políticas porque exibem as decisões e alocação de recursos e possuem características culturais. Cada avaliação é, por isso, um estudo de caso do contrato social” (FERNANDES, 2011 *apud*, KUSHNER, 2002).

4.1.3. A AVALIAÇÃO NA ESPOCC

A atual estrutura da ESPOCC é fruto das ações que foram iniciadas em 2005, até os dias de hoje. As responsabilidades do dia-a-dia da ESPOCC, assim como a gestão e o acompanhamento de todas as atividades da escola são realizadas pela coordenação executiva e pedagógica, que contam com um time de assistentes, técnicos, monitores, professores e bolsistas da Agência Diálogos.

“Hoje em dia faço junto com o Rodrigo. É toda parte de acompanhamento da escola mesmo, a gente pensou o curso desde [...] o que aconteceu de 2012 até hoje. Mudou muita coisa, foram feitos vários ajustes [...] a partir de questões que a gente achou que não deram muito certo no passado. [...] o que eu coordeno é essa parte mais pedagógica [...] dentro dessa estrutura que já tá pronta, que já tá colocada, inclusive no plano de trabalho que já foi acordado com a Petrobras. Então eu cuido de toda essa parte, vamos dizer assim, pedagógica e das avaliações”. (Trecho da entrevista realizada com Camila Santos – Coord. Pedagógica).

A Coordenação Geral da ESPOCC está a cargo do Eduardo Alves, desde o segundo semestre de 2103, sendo o responsável pelas ações estratégicas, vinculadas a direção, como por exemplo, a renovação do contrato com a Petrobras para o biênio 2014/2016 o que inclui os processos do MAIS - Monitoramento e Avaliação do Investimento Social- , o sistema Petrobras de avaliação de projetos sociais, utilizado em todos os seus investimentos sociais.

O projeto - Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC - aplicado no âmbito do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, abrange a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, tem como linha programática a Educação para Qualificação Profissional e assume como temas transversais Gênero e Igualdade Racial.

A partir dos documentos analisados, identificamos no Formulário de Apresentação do Projeto a proposta de avaliação que foi definida a partir da parceria OF – ESPOCC e Petrobras. O documento (anexo) é estruturado em seis sessões, sendo que três dizem respeito às ações de monitoramento e avaliação que são inseridas no sistema MAIS, desenvolvido pela Petrobras. São elas:

- i. Seção 3 – Como o projeto será organizado?
 - a. O documento apresenta uma tabela com o objetivo geral, os objetivos específicos, as ações e os resultados esperados.
- ii. Seção 5 - Como avaliar o projeto?
 - a. O documento apresenta sua Matriz da avaliação de processos composta pelos objetivos específicos, indicadores, meios de verificação e periodicidade.
- iii. Seção 6 – Que cronograma o projeto irá cumprir?
 - a. É apresentada uma tabela que inclui os objetivos específicos e as ações relacionadas aos 24 meses de projeto.

As seções, 3, 5 e 6, dispostas no documento, dizem respeito aos processos de monitoramento e avaliação definidos no formulário de apresentação de projetos e estão, em termos metodológicos, alinhados com o Método do Quadro Lógico (MQL), apesar de não estar explicitada, na proposta, sua utilização. O Quadro Lógico (QL) é a forma de organizar graficamente a dinâmica de funcionamento do MQL e onde são registrados os dados (evidências) correspondentes às ações do projeto que se relacionam os objetivos de monitoramento e de avaliação sistemática.

As avaliações realizadas pela ESPOCC, entre os anos de 2012 a 2016, correspondem as seis (6) turmas que já vivenciaram este processo e ainda as duas (2) turmas que finalizam suas atividades em junho de 2016, perfazendo um total de oito (8) turmas e cerca de trezentos e sessenta (360) alunos. Ao longo desses anos a

coordenação pedagógica desenvolveu diversos instrumentos e metodologias com o objetivo de se aproximar dos resultados e da melhoria contínua do projeto, mas principalmente para atender as demandas da Petrobras que fazem parte do escopo do projeto. São eles:

1. Elaboração e aplicação de questionários socioeconômicos – Perfil dos alunos

1.1. 2012/2013: Desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados realizado em dois momentos distintos: na entrada e na saída da ESPOCC.

1.2. 2014/2016: Desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados. Foram incluídas questões sobre as expectativas em relação ao curso. Não foi realizado o levantamento das informações sobre atendimento as expectativas ao final do curso. Optou-se pela elaboração de um novo questionário sobre os resultados da avaliação final de desempenho, de caráter auto-declaratório.

2. Questionários de avaliação

2.1. 2012/2013

2.1.1. Turma 2012 – 51 questões: avaliação do curso e das disciplinas, avaliação dos professores, avaliação dos alunos em relação à contribuição do processo formativo, avaliação da coordenação e do instrumento, avaliação dos professores em relação à participação e aprendizado, auto-avaliação.

2.1.2. Turma 2013⁶⁴ – 15 questões: 1º bloco Instrumental: avaliação da escola, dos alunos e dos conteúdos e temas abordados; 2º bloco: avaliação do aprendizado, da participação e da participação na campanha de publicidade que corresponde ao trabalho final de curso.

2.2. 2014/2016:

⁶⁴ Questionário para os alunos e professores. Acesso em 17 de mar. 2016

<<https://docs.google.com/forms/d/1Pwe2i0fYLvwZ95-vp6TSt1-LKemNbrCe90PvG4Cn64/viewform>>
<<https://docs.google.com/forms/d/1yypfGquqgEocvyAZBa9SKtNKX6lx35M0DWSozPMOWes/viewform>>

2.2.1. Turma 2014/2015⁶⁵—A avaliação do desempenho dos alunos pode ser percebida de duas formas: questões sobre o que as turmas aprenderam nas aulas e questões de auto-avaliação de acordo com a variável de concordância em relação a cada questão.

2.2.2. A Roda de Conversa, que inclui todos os alunos, foi uma metodologia de base qualitativa proposta pela coordenação. Após a análise dos dados dos questionários a coordenação levantava os temas mais polêmicos para serem debatidos com o grupo. A Roda tem duração de 3 horas é mediada pela coordenação pedagógica e possui registro fotográfico e audiovisual.

É na plataforma MAIS que as informações sobre o andamento do projeto são preenchidas. Ao analisar o questionário de perfil dos alunos e de desempenho e a plataforma MAIS, foi possível perceber que as evidências que comprovam o alcance dos objetivos em relação ao crescimento do capital cultural e ampliação do repertório dos alunos, principal propósito do curso, não representam o que foi vivido, realizado e conquistado pelos alunos. Apesar de serem dois componentes estratégicos, a coordenação pedagógica considera que:

“[...] o principal propósito da ESPOCC não tem como avaliar formalmente, que é justamente [...] da questão da ampliação de repertório. A meu ver não tem como avaliar isso, mas é perceptível, é visível”. (Trecho da entrevista realizada com Camila Santos – Coord. Pedagógica).

Para o diretor do OF é preciso:

“[...] construir mecanismos de avaliação que trabalhem efetivamente também todas as possibilidades de ampliação de repertório, que é o eixo fundamental e, o nosso desafio é a gente conseguir ampliar o repertório daquele cara”. (Trecho da entrevista com Jailson de Souza e Silva, 2015).

Um ponto de fundamental importância e que não foi identificado neste projeto foi a participação de todas as partes interessadas ou os famosos *stakeholders*, tanto no processo de construção das matrizes de avaliação, quanto na definição dos processos de

⁶⁵Questionário online e TCC. Acesso em 17 de mar. 2016 <https://docs.google.com/forms/d/161D6_pwqA_Nw3YIBPXiVpKKHGPgcZH0mWVoMuPQSacM/vievwformhttp://www.espocc.org.br/onlaje/sobre.html>

comunicação. Estruturar e garantir os processos de comunicação no conjunto de atividades dos projetos é fundamental para que as vozes de todos os envolvidos apareçam. As expectativas, a compreensão clara sobre as tomadas de decisões, amplia o comprometimento de todos, pela busca por melhores resultados e assim, os objetivos terão maior possibilidade de serem atingidos. Ainda em relação à comunicação, para que os projetos possam cumprir de forma plena seus propósitos é fundamental buscar procedimentos que permitam o *feedback* adequado e profundo para que se retrate o mais fielmente possível as ações realizadas.

No relatório enviado para a Petrobras, o que mais se aproxima de um *feedback* são as solicitações de justificativas por parte da Petrobras, que devem ser seguidas de respostas, sendo assinadas pelo Coordenador Geral da ESPOCC e incluídas no sistema. Aqui, - empresa e gestor estão preocupados com as evidências, que são construídas, pela Coordenação Pedagógica. A avaliação da Petrobras não faz interface com o que o ESPOCC quer entregar de valor para os jovens e para a sociedade.

Apresentamos como exemplo o texto do documento de justificativa se encontra no anexo.

Solicitações de justificativa - Petrobras

(a) O número de participantes já superou a meta prevista.

Resposta - ESPOCC

O número de participantes diretos atual superou a meta prevista porque reúne os participantes ativos e os participantes evadidos do ANO I e do ANO II do projeto até o momento. Conforme já apresentado em relatórios anteriores, temos realizado a reposição de vagas remanescentes. O controle de novos participantes e de evadidos, bem como as causas da evasão, tem sido evidenciado em cada relatório enviado.

Solicitações de justificativa - Petrobras

(b) As contrapartidas de divulgação vêm sendo executadas, porém a evidenciação de algumas delas está incompleta, naqueles casos em que produtos de divulgação são confeccionados com recursos próprios da instituição devem estar acompanhados de declaração que informe a quantidade total e declare a produção com recursos próprios, no caso específico da produção de cartazes, e da mesma forma no desenvolvimento de produtos de mídia digital.

Resposta - ESPOCC

Os cartazes evidenciados no anexo “questão31_cartazes_agência” tratam-se de cartazes eletrônicos de uso exclusivamente online, que foram divulgados por e-mails marketing e através de redes sociais, de modo que nenhum custo extra foi gerado para a instituição e para o projeto para além das horas de trabalho da equipe técnica da Agência Diálogos já contratada.

Caso as respostas estejam de acordo com o esperado pelo gestor responsável da Petrobras a troca se encerra. Desta forma, podemos afirmar que não foi identificada nenhuma menção sobre o *feedback* das ações de monitoramento e avaliação com os principais interessados que apontem de forma mais aprofundada: o que funciona; como funciona e porque funciona. Uma lógica que não aponta para a reflexão e ampliação de melhoria nos processos e no projeto.

“A Petrobras quando faz um relatório ela não tá nenhum pouco interessada no que o projeto vai melhorar. Ela tá interessada no que aquilo traz de informação pra melhorar a gestão do recurso que ela investe”. (Trecho da entrevista com Rita Afonso - ex-Coordenadora Pedagógica)

Cabe ressaltar, que os dois processos de avaliação existentes demandam um esforço de elaboração das questões e da sistematização das informações e são de responsabilidade da Coordenação Pedagógica, que não necessariamente tem experiência em avaliação. O tempo dedicado nesta elaboração, a cada período de verificação, demanda um número de horas grande que nem sempre são aproveitadas, principalmente pela ausência de um *feedback* mais qualitativo e participativo por parte do patrocinador. Se gasta tempo para levantar as evidências que muitas vezes não representam de fato o

que se conquistou, seja em relação aos jovens ou ao processo de gestão, mas parece que é o suficiente para a Petrobras.

O sistema MAIS está estruturado a partir de uma lógica de avaliação de negócio e, portanto, precisa atender as exigências de indicadores do seu negócio. Nesse sentido, é possível que a Petrobras cumpra suas metas de negócio, mas não consegue enxergar as transformações dos jovens que passaram pelos projetos por ela financiada e assim a ESPOCC segue em busca de um modelo de avaliação mais coerente e útil.

“O que a gente percebeu nos anos anteriores é que a gente tava tentando buscar, construir, um modelo de avaliação que é bastante complexa dentro da que a gente acredita. Então a gente não tem, até hoje, um modelo. Na semana passada eu conversava isso com o Edu, a gente não consegue fechar uma estrutura de avaliação e ele dizia que talvez a gente não consiga fechar nunca, porque todo modelo de avaliação que a gente pensava é muito aquém do que a gente busca construir, então a gente não queria uma estrutura amarrada, a gente não quer avaliar conteúdo, a gente acha que nenhuma avaliação conseguiria dar conta de conteúdo”.

“Eu não sei se o que a gente entrega de valor a gente consegue traduzir pro relatório, eu acho que não”. (Trechos da entrevista realizada com Camila Santos – Coord. Pedagógica).

Em Educação lidamos com o desenvolvimento de pessoas, com a formação de valores sociais e com ideais coletivos de futuro para a sociedade, e esses fatores demandam um tempo próprio de gestação, mas a função da educação continua a ser a de apoiar a formação do sujeito a partir do desenvolvimento das suas virtudes.

“Enfim, tem uma discussão sobre valor. Então quando a gente tá falando de valor, a gente tá falando que existem elementos fundantes que permitem que a gente pense toda a estrutura de ação no mundo. E acho que essa dimensão de valor, termina sendo perdida na avaliação. Com o que você fica tradicionalmente na avaliação de impacto? É ver se o menino se inseriu no mercado de trabalho. Se ele usou aquele repertório tangível, principalmente, a dimensão técnica, em práticas específicas. Isso eu acho muito pouco. É legal se fizer isso, mas um grupo como o nosso não tem essa função. Nós não somos especialistas em formar mão de obra. Nós somos pessoas querendo trabalhar com seres políticos, sujeitos políticos da cidade”. (Trecho da entrevista com Jailson de Souza e Silva, 2015).

É claro para a direção do OF que é preciso avaliar o que é oferecido ao jovem, o que ele conseguiu apreender neste percurso formativo e como ele usa o que construiu:

*“Nós não temos a obrigação de colocar o cara no mercado de trabalho. Até porque não tem obrigação nenhuma que o cara vá! Acho que ele pode ter outros sentidos da vida, pode buscar outros caminhos, pode inventar a vida de outro jeito. Acho que essa é a discussão fundamental da avaliação”.
(Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).*

Apresentar o real alcance do projeto ESPOCC compreendendo seus limites e possibilidades em relação as transformações na vida dos jovens, talvez seja uma das maiores contribuições do processo avaliativo. É nessa seara que iremos trabalhar no próximo capítulo.

5. A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS NA ESPOCC

Em um determinado momento da história do OF, os diretores foram chamados pelo novo gerente de comunicação do patrocinador e ouviram que para a Petrobras, os jovens precisavam de cursos úteis, produtivos e que os inserissem no mercado de trabalho como marceneiros, padeiros, manicures, cabelereiros, etc.

Em tese, a maioria dos projetos sociais voltados para juventude busca ampliar as oportunidades de inserção social, normalmente focados em uma abordagem estritamente técnica com vistas à inserção no mercado de trabalho.

O que os programas e projetos sociais voltados para juventude conhecem sobre as transformações que ocorreram na vida dos jovens pós-projeto? Essa é a questão que buscamos responder neste estudo. No entanto, não foi a partir do levantamento bibliográfico nem das pesquisas apresentadas sobre avaliação de projetos sociais, fundamentais nesta dissertação, que encontramos as respostas. Identificamos que faltam estudos sobre as consequências, em curto, médio e longo prazo, assim como, literatura específica sobre os egressos no âmbito dos projetos sociais (PENA, 2000; OLIVEIRA, 2013).

Mas a pesquisa seguiu seu curso.

Tendo me deparado com a ausência de referenciais sobre o tema específico deste estudo desde as primeiras leituras, foram os jovens que me permitiram dar continuidade a pesquisa, a partir das entrevistas realizadas, e que me proporcionaram os melhores momentos neste processo de construção desta dissertação. Foram eles, inquietos, potentes, cheios de dúvidas, mas protagonistas de suas histórias que conseguiram, através dos seus depoimentos, nos mostrar o que aconteceu com suas vidas após a vivência na ESPOCC, ainda que não seja possível isolar outras variáveis intervenientes. Neste sentido, as falas dos jovens tem a força do testemunho.

O único critério para participar da pesquisa era ter concluído a ESPOCC entre 2006 a 2012. A escolha por este intervalo de tempo foi utilizada para que os jovens egressos tivessem, no mínimo, três anos de experiências pós-projeto. O roteiro das entrevistas foi estruturado no intuito de relacionar ações implementadas pela ESPOCC

com as transformações significativas das condições de vida dos jovens, em relação as seguintes categorias:

- i. Participação: se as pessoas estão mais conscientes e atuantes com relação aos seus próprios interesses, se atuam na comunidade com maior vigor, se realizam conquistas sociais significativas para elas etc..
- ii. Convivência: se há maior nível de cooperação entre o público-alvo.
- iii. Trabalho: se as pessoas estão mais integradas em práticas laborativas, se suas perspectivas aumentaram, se isso se converte em qualidade de vida em geral etc.. (MONTEIRO, 2012).

As entrevistas serão apresentadas a partir do contexto de suas vivências na ESPOCC e das três categorias escolhidas para apresentar o contexto individual. Do ponto de vista metodológico, a estrutura das entrevistas foi desconstruída e os elementos para esclarecer suas diferentes características e extrair seus significados (KAUFMANN, 2013).

O impacto social se relaciona com o contexto específico do projeto e suas configurações a partir de relações intersubjetivas, ou seja, na relação entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto.

5.1 JOVEM_1: CINEASTA

“Eu só sou quem eu sou hoje por conta disso. Antes eu sabia que eu reproduzia muitos discursos que eu achava legais, falava esse eu achava legal. Hoje eu só construo meu próprio discurso, porque eu passei por isso”.

Morador o Complexo da Maré, gosta de dizer que mora em todos os lugares da Maré, que a conhece de “cabo a rabo” e que as linhas imaginárias existentes entre as favelas ainda limitam o direito de ir e vir neste território, que passou a reconhecer e compreender, a partir da sua trajetória vivida dentro do OF. Nascido em uma família de negros e nordestinos, oriundos da favela do Pinto, foi criado pela mãe e pelo padrasto

que sempre o incentivavam a fazer parte de projetos sociais e se reconhecia como “o rato das ONGs”. Desde os (12) doze anos participou de projetos sociais na área da saúde e de cultura e aos (19) dezanove anos entrou para a ESPOCC, onde teve a oportunidade de conhecer novos espaços de formação e de trabalho que proporcionaram a ampliação de sua rede de relacionamento e seu repertório. Ao longo de seu percurso, conseguiu na ESPOCC, uma bolsa de estudos para fazer o curso na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, entre 2007 e 2009 participou de uma oficina que o levou a roteirizar e dirigir o filme 5 X Favela à convite do Cacá Diegues, cineasta e seu professor na ESPOCC, em 2012 foi professor de audiovisual da ESPOCC onde acompanhou a criação de vários coletivos e participou de dois importantes festivais de cinema, sendo uma na Itália e o outro em Cannes. Parecia estar na hora certa e no lugar certo.

“[...] eu sai(da ESPOCC) entendendo quem eu sou, que mundo era esse que eu tava vivendo, que eu sofria preconceito,[...] quem é que tava sofrendo mais, que a Maré é um lugar legal, não é só uma favela e tal. Essa coisa de um lugar de potência que tem história, tem tudo isso, meio que meu ouvido e meus olhos se abriram”.

PARTICIPAÇÃO

“Eu entrei para uma instituição que me deu muito. Agora agente consegue entender todas as questões do mundo. Eu gosto de saber dessas questões do mundo, gosto de entender isso e gosto de poder passar para quem não entende. Tipo, meus amigos de pelada da rua. O meu maior legado é para esses meus amigos daqui. É o cara que trabalha de segunda a sexta, que não quer saber que dia 5 de dezembro vai sair um monte de ônibus, que vai fuder com a vida dele que o trânsito vai ficar pior, [...] e não tão nem ligando. Eles não querem saber de nada disso. Querem beber a cerveja deles. Enquanto ele não sente direto, enquanto o cara não chega e tira a casa dele não incomoda ele. Então a minha maneira, talvez de tentar ver o mundo é tentar mudar esse meu amigo”.

“Lembrei que levei uma galera na Pedra do Sal, o cara – Caraca que maneiro um monte de gente diferente [...] Daqui a pouco ele falou. – Pô Cadu achei um lugar legal, fui fazer uma trilha na Pedra da Gávea, fui lá e subi. O cara começou a se sentir mais pertencente à cidade. E pô, preto, bigodinho, camisa listrada e boné não pode entrar em qualquer lugar né, então o lado ruim é esse, mas o lado bom é de conseguir ter aumentado o meu campo de visão e talvez de tentar abrir o campo de outras pessoas perto de mim. E durante muito tempo eu pensava isso de forma macro, até por ter feito parte de coisas que tinham um impacto muito grande. Eu fui entender isso na verdade não faz muito tempo”.

O jovem_1 nos apresenta a postura da sua rede de amigos mostrando o quanto eles estão distanciados das questões políticas e sociais, que eles possuem um cotidiano limitado a poucas oportunidades de afirmação de suas identidades socioculturais, mas com respeito e afeto, busca compartilhar o que aprendeu ao longo do seu percurso na ESPOCC. Tendo desenvolvido uma consciência crítica, sobre as “*questões do mundo*”, foi capaz de colaborar de forma atuante na sua comunidade e perceber algumas mudanças significativas. É interessante destacar a questão temporal, ao final da segunda fala do jovem_1, entendendo que estamos diante de um processo que não é construído por uma só instituição, mas principalmente pelo percurso traçado pelo sujeito ao longo de sua trajetória.

TRABALHO

O jovem_1 entende de forma muito consciente que sua trajetória lhe permitiu que a ampliação de novos caminhos para sua vida a partir dos estudos na área de audiovisual ao mesmo tempo em que trabalhava na área. Na entrevista, ele nos conta sobre seu momento atual.

“[...] to num momento profissional de parei, senti e o que agora eu quero fazer. Eu escolhi esse ano trabalhar com educação não quis produzir tantas coisas queria dar aula. Já estava querendo parar de produzir um pouco e trabalhar com educação”.

Sua entrada no mercado de trabalho se deu quando em 2012 foi chamado para dar aulas de audiovisual e atuar na Agência Diálogos.

“Eu entrei para uma instituição que me deu muito e quis devolver algumas coisas que consegui coincidentemente iniciar aqui no Observatório. E aí, hoje eu dou aula na vida real. Trabalho na Vila Kennedy, dou palestras, sou parceiro de coletivos tenho coletivos, então tô num momento nesse ano querendo melhorar minha formação. Isso trabalhando com educação me ajuda a fazer isso e escolhendo como melhorar minha formação. Ainda não sei se faço faculdade de pedagogia ou psicologia tô pensando um pouco ainda pro ano que vem. Ao mesmo tempo, ano que vem eu quero produzir, esse ano eu não produzi, tô escrevendo bastante, escrevendo filmes, roteiros, projetos, pra ano que vem colocar eles pra pista”.

Atento as oportunidades, o jovem_1relata que experiência vivida na ESPOCC lhe permitiu não só conquistar novos espaços profissionais. Ampliou de forma

significativa sua visão de mundo e seu repertório, no que tange a produção audiovisual. Atualmente tem como objetivo ingressar em novos campos sociais lastreados pelas suas experiências de vida e o interesse em realizar uma formação acadêmica.

CONVIVÊNCIA

“[...] eu escrevi um filme sobre isso na minha vida, eu ainda falo muito sobre isso que é essa coisa do trânsito na Maré e que reflete muito o que é na cidade”.

O jovem narra que aos (12) doze anos um amigo falou que ele já estava grande e podia entrar para o tráfico, mas como ele morava no Pinheiro ele não poderia mais ir para Nova Holanda. O medo se instalou e ele ficou muito tempo sem conviver com seus parentes. Ele só voltou para Nova Holanda para estudar na ESPOCC.

“Eu vinha pela (Avenida) Brasil entrava no OF e saía pela Brasil, até o dia que tomei coragem e fui por dentro (da Maré) e aí encontrei um amigo e vi que o monstro não era isso tudo. E isso foi muito importante pra mim porque eu saía, passava pelo Comando Vermelho, saía pela Baixa (do Sapaterio), Terceiro Comando, a polícia me parava, passava por todas as facções do Rio de Janeiro”.

Ele descreve que a falta de mobilidade neste período o marcou tanto que escreveu o roteiro 5 X Favela, sobre um garoto que solta a pipa de um lado da favela X e cai do outro lado na favela Y, para falar sobre as linhas imaginárias que impendem, entre outras coisas, a convivência. Podemos afirmar que a maioria dos jovens residentes nas favelas tem o seu cotidiano limitado a poucas oportunidades e neste caso, sua livre circulação, tanto nas favelas como na cidade, fica comprometida. Ele reconhece que a sua percepção sobre as linhas imaginárias das cidades foi construída pelos debates e reflexões provocadas pela ESPOCC, ampliando sua capacidade de análise crítica.

Os territórios são muito importantes para saber de onde viemos, onde estamos e para onde vamos quando nos deslocamos fisicamente, mas eles também nos mostram nosso lugar na estrutura social e as perspectivas que temos como indivíduos. Na entrevista, o jovem faz uma análise sobre quem eram os jovens que participavam dos

curso de audiovisual e de fotografia, no período que ele esteve na ESPOCC. Apresenta o David Marcos⁶⁶, o Ração Diniz⁶⁷, o Bira Carvalho⁶⁸ fotógrafos respeitados que foram formados pelo projeto Imagens do Povo, o Bion que criou o Buraco do Getúlio⁶⁹ em Nova Iguaçu, entre muitos outros.

“[...]pessoas diferentes, potentes. Que eu já tenho o discurso formado sobre a ESPOCC que é isso. Que o principal além de todos os recursos, de você absorver o conteúdo é conhecer pessoas. É aumentar a sua rede”..

Destaca a criação e o crescimento dos coletivos, no período que ainda estava na ESPOCC, como o CCRUA (Coletivo Criativo de Rua), o Entre sem Bater e o Ocupa Alemão, formados dentro da ESPOCC. Jovens de coletivos, já instituídos, como o Norte Comum e jovens de instituições já posicionadas, como a CUFA - Central Única de Favelas - passaram pelo processo de seleção e ingressaram na ESPOCC, ampliando cada vez mais as trocas de experiências e os espaços de convivência.

“Gente, tô tentando alertar vocês de uma coisa, que eu também não sei se seu tô certo, ou não, se eu tô viajando. Tem isso, quando nós somos contemporâneos numa revolução à gente não entende ela, tá acontecendo agora, a gente vai entender daqui há 10 anos. Eu sempre brinco com uma galera, com o David, com a Ana, daqui há 25 anos a gente sentado. Caraca, lembra? A gente era essa galera que tá fazendo as coisas. A gente acha que não tá fazendo muita coisa ainda ou às vezes acha que tá fazendo muito e não tá fazendo muito, então é muito complexo esse momento agora. Essa nova juventude, que a gente tá vivendo agora, nós somos essa geração que vamos conversar com os filhos sobre droga, última geração analógica/digital. Esse momento histórico é muito único, às vezes, assim, eu não consigo entender muito bem o que tá acontecendo e vou seguindo a maré e vamo indo”.

⁶⁶<<https://www.facebook.com/David-Marcos-Fotografia-Digital-462963150457345/>> Acesso em: 21 de mar. de 2016.

⁶⁷É fotógrafo do Coletivo Multimídia Favela em Foco. Desde 2007 documenta o projeto Revelando os Brasis, realizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e Petrobras, entre outros trabalhos de alta relevância< <http://www.rataodiniz.com.br/biografia/>>Acesso em: 21 de mar. de 2016.

⁶⁸<<https://pt-br.facebook.com/bira.carvalho.73>>Acesso em: 21 de mar. de 2016.

⁶⁹O “Buraco” realiza desde julho de 2006, sessões mensais e gratuitas, difundindo o curta-metragem e promovendo intervenções artísticas de teatro, poesia e circo no intervalo entre os filmes, além de shows musicais e performances de DJs e VJs <<http://buracodogetulio.blogspot.com.br/>> Acesso em: 21 de mar. de 2016.

“E eu levo isso pra minha vida, eu ganhei muito mais coisa na minha vida tendo menos dinheiro e mais amigos e conhecidos do que outras pessoas que tem mais recursos financeiros, teórico e acadêmico do que eu”.

Ao passar pela experiência da ESPOCC o jovem ampliou seu repertório, sua rede e seu campo de possibilidades e de lugares por onde circula, além de ter conseguido projetar seu futuro. Isso tem um impacto transformador na cidade, mas principalmente na vida do jovem e que é o objetivo do OF. Isso é formação, isso é trabalho político.

5.2 JOVEM_2: BLOGUEIRA

Moradora de Duque de Caxias, sua convivência familiar era com as mulheres. Ainda criança vivenciou importantes perdas como o desmoronamento de sua casa, a morte de sua tia, por violência doméstica e em seguida sua avó faleceu de depressão. Aos 22 anos se tornou o alicerce da família, que ficou resumida nela e sua irmã em função da morte de sua mãe. Essas vivências difíceis balançaram sua estrutura emocional e financeira, mas não a derrubaram. Estudou em escolas públicas e particulares e ao passar em quarto lugar do ENEM, em Duque de Caxias, conseguiu uma bolsa de estudos na Veiga de Almeida para cursar Moda. Um mês após o início das aulas teve que optar entre a Universidade e o trabalho. Nesta época foi quando descobriu a doença da mãe e optou pelo trabalho e hoje se recorre por ter abandonado a faculdade. Já trabalhou em indústria química, vendeu picolé na praia, trabalhou em “lanhouse” e fez o que chama de “vários bicos”. Abriu uma empresa de comunicação com uma amiga e conseguiram cinco clientes, mas por conta da falta de infraestrutura, principalmente da internet, decidiu parar e foi procurar emprego em agências de comunicação. O fato de não ter uma graduação em comunicação poderia ser um limite para ser contratada. “*Eu só tinha uma carta na manga, a ESPOCC*”, diz reconhecendo que após sua passagem pela ESPOCC, às portas para trabalhar na área de comunicação se abriram. Atualmente, trabalha numa agência de publicidade e propaganda como analista de mídias sociais, localizada em um shopping na Zona Oeste, é garota

propaganda da Feira Crespa⁷⁰, faz palestras motivacionais para jovens e administra seu blog, Coisa de Menina Indecisa⁷¹.

PARTICIPAÇÃO

“[...] eu sempre olhei o blog como um projeto, sabe quando você ganha uma coisa na vida e você é grato e quer externar aquilo? O blog pra mim é tipo como se fosse isso, claro, hoje eu tenho a mente muito mais madura e entendo que pra eu movimentar o blog eu preciso ganhar dinheiro”.

A jovem_2, aprendeu a trabalhar com o blog de forma profissional, mas sem deixar o lado emocional de fora e considera que todas as coisas que faz são marcantes porque faz tudo com muita intensidade. Estabelece relações com seus leitores de forma virtual e percebe que de alguma maneira *“inexplicável”* e pela sua história de vida, acaba se tornando uma referência para muitos jovens. Por meio do blog, tem ampliado sua atuação profissional oferecendo palestras gratuitas nas escolas públicas e outras pagas. Suas palestras abordam as questões de identidade, auto-estima e problemas de relacionamento entre os jovens e com suas famílias. Atualmente é remunerada pelas ações de *merchandasing* que faz no seu blog.

“[...] eu acho que você influenciar alguém pro bem, mostrando a ela que ela tem algo muito maior dentro dela, que ela nem sabia que existia, tem sido pra mim a base de tudo pra mim, assim, isso pra mim não tem preço, todos os dias eu acordo e vou dormir pensando nisso”:
“Caramba, não acredito que eu consegui fazer isso. Como?Como?”.

A partir de sua experiência com o blog e as palestras podemos indicar que, a jovem_2 desenvolveu habilidades relacionadas à comunicação ao criar, recriar e utilizar os recursos tecnológicos com seu público alvo, ainda que de forma intuitiva.

CONVIVÊNCIA

“A ESPOOC, assim, pra mim primeiro foi um choque de realidade. [...] eu aprendi muito, aprendi também a ir contra algumas coisas, aprendi que eu não tinha que obedecer a certas opiniões, que eu tinha as minhas opiniões,

⁷⁰<<https://www.facebook.com/priscilaj.barbosa/about?section=bio&pnref=about>> Acesso em: 20 de mar. de 2015.

⁷¹<<http://www.coisademeninaindecisa.com.br/>> Acesso em: 20 de mar. de 2015

aprendi a formar a minha opinião, na verdade, eu acredito que a ESPOCC me ajudou a construir minha identidade porque eu tinha uma identidade que não era madura e ali eu amadureci muito, a conviver com outras pessoas, pessoas que eram muito mais espertas do que eu, pessoas que eram muito mais sagazes em vários sentidos do que eu, em todos os sentidos”.

O processo de aprendizagem vivenciado pela jovem_2 é tão ou mais intenso do que a oportunidade de convivência com o outro. Como a jovem relata em sua entrevista, embora criada diante de uma realidade familiar complexa, sempre foi tratada pela mãe como uma “bonequinha de luxo”. Em uma situação de *bullying* vivida na escola, não sabia se defender, não tinha nenhuma responsabilidade com os afazeres da casa e trabalhar não fazia parte de suas ocupações.

A partir da convivência com os jovens da ESPOCC, a jovem aprendeu a identificar o que era bom e o que não era bom para ela, a olhar o outro, a ter sua opinião e saber ouvir o outro sem ser intolerante. Considera que a experiência na ESPOCC foi essencial, uma escola de vida.

“[...] é muita coisa pra dizer, o antes (da ESPOCC) eu conseguir resumir, mas o depois, eu acho que ainda tô nesse processo do depois ainda”.

A jovem_2 nos conta que tinha um horário pra sair e outro para entrar em casa, mas não era propriamente uma questão de controle, de fato, na casa das quatro mulheres existia harmonia. Sua mãe sempre a deixou livre para fazer suas escolhas e a orientava que na vida também se corre risco e que poderiam acontecer coisas boas e coisas ruins.

“[...] ela falava assim. Seja o que você quiser ser, faça o que você quiser fazer, só saiba que algumas coisas vão ter consequências, então você tem que pensar quais são as consequências que você quer assumir, que as coisas que você faz, não vão ser apagadas. [...] eu tive uma família não deixou a desejar em nada”.

Percebendo que a convivência poderia ser saudável em vários sentidos diz que aprendeu a criar vínculos, ao longo de sua passagem pela ESPOCC e solidificar relacionamentos, amizades que se sustentam até hoje. Também começou a identificar relacionamentos que podiam estar na esfera profissional. Ao ampliar sua rede de relacionamentos conseguiu sua primeira oportunidade de trabalho com social mídia numa empresa “*de verdade*”, através de uma ex-aluna que atuava da CUFA:

“[...] além desses laços de amizade, esses laços de amizade geraram também laços profissionais que me geraram oportunidades que eu jamais imaginei, tá no Copacabana Palace entrevistando desembargador, sabe? E de acreditar em mim, então eu vi que tinham mais pessoas que acreditavam em mim fora a minha mãe então, esse relacionamento não só gerou relacionamento pessoal apenas, mas profissional também, de me apresentar outras pessoas e me apresentar pra outras pessoas, então assim. Foi incrível, hoje eu conheço pessoas que eu falo: “Nossa, não acredito que eu tenho o “whatsapp” dessa pessoa”. Que pra mim, sabe, é conhecer pessoas que eu era fã desde quando eu era pequena e que trabalhei junto com essas pessoas, então ampliou muito minha rede, eu não tinha nem rede, não tinha rede de contatos, hoje em dia eu tenho rede de contatos que não acaba mais, assim, então é esse relacionamento num todo assim, mudou a minha visão, cresci”.

“A boa condução da entrevista compreensiva é um exercício apaixonante, rico em informações, humanidade e emoções, mas que pode deixar o pesquisador esgotado. Este fato, longe de se contentar em recolher dados, deve sentir-se mobilizado a se aprofundar sempre mais” (KAUFMANN, 2013,p 80.). Foi o que eu fiz.

TRABALHO

A inserção no mundo do trabalho pôde ser vista ao longo desta seção. A jovem_2 criou oportunidades para participar em diferentes tipos de atividades laborais. Trabalhou como autônoma, criou sua própria empresa, trabalhou com carteira assinada, trabalhou sem ser remunerada. Ou seja, o trabalho fez parte de sua trajetória de vida antes, durante e depois da ESPOCC. Essas três palavras, antes, durante e depois foram escolhidas para compor a pergunta sobre como os jovens se percebiam no momento inicial e no momento da final da ESPOCC.

Abaixo o depoimento da jovem_2 sobre cada um dos três momentos:

ANTES da ESPOCC: “[...] então, a minha expectativa da vida, eu já tinha o blog, mas o blog era uma coisa normal, não era uma coisa extraordinária. É isso eu vivia o normal, eu não vivia o extraordinário, exatamente essa a palavra, então eu assim, eu sabia quem eu era, eu sabia de onde eu tinha vindo, mas eu não sabia exatamente pra onde eu queria ir”.

DURANTE a ESPOCC: “[...] porque durante o tempo que eu tava na ESPOCC eu trabalhava numa indústria química, né? E era bem estressante,

não que o trabalho hoje também não seja, mas era uma troca de dinheiro, só uma troca de dinheiro, nada além de uma troca de dinheiro, eu trabalhava e recebia, me estressava, às vezes o dinheiro nem valia à pena pelo estresse que eu tinha e aí um dia eu passei muito mal, quase tive um AVC pelo estresse que eu tinha no trabalho e o médico mandou eu decidir. Ou você muda de emprego ou você da próxima vez não vai aguentar. E aí a ESPOCC me fez amadurecer essa ideia da comunicação que eu sempre tive na minha mente, essa questão de comunicação, mas eu tinha perdido no meio do caminho essas minhas ideias, tinha o blog, mas não era algo que me trouxesse isso pra como profissão e tal e aí eu comecei a amadurecer essa ideia, foi quando numa das aulas é...eu peguei um recorte do jornal pra avaliar...pra avaliar um dos anúncios lá e eu descobri que essa empresa que eu tinha pego pra avaliar era perto da minha casa e aí eu falei. Vou lá falar com essa dona dessa empresa (que é minha amiga até hoje, inclusive) vou falar com a dona dessa empresa que ela pode fazer algo melhor, de acordo com a aula que eu tive na ESPOCC”.

DEPOIS da ESPOCC: “[...]a ESPOCC, nesse sentido da comunicação, ela abriu os meus olhos pra isso, eu consegui finalmente ter o meu próprio negócio, hoje eu trabalho numa agência de publicidade simplesmente por causa do nome lá no currículo “Publicidade Afirmativa na ESPOCC” então, isso contou muito, junto com claro, tudo o que eu pesquisei fora porque a ESPOCC te dá uma base, né? Pra você se estruturar, então, cara, nesse sentido da questão profissional, acho que foi um dos fatores, fora também do pessoal, mas no sentido profissional, acho que a ESPOCC mudou, assim, completamente porque eu acho que se eu não tivesse feito o curso eu não ia saber hoje nem o que era publicidade, que dirá Publicidade Afirmativa “.

Ao final da entrevista ela me diz: *“que a ESPOCC foi escola de vida pra mim, existe a vida antes da ESPOCC e após a ESPOCC”.*

5.3 JOVEM_3: DESIGNER

Diretor de arte em uma empresa de tecnologia de médio porte gosta de se apresentar pelo que faz. Sempre gostou de desenhar, mas em algum momento percebeu que tinha que arrumar um trabalho e resolveu virar designer, mesmo sem saber exatamente do que se tratava.

Sabia o básico, que tinha a ver com imagem e isso já era legal. Com o tempo se aproximou do tema publicidade. Foi aluno de Artes Gráficas do SENAI e começou a trabalhar, em uma gráfica, logo que entrou no curso. Quando terminou o curso técnico participou do processo seletivo da ESPOCC. Relata que a escolha pela ESPOCC foi marcada por um forte motivo. Era na Maré! Local onde viveu por mais de vinte anos. Apesar de atualmente morar em Jacarepaguá, mantém um vínculo forte com a favela da Maré e gosta de se afirmar como Mareense. Já havia passado por alguns projetos sociais quando soube que a ESPOCC iria lançar um curso de comunicação. O interesse foi imediato, pois percebeu que o curso articulava a formação técnica e profissional, com as questões sociais e do território. Já como aluno, o que lhe chamou atenção foi o encontro com muitas pessoas interessantes, de diferentes áreas de conhecimento e de diferentes lugares e ainda a oportunidade de aprender um novo formato de publicidade.

“[...] não era tão "brifada" exatamente pelo valor de venda ou por um produto, por uma especificidade, assim, fria. Tinham retornos que não era exatamente dinheiro, tinham valores que não era exatamente ordens. Tinha muita coisa legal. E fora a troca de conhecimento”.

PARTICIPAÇÃO

O jovem_3 declara que desde que terminou o curso técnico, sempre trabalhou em espaços relacionados à publicidade e com outras iniciativas produtivas, tendo inclusive fundado o coletivo de arte chamado Palafita. Atualmente, precisou desacelerar para poder se dedicar, não só ao trabalho, como também a sua vida familiar, constituída recentemente. Reconhece que a ESPOCC ampliou suas possibilidades de atuação profissional porque agregava as questões sociais com a comunicação, a partir do conceito de Publicidade Afirmativa, um diferencial no mercado. Destaca como uma experiência importante, em sua passagem como aluno da ESPOCC, o processo de trabalho construído junto com seus dois amigos e parceiros do Coletivo Palafita. Os amigos eram músicos e achavam que era importante que o *slogan* fosse criado por ele. Conversou com os amigos que o que precisavam não era um *slogan*. Era aproveitar o que estavam estudando e levar a sério, como uma campanha.

“Eles me deram muitos formatos interessantes pra se tocar qualquer ação, como te falei, essa coisa da Palafita. A gente meio que contribuiu aproveitando os moldes que a gente tava recebendo em aula. [...] eu acho que é importante, eles, com certeza, abriram a minha visão sobre esse tipo de coisa, sobre formatos de execução de projetos em geral”.

A postura de colaboração do professor foi fundamental para que eles passassem pelo processo de construção da marca da Palafita ,apoiando-os e mediando a condução do trabalho.

“E é isso, acho que não é uma coisa só que eu deva assinar é que eu acho que mais pessoas tem que trabalhar nisso. Acho melhor a gente pensar numa forma de assinar isso coletivamente”.

Encontraram pessoas no caminho deste percurso e formaram uma equipe pra atender a demanda dos artistas de favelas e, de periferia, em geral. O pensamento do jovem considera a coletividade, as ações compartilhadas e a horizontalidade das relações. Certamente noções novas e caras ainda para muitos.

TRABALHO

“E eu saí, eu saí esclarecido. [...] eu sabia do que gostava que eu sabia o que eu queria. Eu acho que (sai) esclarecido, acho que é a palavra mais exata. Eu sabia exatamente o que eu tinha que fazer e com quem”.

Ao sair da ESPOCC, o jovem_3 percebeu a relação direta entre os conhecimentos adquiridos e sua atividade profissional atual. Diretor de arte de uma empresa de tecnologia de médio porte e professor de design e comunicação do Jornal do Cidadão da Maré⁷² se entusiasma ao falar sobre sua participação em um dos jornais comunitários de favelas mais antigos que existe:

“Uma coisa que é muito legal é que tô dando aula, agora, no jornal CIDADÃO. Eu tô dando aula de design e diagramação pros profissionais do jornal. Ele é um jornal de referência e tem uma história muito grande. E a equipe está bem reduzida atualmente. Então, o que eu tô dando é uma aula de reforço mesmo, pra eles mesmos, pra que não dependam de alguém que possa colaborar com diagramação que às vezes, simplesmente não tem ou,

⁷²O Cidadão' é um jornal comunitário que circula há 13 anos no Conjunto de Favelas da Maré <https://www.facebook.com/ocidadaojornal/info/?tab=page_info> . Acesso em: 21 de mar.2016.

enfim, eles têm essa defasagem, então, eu tô dando esse reforço. E é muito legal porque é uma influência da ESPOCC direta”.

Antes disso, também trabalhou como professor na ESPOCC. Após ter concluído seu o curso em 2011 foi convidado para dar aula no curso de Criação Digital. Foi professor de design nas turmas de 2012, 2013 e na 2014/2015 e considera uma experiência muito bacana na sua trajetória.

Junto com seus amigos relata que realizaram várias ações e identificaram outras:

“[...] a gente tinha o insight de assim. Tem um número pequeno de artistas visuais, por exemplo, de designers mesmo em ações culturais de favela, em geral. Também tem uma defasagem em produção de cinema de ponta e agente começou a identificar que a gente era bom em coisas que pouca gente fazia nesse meio, então a gente começou a dar muito suporte pra outros coletivos, pra outros grupos artísticos e tal, mas a gente nunca teve espaço físico”.

Faziam consultoria, mas nem sempre eram remunerados. Como diz, *“é uma dialética, assim, às vezes era remunerado e às vezes era uma questão mais contida, mais de ajudar na construção”.*

“[...] se não me engano é o "LuliRadfaher" da IBM que fala que o brasileiro é muito empático, então enquanto no resto do mundo o briefing é um serviço, aqui no Brasil você tá conversando com a pessoa e a pessoa tá realmente se preocupando com seu problema, e daqui há pouco ela já tá com a solução, então, acho que nesse meio essa coisa acontece muito, o briefing é uma conversa, é uma questão de que não existe dinheiro numa conversa. Mas quando a gente se colocava pra realizar serviços, o outro grupo tendo como pagar, a gente negociava a coisa, assim, é um serviço. Por exemplo, se um coletivo fotográfico recebe um incentivo pra fazer uma exposição e eles precisam da nossa ajuda, então, assim, eles tem dinheiro, eles tão recebendo pra realizar aquela ação, e se a gente também tá trabalhando, a gente também recebia”.

A colaboração, o diálogo e a interação produtiva entre sujeitos parecem ser aspectos que se fazem presentes nas relações estabelecidas pelo jovem. A condução dessas interações implica em trabalhar a partir do respeito às diferenças, da aceitação e negociação das diversas contribuições, da existência de conflitos, entre outros fatores que estão relacionados às atividades colaborativas entre pessoas em quaisquer situações.

CONVIVÊNCIA

Para o jovem, a ESPOCC é um espaço de formação e encontro. Um laboratório que pensa as questões sociais da cidade, onde circulam assuntos sobre Cultura, Arte Direitos Humanos e Comunicação juntando pessoas diferentes que se importam com esses temas:

“O convívio com pessoas de opiniões diferentes foi um laboratório bem grande pra gente, acho que pra qualquer um. Acho que isso influenciou pro resto da vida”.

“Eram pessoas realmente de realidades distintas, com realidades, e eu digo, principalmente opiniões distintas politicamente e antes eu me via como uma pessoa que achava que o mundo era, de certa forma bem mais simples. Se eu não concordava exatamente com alguma coisa, provavelmente eu tô certo ou não me interessa saber o porquê mas no momento que a gente tá numa sala com pessoas bem convictas da opiniões, a gente começa a discutir, começa a conversar e vê que o buraco é um pouco mais embaixo e , independente de concordar ou não, a gente dá o braço a torcer que entende a realidade da outra pessoa ou as outras experiências de vida e aprende até a se colocar em relação a isso”..

Para dentro e para a fora, a ESPOCC é conhecida pela capacidade de conectar pessoas, estimular que os alunos de territórios populares ampliem suas redes, afirmem seus direitos a partir de ações no campo da cultura e da comunicação e que corram atrás dos seus interesses e desejos.

“Eu mantinha contato pra saber quando ia abrir turmas e dentro da área as informações circulam bastante, né, então quando abria eu já tava ligado, me preparava um pouquinho e ia . Teve gente que eu conheci meio que por acaso também, o Ralf Castro que é um cara de street arte, eu acabei ficando amigo dele e quando ele tava me chamando, tava me chamando pra ajudar ele nas aulas que ele dava, então, assim, é ...variava muito mas a maioria das vezes eu ficava procurando”

“A ESPOCC consegue conectar pessoas interessantes. Pessoas que realmente tão a fim de trabalhar o mundo de alguma forma. Não que isso seja algum tipo de triagem pra saber se a pessoa é boa ou não pra trabalhar com isso, mas acho que no sentido de querer, a pessoa quer, a pessoa vai lá, recebe uma informação legal, recebe uma formação legal, mas ela tá em contato com outras”.

5.4 JOVEM_4: EMPREENDEDORA

Nascida e criada em São Gonçalo, se interessa em participar de discussões e pesquisas em relação a Direitos Humanos, Racismo e Direito à Vida. Estudou e trabalhou de forma concomitante ao longo de sua vida. Após a conclusão do Ensino Médio, quando ainda trabalhava como auxiliar administrativa, fez ENEM se inscreveu no Pro-Uni. Entrou na Universidade. Uma conquista importante para seus pais. Escolheu Publicidade, mas não gostou do curso, não tinha afinidade com as pessoas, mas optou por terminá-lo. Era a única aluna negra do curso. Durante a faculdade foi aluna do Cinema Nosso⁷³, trabalhou com a formação de jovens na Bem TV⁷⁴ e participou de vários projetos da Universidade das Quebradas⁷⁵. “Agora é a hora de procurar o Observatório de Favelas”. Passou pelo processo de seleção da ESPOCC e gostou muito do curso porque era uma forma de fazer publicidade na “contramão”. Sentia-se motivada com a oportunidade de aprender sobre publicidade afirmativa e tinha como principal interesse estudar e compreender, mais e melhor, a questão do racismo. Entre 2012 e 2015 estudou na ESPOCC e trabalhou no Observatório de Favelas como secretária executiva, produtora de eventos, integrou coletivo de igualdade racial, fez cursos na área de cultura e percebeu que várias portas se abriram.

“Eu tive a oportunidade de conhecer, de estar de frente com dados, com pessoas que falam com propriedade, que pesquisam”.

“Não é uma conquista, mas eu acho que eu consegui chegar num lugar de amadurecimento, uma forma de ver a vida, as relações com as pessoas bem mais humanas, que antigamente. Uma consciência mais crítica em relação a certas coisas. Não consigo ver algumas coisas como naturais, como banalização da vida, a questão do respeito ao próximo, as individualidades... Eu acho que em relação a isso eu mudei muito o meu olhar”.

PARTICIPAÇÃO

⁷³Objetivo do Cinema Nosso: “Ampliar o universo cultural e contribuir para o desenvolvimento do senso crítico de crianças, adolescentes e jovens oriundos das classes populares por meio da linguagem audiovisual” <<http://www.cinemanosso.org.br/site/nossa-historia/>> Acesso em:17 de mar. de 2016.

⁷⁴ <[Projeto de Educação e Comunicação. http://www.bemtv.org.br/portal/](http://www.bemtv.org.br/portal/)> Acesso em:17 de mar. de 2016

⁷⁵Projeto de extensão da UFRJ, a Universidade das Quebradas é uma experiência acadêmica na área da cultura. <<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/o-projeto/>> Acesso em:17 de mar. de 2016.

A jovem destaca seu envolvimento nos projetos que envolviam discussões e pesquisas na linha de Igualdade Racial e considera que o fato de ter trabalhado com pessoas de referência nesse tema ampliou seus conhecimentos e suas formas de participação em diferentes espaços.

“[...] meu olho brilhou pro movimento social. Eu comecei a estudar”.

Relata que sua participação na campanha, “Juventude Marcada para Viver” sobre redução da violência letal, que envolveu duas turmas da ESPOCC e exigiu mais de dois meses de pesquisa de dados sobre os homicídios de jovens negros no Brasil e em especial no Rio de Janeiro, foi o que a incentivou muito a concluir o curso.

“Eu acho que o processo é sempre mais gratificante do que o projeto final. Ficou bom, ficou legal, mas eu acho que o que ficou foi isso... Foi o conhecimento adquirido, a troca de ideias, pessoas que nunca tinham nem ouvido falar, pessoas que achavam que não tinham racismo. Porque lá também é isso. Não é um monte de pessoas que pensam igual, né? Tinha gente de tudo que é lugar, tem gente da favela, todas as favelas, cada favela tem sua individualidade, tem Maré, tem Alemão, tem Cidade de Deus, tem a galera da Zona Sul, tinha eu que era de São Gonçalo. Então é muita mente, é muita gente diferente. Então eu acho que isso que foi legal, a troca de ideias e o conhecimento adquirido, mais do que a campanha final”.

Uma campanha publicitária “na contramão”, que utiliza tecnologias e diferentes linguagens da comunicação é capaz de ampliar a consciência social e política dos sujeitos, assim como, potencializar o projeto educativo. Neste caso, permitir o acesso ao conhecimento e a ampliação do capital cognitivo e cultural, a partir de uma experiência coletiva, passa a ser um fator diferencial em projetos de escala social.

CONVIVÊNCIA

“[...] eu faço algumas coisas porque eu tenho ensino superior, mas eu era a única negra na minha turma, no meu curso todo, eu era a única negra”.

A jovem_4 relata que entrar para a faculdade era algo muito distante, mas uma vez lá foi até o final do curso de Publicidade. Estudava em uma faculdade particular com bolsa do Pró-Uni, tinha dezoito anos (18) e não sabia direito o que era Publicidade.

Apesar de relatar que sua graduação não havia sido interessante, tanto pelas questões acadêmicas quanto pelas questões de convivência, a jovem aponta para dificuldade que sentia de estabelecer vínculos com grande parte da turma. Consegue perceber que não se relacionava porque as preferências, os gostos, os lugares por onde circulavam eram diferentes, mas que isso não era necessariamente um problema, mas a questão do racismo: “*eu não vou negar*”.

“Aí não foi tão legal não, depois sei lá, quando eu estava no quinto, quarto período, entrou outra negra, que aí eles ficavam me zuando, falando que ela era minha irmã, só porque a garota era negra também. Foi meio complicado, teve a festa de formatura eu nem participei.”

Ao longo de sua graduação a jovem fez duas amigas que eram do curso de Jornalismo e haviam trabalhado juntas na Bem TV, que ela considera “*da vida*”.

“São pessoas que a gente tá sempre encontrando, porque essa questão do projeto social não é uma parada - “eu fiz ESPOCC, eu aprendi isso e isso deu resultado na minha vida” - é a soma de tudo, cara. É Bem TV, é Cinema Nosso, é uma coisa que você aprende aqui, o que você aprende aqui, você troca com as pessoas de lá. Que é uma parada que eu gosto de chamar de generosidade intelectual. Se eu sei um pouco mais sobre isso, aí lá na Bem TV eu vou compartilhar isso com as outras pessoas, as pessoas ficam sabendo. É uma formação continuada”.

TRABALHO

A jovem atualmente se apresenta como empreendedora, construindo assim outra forma de participação social. Criou junto com seu marido, que conheceu no Cinema Nosso, a IMPRESSIONE⁷⁶. Trata-se de uma loja virtual de joias e acessórios femininos.

“Eu tenho revendedores, que revendem pra mim. Eu almejo ter um quiosque ou uma loja, um ponto fixo que eu ainda não tenho, trabalho de porta em porta com esses revendedores. Então eu quero tocar a IMPRESSIONE, fazer com que ela cresça pra poder lucrar mais com ela, mas eu também quero fazer o que eu gosto que é dar um sentido maior à minha vida, ao meu trabalho. O que eu tinha quando eu trabalhava, por exemplo, no Observatório. Era uma coisa que tinha um propósito. Eu também tô buscando fazer isso com a IMPRESSIONE”.

⁷⁶<<https://www.facebook.com/impresionejoias/timeline>> Acesso em: 20 de mar. de 2016.

E não para por aí.

“Eu quero ter um curso, formações pra essas mulheres pra que elas produzam pra que elas criem as joias e ter outras mulheres da cooperativa que trabalham comercializando elas, participando de feiras, de eventos, trabalhando com essas meninas revendedoras pra gerar renda. Pras mulheres que não tenham ou pra que deseja se aperfeiçoar ou se profissionalizar nessa área. É uma ideia ainda, eu tô desenvolvendo”..

A jovem já identificou falhas no processo produtivo das grandes empresas produtoras de joias, e tem o desejo de criar uma linha de joia mais artesanal. Está desenvolvendo a ideia de montar uma cooperativa.

“Talvez eu consiga dar um sentido no meu próprio trabalho, né? Fazer um trabalho de rede”.

Temos que continuar apostando que apropriar as pessoas de capacidades de comunicação as ajudará a ter uma participação social de melhor qualidade.

Para terminar a entrevista pergunto como definiria a ESPOCC.

“A ESPOCC, acho que é mudança de pensamento também, é troca de ideias, é evolução de mente, é jogar fora seus conceitos antigos, que muitas das vezes faz você mudar o seu olhar sobre aquilo, quebra de paradigmas, é amizade, é amor, é trabalho, é tudo isso junto e misturado. Desgaste, porque é maior ralação. Ralamos pra caramba. Falar pra Petrobras também que a bolsa que eles dão para pagar a passagem é muito pouco, porque a gente rala pra caraca. Esses cursinhos de graduação, mestrado lalala, o cara da zona sul tem direito à bolsa, acho que a galera da favela também merece uma bolsa pra participar de um curso como esse, porque tem trabalho”.

Agradei. E levarei comigo um pouco da GENEROSIDADE INTELECTUAL desta jovem.

5.5 JOVEM_5: ESCRITOR

“[...] me disseram pra eu fazer network, eu ignorei e fiz amizades”.

A favela de Antares foi sua morada por muitos anos. Localizada em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, é o último bairro do município do Rio. Sua família era bem pobre. Estudou no Centro Integrado de Educação Pública – CIEP em horário integral por que assim tinha comida e seus pais poderiam trabalhar vendendo cuscuz e sonho. Foi manobrista de estacionamento e teve um lava à jato na favela. Saiu de Antares e foi para Paciência onde seu pai conseguiu um emprego de zelador de uma igreja. Seus pais se separaram, abandonou a escola e passou a dormir no ônibus para fazer pichações pela cidade, à noite. No ônibus conheceu uma jovem e contou sua história, que também era conhecida por um amigo. Recebeu conselhos dos dois. Parou de pichar e voltou a estudar. Concluiu o Ensino Médio e entrou para o quartel. Quando estava com 24 anos, sonhou durante uma semana o mesmo sonho. Como ele diz, *“foi uma parada estranha”*. Revivia as histórias do quartel, se via gordo, pesado, já estava velho. Em casa, vendo TV passou o comercial da prova da ESA - Escola de Sargento das Armas. Começou a estudar em casa, fez a prova pra sargento, não passou, mas o tempo passou... Quando começou a escrever suas histórias, dentro do trem em um celular, o sonho voltou à mente.

“[...] aquele sonho que eu tive eu não tava me preparando pra fazer a prova pra sargento, eu tava me preparando pra escrever um livro”, só que esse sonho me levou a estudar pra poder realizar o sonho. Então, se não fosse esse sonho eu não teria estudado, poderia ter lido quinhentos livros que eu não ia escrever o Fiel porque eu não teria agilidade pra escrever ele, não ia sacar de português, de concordância. Então, esse sonho não me levou pra virar sargento, me levou pra escrever essa história desse novo livro que vai ser maior sucesso”.

Fala com orgulho do desempenho dos filhos na escola, mas aponta também a precarização da educação.

“Davi de sete anos e Giovanna de cinco anos. O Davi é o melhor aluno da escola, ele tá no primeiro ano, [...] fez a prova do primeiro ano, do segundo ano e do terceiro ano e passou nas três provas, não que ele seja muito bom, mas porque o ensino hoje tá precário. Eu tenho um sobrinho de dez anos que não sabe ler e nunca repetiu o ano na escola, porque eles dizem que não pode constranger o aluno reprovando. Então, não é que meu filho tá muito

avançado, os outros meninos da idade dele que tão muito atrasados. A minha filha tem cinco anos, já tá aprendendo a ler, já monta algumas palavras e tal”.

PARTICIPAÇÃO

O ano de 2012 foi especial na vida do nosso jovem_5. Inscreveu um conto na FLUPP - Festa Literária das Periferias - conheceu a ESPOCC, entrou para o curso de Criação Digital e assim que terminou foi chamado pra trabalhar na CUFA - Central Única das Favelas - como produtor de reportagem de um programa exibido na TV Brasil. Era o primeiro a chegar e o último a sair, depois de cinco meses se tornou diretor de reportagem. Continuou escrevendo e em 2013 mostrou o livro para o Celso Athayde, fundador da CUFA, ele gostou e encaminhou pra editora Objetiva. O livro foi publicado em 2014.

“[...] depois disso eu não parei mais, porque eu comecei a ir a vários lugares pelo livro, pela minha história de vida, do garoto que não lia e agora escreve, agora lê. A minha história de vida começou a inspirar pessoas, eu comecei a ser chamado pra trabalhar tanto pra mostrar o livro tanto pra mostrar a transformação que a literatura fez na minha vida”.

Ainda que tenha vivenciado uma trajetória errática na juventude, o envolvimento com a literatura e sua passagem pela ESPOCC foram importantes para iniciar uma dinâmica nova de vida.

“[...] eu comecei a ir pra ESPOCC e fui aprendendo várias coisas, a ter a visão mais crítica das paradas, sempre enxergar as coisas com outro olhar e, conseqüentemente, essas coisas que eu fui aprendendo lá começaram a entrar nos meus textos de uma forma meio que embutida, eu não queria fazer um livro crítico, um livro que tivesse fazendo protesto, não de forma declarada porque ia afastar as pessoas [...] e isso ajudou pra caramba, qualquer tipo de pessoa que lê, tanto a pessoa cabeçuda, quanto o intelectual, ou a pessoa que nunca leu nenhum livro, pega pra ler o livro e lê rápido, gosta. Eu consegui passar a mensagem”.

TRABALHO

Apesar de não ter feito nenhum curso específico, tornou-se íntimo dos celulares de tanto que os utilizava para escrever seus textos, no longo percurso entre Antares,

Centro e Maré. Ainda em Antares abriu uma oficina, junto com seus amigos, para consertar celulares.

Tendo concluído o curso na ESPOCC foi trabalhar na CUFA – Central Única das Favelas. Junto com os moradores de Antares criou o CRIA – Centro Revolucionário de Inovação e Arte - uma ONG na favela de Antares. Em 2014 publicou seu primeiro livro, FIEL e atualmente é escritor da Editora Objetiva. Em breve teremos novas histórias.

“Enfim, hoje eu sou um escritor, palestrante, agora ator”.

A apropriação das novas formas de comunicação e tecnologia pelos jovens de favelas e periferias é fundamental, mas não mais do que a capacidade que eles têm de se reinventarem.

CONVIVÊNCIA

O jovem_5 relata que quando começou a frequentar a ESPOCC aprendeu a *“enxergar as coisas com outro olhar”*. Identificou várias pessoas de favelas que disputavam o cenário cultural, que estavam engajadas em vários coletivos e começou a se interessar em permanecer ali. Queria aprender com quem já estava fazendo e que vinha da mesma origem que a sua.

Descreve como chegou à ESPOCC antes do iniciou o curso de Criação Digital.

“Eu cheguei na ESPOCC um bárbaro, eu resolvia tudo na voadora, tudo na agressividade das palavras, na marra, e aí eu vi que não era só isso, que tinham formas melhores da gente se relacionar com as pessoas independente da classe social, intelectual, cultural, todo mundo é igual, na verdade, todo mundo tem os mesmos desejos, os mesmo anseios, por mais que pareçam diferentes”.

Com o tempo e muita vontade de compreender melhor os processos internos percebeu que existiam outras formas de aproximar-se das pessoas. Sem a prepotência de achar que sabemos tudo e, que temos que ouvir mais do que falar:

“Porque quando você para pra ouvir a pessoa, você consegue formar um elo de amizade e de atenção maior do que se você só falar, porque é uma troca, a vida é uma troca. E eu meio que aprendi isso lá, vendo lá o Quack (diretor da CUFA que também estudou na ESPOCC), os professores também super gente boa, forma de falar, forma de passar, preocupação deles de tá numa favela da Maré e tá saindo de lá dez horas da noite pra passar pra gente conhecimento. Enfim, isso daí cara é uma coisa que eu vou levar comigo pro resto da vida”.

Passada a fase do “bárbaro” começou a estabelecer um relacionamento mais próximo com as pessoas e passou a participar dos eventos da turma, da ESPOCC e do OF.

[...] foi por isso que eu fui parar na CUFA, recebi várias propostas em vários lugares, e eu falei que não. Porque a CUFA é a maior ONG do Brasil, porque ela tá em todos os estados, em dezessete países, os fundadores também são escritores, o Celso Athayde é o cara do segundo livro que eu li, então poder trabalhar com essa galera me aproximava de uma realidade que eu queria viver. [...] então eu comecei a ver que era possível, e eu só fui parar na CUFA por causa da ESPOCC, porque foi lá que eu conheci a galera, que eu mostrei meu trabalho, como eu chegava cedo, saía tarde, pros eventos que me chamavam eu sempre chegava cedo, eu ajudava, as pessoas viram que eu tinha potencial pra assumir um programa de TV e aí eu fui, e se não fosse pela ESPOCC eu não teria parado lá, de jeito nenhum”.

Consciente e atuante em relação aos seus próprios interesses, mas compartilhando suas experiências, hoje carrega uma legião de jovens, acadêmicos, autores e leitores com simplicidade e alegria. Circula entre as periferias e os grandes centros, nacionais e internacionais. De Antares a Paris, onde autografou o livro que o Consul comprou.

5.6 JOVEM_6: POETA

“A vida é um eterno recomeço e eu consigo recomeçar e eu fico feliz por isso, porque o próprio destino me dá a oportunidade”.

Foram tantas mudanças de endereço que é muito complexo pedir para ela dizer de onde ela vem. Escolheu a Zona Oeste para termos uma referência. Ao longo da vida já morou em mais de dez lugares diferentes. Nunca ficou muito tempo em um lugar,

mas diz: “*sei onde estou*”. É poeta, performance⁷⁷, faz apresentações em saraus, é palestrante e faz oficinas sobre arte para dentro e para fora da favela. Considera-se uma pessoa muito frágil e criou um alter ego⁷⁸ que lhe fortalece, uma personagem que passou a fazer parte da sua vida. Seus poemas são autorais e começou a atuar em 2012 no Sarau de Manguinhos. A jovem_6 gosta muito de cultura, arte em geral e é fascinada por cinema. Apesar de ser poeta, não consome poesia porque acha que tiraria a originalidade e acabaria reproduzindo algo que já leu. Gosta muito de ler filosofia, pois abre espaço para reflexão e para criar coisas originais. Também gosta da boemia e do encontro com as pessoas na rua. Encontrar pessoas diferentes traz bons resultados para sua produção. Considera que entende melhor o mundo quando circula pela cidade. Foi uma criança órfã. Seu pai tinha síndrome de pânico e matou a mãe. Não foi para a cadeia, nem para o hospital. Oscilava entre uma internação e outra, quando moravam com a avó, até o dia que se suicidou. A irmã era dependente química. Com 20 anos casou. Atualmente a filha mora com o pai em Vista Alegre, na casa que é dela e quando vai visitá-la, fica lá, pois construiu uma ótima relação como ex-marido e sua família. Morou com a filha até os três anos e meio. Neste período vendia bijuterias de porta em porta e nos salões de beleza, assim poderia ficar com a filha o dia todo. Colocava a filha no carrinho e ia passando pelos clientes ao longo do dia. Em 2012 entrou em depressão porque sentia falta de trabalhar fora e ter um pouco mais de liberdade. Começou a escrever e escreveu uma poesia “*porque eu achava que eu queria muito mais que nascer, comer e morrer, né? O título é “Nascer, Comer e Morrer”, é um pensamento irônico sobre isso, né? que...posso recitar?*”

“Um dia descobri ao refletir sobre quem sou porque estava assim, pra quê lembrar? Se perdi você e tentar mudar nada vai acontecer. Os sábios questionaram, estão todos queimados, os bruxos executores, esses são louvados, eu quero uma vida tranquila, nascer, comer e morrer, de repente vou ter filhos quando envelhecer, pra quê pensar? Por quê lutar? Se é tão fácil ser, é só ser fácil pra ser popular, lutar é difícil, bom é viver sorrindo, sempre ser lembrado e comprar vários amigos, me esconder no armário, pois o importante é o que eu tenho e não o que faço, eu sei que não sei, mas pra quê vou saber? Pra quem eu vou saber? Filosofia é arrogância, cultura é inútil, arte é vagabundagem, nada disso tem futuro, eu quero uma vida

⁷⁷A palavra performance vem do verbo em inglês "toperform" que significa realizar, completar, executar ou efetivar. Em muitas ocasiões é usada no contexto de exposições em público, ou quando alguém desempenha algum papel no âmbito artístico.

⁷⁸Alterego é uma locução substantiva com origem no latim "alter" (outro) e "ego" (eu) cujo significado literal é "o outro eu". O alterego é uma outra personalidade de uma mesma.

encontrei lá e tudo que eu aprendi lá, tudo o que eu passei lá foi muito importante sim e melhorou muito minha qualidade de comunicação”.

Ao final de mais de uma hora de entrevista agradei ao seu alter ego, mas confesso que tive a sensação que a outra também esteve presente, pelo menos por um tempo.

TRABALHO

Recepcionista de escritório, vendedora de moto da Honda, de plano de saúde e caixa de loja, quando sua filha nasceu. Recebia um salário mínimo e, pagar uma pessoa ou uma creche não compensava, era muito melhor conviver com a filha.

A jovem_6 trabalhou de forma autônoma durante três anos confeccionando e vendendo bijuterias. Fez bons contatos, criou sua rede e vendia peças de qualidade, aço e inox, comprava uns cordões grandes e transformava em vários pequenos. Era labuta, nos salões de beleza, de Vista Alegre ao Irajá, deixava as bijuterias em consignação e sempre tinha dinheiro a receber.

Em uma nova fase, diz que trabalha a mente:

“Gosto muito de tudo voltado à cultura, gosto de documentário, gosto de palestra, gosto de museu, gosto de exposição, gosto até daquelas coisas chatas, assim, que ninguém gosta que seja pra refletir, sabe assim? Aquelas coisas que às vezes parece que não serve pra nada, mas eu acho interessante”.

Não sabia que sua poesia iria virar profissão, porque considerava que essa profissão era uma coisa muito estranha, quase utópica. Conhecia vários poetas que estavam tentando há mais de dez anos viver de poesia e ela nunca pensou em viver de poesia.

“[...] quando eu me apresentei pela primeira vez, em menos de um ano eu ganhei meu primeiro cachê no Teatro Calouste Gulbenkian [...] aí eu ganhei cento e cinquenta reais por quinze minutos, aí eu pensei assim: “ - Cara, quem vai me ouvir por quinze minutos e ainda vão me pagar por isso?” Achei encantador”.

Declama poesia mesmo tendo a dicção presa. Nem ela sabe como consegue, mas logo acha uma resposta.

“[...] eu acho que vem do coração mesmo, né? Uma coisa, a verdade, eu acho que a verdade é um diamante, sabia? Então eu acho que por eu falar a verdade isso afeta e gera originalidade”.

CONVIVÊNCIA

Ao falar sobre sua trajetória profissional seus olhos brilham. Com orgulho, mas sem soberba, a jovem fala sobre os espaços culturais de referência no Rio de Janeiro e em São Paulo que já ocupou, sobre sua circulação pela cidade e sua convivência com diferentes pessoas.

“[...] você encontra muita gente diferente, você conhece muita gente diversificada, [...] eu gosto também porque na poesia eu também consigo isso porque como eu rodo todos os espaços, rodo, né? Baixada, Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste, Zona Leste, todas as Zonas, todos os lugares [...] eu gosto muito de diversidade”.

Antes de entrar para ESPOCC reconhece que sua visão de mundo era limitada e preconceituosa. Considera que ter participado da campanha Juventude Marcada para Viver – JMV e das discussões com o grupo de alunos e professores contribuíram para a construção de um novo outro olhar sobre as questões do funk, do feminismo e do jovem negro.

“Então, a gente sabe que o pessoal de periferia, negro, pobre, morre mais que o normal, mas a gente não sabia, eu não sabia estatística, o tamanho, a dimensão disso e lá eu aprendi[...] que é muito maior e que realmente é um problema muito sério[...] eu descobri onde mora o meu racismo também, sabe?”

Destaca que sua passagem pela ESPOCC foi marcada pelos processos de aprendizagem vividos, pelas relações pessoais e institucionais construídas e pela mudança em relação a sua postura profissional que influenciaram sua produção como escritora e poeta.

“[...] então você aprende muito a toda hora, a todo momento sobre tudo com todo mundo, tudo lá é muito cheio de informação. [...] então eu acho

que mudou tudo, mudou o eu, continuo sendo eu, mas ganhei um pouco mais com a mente mais evoluída”.

“[...] porque quando você entra num curso que melhora a sua qualidade profissional, obviamente, tem melhores oportunidades, então a mudança foi essa, tanto que eu entrei pra uma ONG como diretora - Instituto de Ação Social Comunitária no Complexo da Penha”.

5.7 JOVEM_7: MULTIARTISTA

“[...] minha vida é uma sequência de situações marcantes.”

Morador de Rocha Miranda, na Zona Norte, o jovem_7 diz circular pela cidade inteira e pra além dela. Apresenta-se como MC⁷⁹, grafiteiro, artista visual e produtor cultural. É muito ligado à tecnologia e adora vídeo, assiste todo o dia - “*ajuda na sua criação*”. Dos dezesseis aos vinte e um anos participou das oficinas e dos cursos de artes, edição de imagens em ambiente digital entre outros que eram oferecidos pelo de Galpão Aplauso⁸⁰, onde também trabalhou. Participou do projeto do Centro Espacial com Vik Muniz⁸¹, fez esculturas para indústria do carnaval, trabalhou com figurino na Rede Globo e nos finais de semana na barraca da quermesse, como barman e na fábrica de gelo. Fazia parte de um grupo musical quando foi convidado para cantar no aniversário do OF. Conheceu o espaço, os projetos, curtiu a festa, mas não cantou. Inscreveu-se em dois projetos: no Solos Culturais⁸² e na ESPOCC. Em 2012 iniciou suas atividades na ESPOCC, já utilizava algumas ferramentas de audiovisual, mas seu desejo era se aprimorar mais e entender como funcionava cada etapa da produção. Em 2014, montou uma produtora com os amigos e participaram do edital de Arte e Cultura da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro. Estão na etapa de finalização da produção de

⁷⁹MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "emeci". Neste caso o jovem é MC e compositor de rap.

⁸⁰Organização da Sociedade Civil, que oferece cursos de qualificação profissional agregando iniciativas de arte e cultura para jovens de comunidades de baixa renda. <<http://aplauso.art.br/home/institucional/>> Acesso em: 21 de mar. 2016.

⁸¹ Vik Muniz (1961) é um artista plástico brasileiro, fotógrafo e pintor, é conhecido por usar materiais inusitados em suas obras, como lixo, açúcar e chocolate Formado em Publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, em São Paulo. Em 1983, mudou-se para Nova York. < http://www.e-biografias.net/vik_muniz/> Acesso em: 22 de mar. 2016.

⁸²<<http://of.org.br/projetos/cultura-projetos/solos-culturais/>> Acesso em 22 de mar. 2016.

um Talk Show sobre como começou o funk carioca. Viveu boa parte da sua vida com sua mãe e o irmão mais velho, seu pai faleceu quando tinha quatorze anos. A possibilidade dos filhos se envolverem com bandidos apavorava tanto sua mãe que ela achou melhor que fosse morar com a avó. Quando entrou na escola, já sabia ler e escrever. Concluiu o Ensino Médio com o ENEM e entrou para o curso de Artes Gráficas na UERJ.

PARTICIPAÇÃO

O jovem relata um “fenômeno” recorrente na sua vida. Enquanto anda na calçada a quantidade de pessoas, mulheres principalmente, que seguram a bolsa e se viram de lado com medo de serem assaltadas, enquanto ele passa, é inacreditável. Com ironia e humor diz que a cena, se fosse filmada, seria como a do Mar Vermelho, ele vai passando e os espaços nas ruas e calçadas vão se abrindo até chegar à ESPOCC.

“[...] todo dia vendo aquilo, passando por aquilo ali, todo mundo desviava de mim pra não ter o risco de ser roubado por mim, por uma série de questões do senso comum e que pra mim também era um senso comum que eu passei a desconstruir a partir de algumas discussões que a gente teve em aula. Agente tenta entender, pô não é comum, não é pra ser normal que você passasse na rua e as pessoas virassem ou te considerassem um suspeito porque você é preto você vai roubar todo mundo que tá no ponto de ônibus”.

Apesar desconhecer a palavra racismo ainda não tinha o entendimento sobre a questão. Não sabia que era um conceito, não sabia como se expressar. Começou a prestar mais atenção nas letras dos raps que criava.

“[...] eu sou MC e compositor, aí eu fiz uma letra de rap falando da situação e, assim, muito revoltado e quando eu terminei de ler a letra eu olhei e falei: - “Cara, eu tô mais racista do que qualquer coisa aqui -” Amassei a letra e joguei fora, nem lembro, eu joguei fora porque não tinha condição eu fiquei bem naquela de pô, qual é da cidade? O quê que é? [...] e aí eu comecei na ESPOCC. Entrei tipo, com essa discussão, com essas duas problematizações”.

Na ESPOCC as discussões e os debates sobre essa e outras temáticas, geralmente polêmicas, são recorrentes e todos que circulam pelo OF são estimulados a

participar em diferentes fóruns, como por exemplo, o Diálogos ESPOCC⁸³. Pensar junto, apresentar ideias, discutir posições, problematizar situações a partir de um processo de construção coletiva são ações que promovem efetivamente a ampliação do repertório destes jovens.

“[...] não é uma ordem hierárquica vertical que o cara fala toda a verdade e você aceita toda a verdade que ele tem pra falar –“ E aí eu consegui entender que a gente não tem uma verdade, né? A gente tem várias verdades, várias possibilidades de verdade, cada um tem uma verdade e mais algumas, né? Então é começar, isso começou a girar e aí que eu comecei a tentar acompanhar o que era e foi mudando, assim. [...] eu consegui me entender negro na condição de discriminado e discriminador, eu entendi que eu sou muito racista, que eu tenho bastante preconceito, que ainda não consegui desconstruir como completo, mas eu acho que o primeiro passo é você entender e se aceitar pelo que você é”.

Um marco importante no ano em que entrou na ESPOCC foi a produção e o lançamento da campanha JMV que fazia parte do TCC - trabalho de conclusão de curso - que mobilizou os alunos durante dois anos.

“[...] sou negro e tenho mais risco de morrer do que um jovem branco e por que é importante eu falar isso? [...] meus vizinhos na favela [...] não sei se pararam e entenderam que ser preto é mais perigoso que ser branco porque ao mesmo tempo em que você é o cara que oferece perigo, você é o primeiro alvo exatamente porque você oferece perigo que nem você sabe que você oferece”.

A campanha publicitária foi pautada numa perspectiva das causas sociais que colocam em questão as lógicas dominantes. A campanha JMV ganhou repercussão nacional na grande mídia e ele foi o “garoto propaganda”. As experiências vividas na ESPOCC e seus relatos fizeram com que ele se posicionasse frente a si próprio, apontando para o desenvolvimento de sua capacidade de ver a si e ao outro, para a ampliação de sua visão de mundo e na contribuir para a criação novas formas de lidar com as posturas de caráter discriminatórias e preconceituosas:

“[...] então é importante você fazer essa reflexão e fazer todo mundo entender isso porque o projeto de transformação vai partir, talvez, da

⁸³ DIÁLOGOS ESPOCC: Debate de temas factuais, capazes de construir e ampliar repertório e potencializar uma juventude inquieta, criativa. Reúne nomes de pensadores e inventivos, criativos e acadêmicos, figuras contundentes e inspiradoras, para dialogar e debater suas ideias, questionamentos e produções com os alunos da ESPOCC e convidados.<<http://www.espocc.org.br/dialogos-espocc>> Acesso em: 26 de mar. 2016.

comunicação [...] então se a gente tem um racismo e que é velado, ele tem que deixar de ser no ponto que a gente conseguir deixar ele aparente pra sociedade inteira”.

“É você tá falando de tudo que a sociedade não quer falar.[...] esse enriquecimento de repertório que eu não tinha [...] - “Até hoje não vi outro lugar que fale isso, a galera não entra, não aprofunda [...] quer te guiar pra você falar exatamente o que o cara quer, não quer que você tire suas conclusões, eu acho que a ESPOCC me ajudou a tirar muitas conclusões sobre o que é a minha vida, quem eu sou e onde é que eu tô, eu não cheguei aqui vazio e aí me encheram”.

CONVIVÊNCIA

“[...] eu não cheguei aqui vazio e aí me encheram”.

O jovem descreve a ESPOCC como o ponto de partida para o desenvolvimento de muitas ações e produtos de comunicação. Destaca a liberdade e a responsabilidade como fatores importantes no processo criativo, da ideia inicial ao produto final são muitas mãos, cabeças e corações trabalhando juntos.

“[...] e é muito doido, a gente tem uma liberdade de criar e de fazer as coisas que tá pra além de qualquer lugar que você imaginasse trabalhar, mas ao mesmo tempo é esse lugar [...] que você tem que entregar o produto, você tem que trabalhar sério, você tem que trazer pro teu grupo, pro teu coletivo o que precisa ser trazido, você marcou de trazer uma parada, você tem que trazer, isso ajuda na ideia de responsabilidade também e aí isso é afinamento de tá junto com a galera produzindo, de tá criando conteúdo e se apossando de novos conteúdos”.

Considera que a ESPOCC foi e ainda está sendo muito importante na sua vida porque lhe faz pensar a sociedade. Ele relata sua passagem por um projeto social de pré-vestibular que o ajudou a começar a entender porque ele não se enquadrava nos padrões da sociedade.

“[...] eu comecei essa análise a partir de outros lugares que também não tavam no centro, também tavam à margem, né? Sempre um plano B ou plano C e aí essa galera passou a ser meu plano A, que eu consegui entender a linguagem que era falada ali, conseguia me identificar com aquilo ali, com aquele conteúdo que era passado, o que tavam falando naquele momento, então isso me ajudou a fazer uma compilação mais

acertada do que seria ser cidadão no Rio de Janeiro, Brasil, em dois mil e dez”.

As vivências descritas pelo jovem contribuíram para o entendimento sobre seus direitos enquanto cidadão, fortaleceram sua consciência crítica e ampliaram sua capacidade de intervenção nos lugares por onde circula, sem deixar de compreender a importância das ações coletivas. O jovem relata que a convivência com as mulheres da ESPOCC está começando a mudara a “*sua lente*”⁸⁴.

“Quando eu sentava com as meninas e elas falavam[...]que eu falava era machista, mas porquê? E aí tentar entender também o porquê isso tá soando assim, porquê que eu não entendo isso e buscar entender e aí eu acho que isso foi, assim, transformador[...]eu passei a ficar mais atento e conseguir tentar entender[...]pra que eu não seja assim, nem pareça isso.

E pergunta “*o quê que eu faço? Eu só consigo alcançar pela observação e aí desenvolver em cima disso*”.

TRABALHO

“[...] minha mãe falava que eu tinha que arranjar um trabalho de carteira assinada porque esse negócio de arte não dá dinheiro que não sei o quê, que não sei o que lá e eu não ouvi, né? Era pra ter ouvido (risos)”.

Começou como monitor no Galpão Aplauso, depois foi convidado pelo OF para trabalhar no projeto Do Chão da Maré às Nuvens, um canal de comunicação entre os adolescentes e seu território de origem.

“[...] um olhar mais crítico, problematizando, tentando trazer pra fotografia e pro vídeo coisas que realmente são do cotidiano desses jovens e adolescentes. A gente não queria fazer: “Ah, vamos pintar um quadrinho bonitinho e botar lá porque isso que é legal”. Não, não interessa o que é legal, interessa o que é a sua vida, a sua história a sua trajetória, não interessa o que o patrocinador vai achar bonitinho, vai achar legal, a gente quer realmente falar do que importa”.

⁸⁴Expressão utilizada pela Camila Santos - Coordenadora Pedagógica da ESPOCC.

Hoje, sua principal fonte de renda vem da ESPOCC, onde trabalha como artista gráfico, na Agência Diálogos. A experiência de trabalhar em uma instituição que oferece espaço para a liberdade de criação, também deve ser visto como um fator que implica em um maior envolvimento com a instituição e com as pessoas gerando compromisso e responsabilidade.

“Tem um conjunto de dimensões subjetivas que tem que ser mensuradas. E principalmente o princípio fundamental que é que aquele cara seja um cidadão pleno. Que ele exerça cada vez mais seu direito de cidadania e que ele consiga viver com dignidade. Em que aquele curso ajudou nesta construção dele como ser humano?” (Trecho da entrevista realizada pela autora com Jailson de Souza e Silva, 2015).

VAMOS RESPONDER?

No levantamento bibliográfico foi possível perceber o surgimento de mais dissensos do que consensos sobre as teorias, metodologias e abordagens a respeito do tema avaliação de projetos sociais. Ainda existem muitas questões que devem ser consideradas nessa instância social, na maioria das vezes desconsideradas pelas posições hegemônicas no campo da avaliação. O desafio que se coloca passa por entender que avaliar é outorgar valor e quando optamos por realizar uma avaliação temos que estar atentos para que ela seja um instrumento importante para democracia e para a produção de conhecimentos que fortalecem as ações plurais desses sujeitos.

Nesta dissertação foi possível reafirmar a relevância do tema especialmente no que concerne aos projetos sociais que envolvem seus egressos. Cada um dos jovens entrevistados reconhece que o projeto representou um momento importante de suas vidas e destacam que aprenderam com as experiências vividas no curso e pelas relações estabelecidas entre os participantes. A participação no projeto permitiu que os jovens criassem novas oportunidades de inserção social e possibilitou o desenvolvimento de competências técnicas que colaboraram para o distanciamento do lugar de vulnerabilidade.

Apresentar as experiências vividas pelos jovens que passaram pelo projeto ESPOCC e como seguiram constituindo suas vidas foi um desafio e uma conquista. As entrevistas com os sete jovens egressos são expressões do acerto na construção do projeto político pedagógico da ESPOCC: (1) que privilegia a construção de capacidades

individuais e coletivas (convivência); (2) que estimula as pessoas a participarem de forma ativa e autônoma (trabalho); (3) e que amplia a participação dos jovens na dinâmica complexa da sociedade (participação). O principal efeito do projeto nos sete jovens foi certamente a atenção com a formação do ser humano. Assim, precisamos estar atentos para levar em conta esses elementos essenciais para reafirmarmos a importância da avaliação de projetos sociais com foco no desenvolvimento de pessoas.

Ainda que possamos afirmar que a grande maioria dos jovens, residentes em espaços populares, tem sua vida cotidiana limitada a poucas oportunidades de formação intelectual, estética e profissional, foi possível identificar pelos relatos de vida dos jovens, que passaram pela ESPOCC, a potência que existe dentro de cada um.

Diante das declarações descritas nesta pesquisa é possível perceber que estes jovens, que passaram pela ESPOCC, possuem cada vez mais recursos para acessar informações, produzir conhecimentos e discursos, sendo capazes de influírem na disputa social a partir da ampliação do seu repertório. Aliado a esta percepção encontramos instituições, como o Observatório de Favelas, que constroem territórios de produção e de mercado relacionados à comunicação, promovendo o acesso a atividades críticas e criativas.

Ou seja, a juventude de espaços populares vem dando demonstrações evidentes de seu incisivo papel na cena pública como protagonista de práticas cidadãs.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa aqui apresentada não tem a pretensão de dar conta da complexidade da discussão entre as diferentes teorias, modelos e concepções de avaliação, das possibilidades “criativas” dos desenhos metodológicos e das escolhas técnico-político que compõem o campo de avaliação de programas e projetos sociais, ainda recente no cenário nacional. Aliada a pesquisa teórica sobre avaliação de egressos foi possível traçar um caminho de pesquisa que atravessa o campo dos programas e projetos sociais que atuam com a juventude em busca formação e inserção social.

Movida pela curiosidade acadêmica, pelo desejo e pela inquietação de buscar respostas para a pergunta - O que os projetos sociais conhecem sobre a vida dos jovens pós-projeto? - o objeto dessa dissertação teve como objetivo elucidar o que os programas e projetos sociais conhecem sobre a vida dos jovens após sua participação em um projeto social. Porém, em nenhum dos materiais levantados para esta dissertação foram encontradas informações, teorias, metodologias, análises e pesquisas que agregassem as palavras chaves (egressos, avaliação e programas e projetos sociais) definidas pela autora.

Partindo destas análises iniciais é necessário apontar que apesar da ampliação da demanda e do aumento das experiências na área social, avaliar programas e projetos sociais ainda é um desafio, principalmente por não termos tradição neste tipo de avaliação. A avaliação de um programa ou projeto é um acontecimento importante, pois se trata de uma oportunidade para investigação das práticas sociais e seus efeitos e relacionamentos com uma diversidade de variáveis intervenientes.

É inegável a contribuição dos pesquisadores nacionais e internacionais, da Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação e a Associação Brasileira de Avaliação Educacional para a ampliação dos espaços para o debate sobre a avaliação em programas e projetos sociais no Brasil, porém não podemos nos furtar de elencar as lacunas identificadas nesta pesquisa tais como: (1) a falta de experiência de implementação de projetos que incluem a avaliação; (2) a fragilidade na formação dos agentes que atuam com avaliação (3) o pouco domínio de conceitos e técnicas do campo da avaliação de projetos sociais; (4) a escassez de literatura específica sobre egressos e

estudos de longo prazo; (5) as deficiências de registros e banco de dados; (6) os recursos para executar a avaliação de egressos dos projetos sociais; (7) a invisibilidade dos egressos.

Para atendermos as lacunas encontradas precisamos buscar caminhos que reafirmem o campo transdisciplinar da avaliação, que valorizem os conhecimentos multidisciplinares necessários para dar conta dos problemas complexos e que seja destacada a ênfase aos resultados intangíveis a partir das mudanças provocadas pelos resultados dos projetos implementados. E ainda, a atenção ao contínuo aperfeiçoamento dos profissionais e de suas ações institucionais como forma de potencializar as políticas de ensino, pesquisa e extensão.

As pesquisas mencionadas nessa dissertação apontam para a importância da execução de avaliações nos projetos sociais e demonstram que a mesma está consolidada não havendo necessidade de advogarmos por sua relevância, porém parece ser importante observar para quais finalidades ela tem sido utilizada. A avaliação como ferramenta de promoção dos projetos é legítima e importante, mas esse uso não corresponde a todo o potencial que pode oferecer para os beneficiários dos projetos e neste sentido as OSC têm buscado desenvolver tecnologias avaliativas que possam vir a responder de um modo mais consistente seus impactos para o conjunto da sociedade, como por exemplo, os estudos de corte longitudinal.

É fundamental ampliar as possibilidades de pesquisa sobre avaliação por meio de posicionamentos teórico-metodológicos que precisam ser construídos com rigor científico em relação aos objetos a serem estudados neste campo. Assim, pode ser possível diminuir as lacunas encontradas a partir da construção de um caminho comum entre as práticas de pesquisas e as práticas sociais, no sentido de construir modelos mais adequados para cada um dos projetos ao mesmo tempo lhes atribuindo um maior grau de formalização.

As práticas de pesquisas encontradas indicam que ainda são raras as avaliações de programas e projetos sociais que incluem os egressos, e quando são chamados a participar das pesquisas, o que se busca é a resposta sobre sua inserção no mercado de trabalho. Sendo assim, foi por meio da pesquisa empírica com os jovens egressos da

Escola Popular de Comunicação Crítica, associada ao estudo teórico sobre avaliação e da análise de projetos sociais que esta dissertação contribui para elucidação sobre as consequências na vida dos jovens.

Nesse trabalho, para preencher as lacunas encontradas no levantamento bibliográfico, foram realizadas entrevistas com os egressos, com objetivo de compreender o impacto da ESPOCC em suas vidas para além da empregabilidade.

Ao longo dessa pesquisa ficou evidente que, enquanto projeto social, o grande e positivo impacto que a ESPOCC tem sobre as vidas dos jovens não está sendo mensurado pelas avaliações realizadas pela Petrobras. É necessário, sem dúvida, repensar junto aos patrocinadores novas formas de avaliação para que elas deem conta dos aspectos observados nas entrevistas conduzidas nessa dissertação, podendo dessa forma contribuir para a construção de uma imagem real do projeto que pode, apenas a partir disso, ser transformado e aprimorado.

Essa pesquisa aponta que um caminho possível para se avaliar de maneira fidedigna a aprendizagem e/ou transformações nas vidas dos jovens é a opção por uma metodologia com desenho longitudinal. Dessa forma é possível encontrar evidências que elucidam os acontecimentos durante um determinado período, tornando claras as diferenças entre os momentos antes e depois da intervenção efetuada (a participação no projeto social).

Avaliar programas e projetos sociais ainda é um desafio, principalmente por não termos ainda tradição no campo da avaliação. Olhar para a avaliação como uma oportunidade de investigação das práticas sociais e seus efeitos é estratégico e necessário. As duas instâncias, de avaliação e de gestão, aplicadas ao longo do projeto tem como finalidade rever cotidianamente práticas e procedimentos para melhor atender aos beneficiários; registrar as lições aprendidas sobre o processo; compartilhar informações com as Organizações da Sociedade Civil e Instituições de Ensino Superior para gerar novas reflexões sobre os processos e funcionar como insumo de pesquisas acadêmicas.

Os programas e projetos sociais devem engajar um processo constante de pensar e repensar suas práticas, indicadores, meios de verificação, seus resultados e impactos. A metodologia escolhida para a avaliação influencia os resultados obtidos, e, portanto a inclusão dos egressos e de uma avaliação que permita que o aluno seja avaliado mais de uma vez, se tornam chave no processo de avaliação de impacto

Investe-se muitos recursos humanos e financeiros na implementação de projetos sociais, entretanto quando o projeto se encerra só é possível conhecer os resultados que foram transformados em números. No máximo, quando se trata de abordagens qualitativas, são apresentadas as percepções dos egressos sobre o tempo vivido ao longo da existência do projeto. Há, assim, “resultados” concretos, mas não se sabe de fato como o investimento se transformou em mudança efetiva na vida dos participantes. A “equação” investimento-impacto deve ser avaliada mais profundamente, pois se espera que um projeto social amplie o repertório dos participantes, aumente as possibilidades de inserção social e tenha impacto real na vida dos egressos – aspectos que dificilmente são levados em conta nas avaliações formais utilizadas na maioria dos projetos. Nesse sentido o estudo longitudinal que acompanha os egressos *após* a participação no programa aparece como uma solução para adequar a equação.

Propõe-se então uma metodologia de desenho longitudinal que inclua os egressos como sujeitos importantes para as avaliações, e o desenvolvimento de um sistema de acompanhamento. Esse sistema, entretanto, não pode ser muito custoso para as instituições, uma vez que isso significaria maior dificuldade de implantação dessa ferramenta tão necessária. Para tornar viável o acompanhamento dos egressos após sua saída dos projetos e usar as informações fornecidas por eles para aprimoramento constante, o ideal seria implementar uma plataforma que possibilite a criação de redes em um ambiente colaborativo, onde seja possível relatar e documentar as experiências de cada projeto e retroalimentar a tomada de decisões gerenciais a partir de informações confiáveis, tornando transparentes as informações para todas as partes interessadas.

Uma vez que a maioria das instituições que trabalham com a formação de pessoas não possui sistemas de avaliação de egressos, ainda se faz necessário desenvolver uma pesquisa com o objetivo de discutir a relação entre a qualidade da gestão do ensino e a importância do desenvolvimento de sistemas de acompanhamento

de egressos a fim de conseguirem elementos da realidade que possam compor a descrição e a compreensão do fenômeno que será investigado.

É necessário buscar parcerias institucionais que possibilitem o desenvolvimento de um sistema capaz de atender a um grupo de organizações, institutos e projetos sociais que se beneficiariam da avaliação de egressos, criando assim um novo patamar de resultados. Tal sistema seria capaz de ampliar o reconhecimento do investimento social e promover conhecimento de melhor qualidade sobre a situação dos projetos sociais em curso.

7. BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 3ª edição, 2005.

ALVES, J.E.D. **A Transição Demográfica e a Janela de Oportunidade**. São Paulo, 2008.

ALVES, J.E.D. **População e Crescimento econômico de longo prazo no Brasil: Como aproveitar a janela de oportunidade demográfica?** São Paulo, 2009.

AYRES, M. F. D. **Análise Institucional do Curso Técnico de Pesquisa em Biologia Parasitária do Instituto Oswaldo Cruz visando ao Desenvolvimento de Indicadores de Avaliação**. Dissertação de M. Sc. Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ ; julho, 2007.

BAUER, A. **Avaliação de impacto no Brasil: é possível mensurar impactos de programas de formação docente?** Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 21, n. 46, p. 229-252, maio/ago. 2010.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

BONOMINO, A. M. C. E OLIVEIRA, L. H. G. **Estudos longitudinais e pesquisa na educação básica**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 19, n. 38, p. 33-50, jan./abr. 2013.

BORBA, P.R.F. *et al.*, **Monitoramento e Avaliação de programas e projetos sociais – Desenvolvimento de um plano de avaliação**. In: VII SEMEAD – FEA – USP. 2004.

BRASIL. **Lei n.9.394** – 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Diário Oficial, Brasília, 23 dez. 1996 p.4p.

CÂMARA, A. M. C.; SANTOS, L. L. C. P. **Um Estudo com Egressos do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – 1982-2005**, Revista brasileira de educação médica, 36 (1, Supl. 1) : 5-17; 2012.

CARVALHO, S. N. **Avaliação de programas sociais: balanço das experiências e contribuição para o debate.** São Paulo em Perspectiva, vol. 17, n. 3-4, p. 185-197, 2003.

CHIANCA, T. *et al.* **Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil. Coleção Gestão e Sustentabilidade.** São Paulo: I. Fonte/Editora Global; 2001.

CHIECHELSKI, P.C.S. **Avaliação de programas sociais: abordagens quantitativas e suas limitações.** Revista Virtual Textos & Contextos, nº 4, dez. 2005.

COHEN, E. , FRANCO, R. **Avaliação de projetos sociais.** Petrópolis: Vozes, 1993.

COSTA, C. S. *et al.* **Terceiro setor e desenvolvimento social – Relato Setorial Nº 3 -** Gerência de Estudos Setoriais – BNDES - GESET; Julho 2001.

COTTA, T. C. **Metodologias de avaliação de programas e projetos sociais: análise de resultados e impacto.** Revista do Servi Público, Brasília, v. 49, n. 2, p. 103- 124 1998.

CURY, C. J. **Educação e contradição.** São Paulo: Cortez, 1983. 146p.

FERNANDES, D. **Avaliação de programas e projetos educacionais: Das questões teóricas às questões das práticas.** Pinhais, PR: Editora Melo, 2011.

FERREIRA, M. M. **As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil,** 2010.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLINKER, L. E DELL'AGLIO, D. **Reflexões sobre avaliação de programas e projetos sociais.** Revista Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.126-144, jan./jun. 2013.

FREITAS, W. R. S. , JABBOUR, C. J. C. **Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: Boas práticas e sugestões.** ESTUDO & DEBATE, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1988. 175p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL,C.Z.V. **Jovens e participação: a experiência da ONG Trilha Cidadã**. Tese de D. Sc.- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995B.

GUIA PMBOK : **Um Guia do Conjunto de Conhecimentos em Gerenciamento de Projetos (Guia PMBOK®)**; Terceira edição ©2004 Project Management Institute, EUA.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **A Avaliação de Programas e Projetos Sociais de ONGs no Brasil**. Relatório de Pesquisa. 2009.

JANNUZZI, P. M. **Avaliação de Programas Sociais no Brasil: Repensando Práticas e Metodologias das Pesquisas Avaliativas. Planejamento e Políticas Públicas**, v. 36, p. 251-275, 2011.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 18.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.87.

KUSHNER, S. **Personalizar la evaluación**. Madri: Morata, 2002. p.21.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

LAVOS, A. *et al.* **Sistema de Avaliação: Programa de Qualificação Profissional do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2009.

LEE, V. **Dados longitudinais em educação: um componente essencial da abordagem de valor agregado no que se refere à avaliação de desempenho escolar**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 21, n. 47, p. 531-542, set./dez. 2010.

LEEuw, F.; VAESSEN, J. **Impact evaluations and development: NONIE'S guidance on impact evaluation.** Washington: World Bank, 2009.

LOUSADA, A.C.Z.; MARTINS, G.A. **Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de ciências contábeis,** R. Cont. Fin. – USP, São Paulo, n. 37, p. 73 – 84, Jan./Abr. 2005.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez. 1994. 175p.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

. _____. **Avaliação por triangulação de métodos. Abordagem de programas sociais** (pp.19-51). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

MODESTO, et al. **Avaliação de Curso Técnico de Agente Comunitário de Saúde sob a ótica dos egressos.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 10 n. 3, p. 387-406, nov.2012.

MOHHR, L. B. **Impact analysis for program evaluation.** California: SAGE, 1992.

_____. **Impact analysis for program evaluation.** Thousand Oaks: Sage, 1995.

MONTAÑO, C. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007

MONTEIRO, E. 2012, **Interface comunicação-aprendizagem: condições para a gestão da Educomunicação.** Tese de D.Sc. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-17052013-111229/>>. Acesso em: 2016-03-25.

MONTEIRO, E. , MOTTA, A. **Gestão escolar: perspectivas, desafios e função social.** 1 ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

NETO, R. *et al.* **Projeto de acompanhamento de estudantes e de egressos:** CEFET/GO. Goiânia, março de 2008.

NOVAES, H. M. D. **Avaliação de programas, serviços e tecnologias em saúde.** Revista de Saúde Pública, vol. 34, n. 5, p. 547-549, 2000.

NOVAES, R.R. *et al.* **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Brasília: IPEA, 2009.

OLIVEIRA, N. G. **Jovens egressos de projetos sociais: experiência para entrada na vida adulta.** Dissertação de M.Sc. , Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, 2013.

OTERO, M. R.; BARBOZA, M. **Os Profissionais que Atuam com Avaliação, a Questão da Liderança no Campo e Desafios para o Desenvolvimento da Avaliação no Brasil.** In: IV Seminário da Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação, 2012. Artigos selecionados pelo Comitê Gestor. Anais... Rio de Janeiro: BNDES, 2012.

PENA, M. D. C. **Acompanhamento de egressos: Análise conceitual e sua aplicação no âmbito educacional brasileiro.** Dissertação de M. Sc., CEFTE/MG. defendido em, 2000.

_____. **Egressos vozes ausentes no processo do estágio curricular.** In: II Encontro Nacional de Estágios, 2, 1999, Belo Horizonte. Anais...apresentado na 2ª seção. Belo Horizonte: FIEMG/IEL, 1999. P. 3-12.

_____. **Escola-aluno-empresa: uma experiência em processo no CEFET/MG.** Educação e Tecnologia: periódico técnico -científico dos Programas de pós-Graduação em Tecnológicos CEFET's – PR/MG/RJ, Curitiba: CEFET/PR, n.2, p.127-135, ago. 1998

RIBEIRO, E. E LÂNES, P. **Diálogo Nacional para uma Política de Juventude.** Rio de Janeiro: Ibase e Pólis, 2006.

ROSSI, P.H. *et al.* **Evaluation: a systematic approach.** Thousand Oaks: Sage 2004.

SANDERS, J. *et al.* **Uma introdução à avaliação de programas. Conceitos e Práticas.** São Paulo: Editora Gente/EDUSP/Instituto Fonte/IAS, 2004.

SCHOFIELD, J.W.; ANDERSON, K.M. **Combining quantitative and qualitative methods in research on ethnic identity and intergroup relations.** Educational, Management and Administration Society, Los Angeles, p. 121-127, 1987.

SCRIVEN, M. **Evaluation Thesaurus:** Sage Publications, Inc © 1991.

SILVA, F. A.R. **Finanças públicas.** São Paulo: Atlas, 1983.

SILVA, R.R. **A Avaliação de Programas e Projetos Sociais de ONGs no Brasil.** In: Relatório de Pesquisa, 2008.

SILVA, J. S., BARBOSA, J.L. **Favela: alegria e dor na cidade.** Dez, 2005. Editoras: EDsX/Brasil e Senac/RJ.

SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, C. **Estudo do Campo. Da pesquisa em políticas públicas no Brasil.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 18 nº. 51 Fevereiro, 2003.

SPOSITO, M.P. CARRANO, P.C.R. **Juventude e políticas públicas no Brasil.** IN: Revista Brasileira de Educação, Set /Out /Nov /Dez, 2003 No 24.

STEPHANOU, L. *et. al.* **Guia para elaboração de projetos sociais**– São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre/RS: Fundação Luterana de Diaconia, 2003.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento.** IN: Af-Revista PMKT 03, p.27, 2009.

TREVISAN, A. P.; BELLEN, H. M. **Avaliação de políticas públicas: uma revisão teórica de um campo em construção.** Revista de Administração Pública, vol. 42, n. 3, p. 529-550, 2008.

UNESCO. **Um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, julho. 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____; FERREIRA, V. C. P. C. A representação social de ONGs segundo formadores de opiniões no município do Rio de Janeiro. In: Revista de Administração Pública (RAP), p.1137-1159, set./out. 2005.

WORTHERN, B. R. *et al.* **Avaliação de programas: concepções e práticas.** São Paulo: EDUSP, Gente, 2004.